

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Fernanda dos Santos Rocha
(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Os horizontes do Jornalismo Cultural em Juiz de Fora:
Análise da cobertura do Quitanda Cultural

Juiz de Fora
Julho de 2010

Fernanda dos Santos Rocha

Os horizontes do Jornalismo Cultural em Juiz de Fora:
Análise da cobertura do Quitanda Cultural

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Ms. Cristiano José Rodrigues

Juiz de Fora
Julho de 2010

Fernanda dos Santos Rocha

Os horizontes do Jornalismo Cultural em Juiz de Fora:
Análise da cobertura do Quitanda Cultural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Prof. Ms. Cristiano José Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 12/07/2010
pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Ms. Cristiano José Rodrigues (UFJF) – Orientador

Prof^a. Ms. Fernanda Pires Alvarenga Fernandes (UFJF) – Co-orientadora

Prof. Ms. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) - Convidado

Prof^a. PhD Márcia Cristina Vieira Falabella (UFJF) - Convidada

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora
Julho de 2010

Dedico este estudo aos apaixonados pela cultura e aos agentes e produtores desta área que realizam seu trabalho com compromisso, buscando defender e valorizar as manifestações artísticas de diversas gerações que contribuíram para o enriquecimento cultural da população.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me guiar num caminho bom, por iluminar meus passos, por me dar forças quando mais precisei, por me ajudar a construir o sonho de ser jornalista.

Aos meus pais, Zezé e Fernando, pelo amor, pelos sonhos sonhados juntos, por me ensinarem a lutar pelos meus objetivos, por entenderem a minha falta de tempo e a saudade acumulada no decorrer desses anos. Nada seria possível sem vocês!

Ao meu irmão Marcus Vinícius, obrigada por ser meu parceiro, pela admiração e amor dito muitas vezes em silêncio.

Aos meus avós Luiza e Sebastião pelo amor mais aconchegante, por me ensinarem a entender a vida de um jeito mais simples e pelo exemplo. E também à minha vó Conceição (in memória), pois sei que torce por mim.

Ao Dan pela cumplicidade, companheirismo, amor e pelas lições que eu quero seguir junto. Obrigada pelas conversas, pela amizade e desculpe-me pela ausência em alguns momentos. Foi tudo mais fácil com você!

Aos meus tios pela força e admiração no trabalho que eu busco seguir. Agradeço ao Tio Zé Carlos (in memória) pela amizade e pelo nosso especial encontro na vida.

Aos meus primos e primas, meus amores, pela amizade que ultrapassa os laços sanguíneos e por tudo o que vivemos e só nós sabemos.

Aos meus amigos, em especial aos de Divino, de sempre e pra sempre, por serem um refúgio quando há esgotamento físico e mental. Pela diversão, alegria, apoio em qualquer situação. E aos demais amigos, aqueles que eu escolhi pra vida, por estarem em meus bons pensamentos e pelos ótimos momentos especialmente vividos.

Aos Discípulos por compartilharem todos os momentos da faculdade, os apertos, os sonhos, as dúvidas, as festas, as conversas e, principalmente, a amizade. Obrigada em especial às meninas, amigas que eu vou levar pra vida, e que me ajudaram em todos os momentos da faculdade e em vários pessoais. Hoje posso dizer que amo vocês!

Às meninas das repúblicas por onde passei, obrigada por me aturarem, pela amizade e por me ajudarem sempre que precisei.

Aos amigos de estágio e em especial os do CAEd pelos ensinamentos e por acreditarem no meu trabalho. À Casa de Cultura, que bem me acolheu e que me apresentou o projeto Quitanda, do qual me apaixonei. Obrigada em especial à Cibele pela atenção, disponibilidade e ajuda em se tratando de tudo sobre o Quitanda Cultural, por dividir textos, materiais, críticas e esse amor pela cultura.

Ao Cris, meu professor e orientador, pelas tardes de segunda-feira, pelas conversas culturais, pelo bom humor, pelos questionamentos e por dividir comigo parte de sua experiência com cultura. Obrigada também à Fernanda Fernandes pela co-orientação, pelos textos, sugestões e críticas construtivas. Aos professores que participaram da banca por serem exemplos de profissionais pra mim e aceitarem meu convite de prontidão. Aos outros professores da Facom que me ensinaram também a questionar e a me preparar para a profissão que seguirei daqui pra frente.

Aos amigos e professores do curso “Pensar e agir com a cultura” pelas reflexões que muito contribuíram para este trabalho, por despertarem em mim ainda mais o interesse pela produção cultural.

Às demais pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho, muito obrigada.

[...] “quando o homem se põe a estudar a cultura, não faz senão estudar a si mesmo, na riqueza imprevisível das suas energias criadoras, como se o espírito se reencontrasse ou se reconhecesse espelhando-se nos feitos da história”.

Miguel Reale

RESUMO

Análise das contribuições do jornalismo cultural em uma cidade de médio porte como Juiz de Fora e sua relação com as matérias do caderno de cultura dos veículos impressos locais e digitais (blogs, portais e sites de relacionamento) a partir do conteúdo noticioso do projeto Quitanda Cultural. Elabora um estudo sobre como as notícias são pautadas e publicadas nestes canais. Estuda os impasses e as prospecções do jornalista cultural, que tem maior liberdade para se manifestar e, portanto, pode ser mais subjetivo e crítico ao mediar a descrição das manifestações artísticas e culturais. Pesquisa, através da clipagem das notícias relativas ao projeto Quitanda Cultural, como todos esses fatores colaboram para a construção de um modelo de cobertura do jornalismo cultural, considerando-se ganhos e perdas.

Palavras-chave: cultura. Jornalismo cultural. Quitanda Cultural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CULTURA	13
2.1 CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	15
2.2 BENS CULTURAIS	18
2.3 DIREITO À CULTURA E À CIDADANIA	19
2.4 O CAMPO CULTURAL E O PRODUTO CULTURAL	23
2.5 CULTURA E REALIDADE	24
3 O JORNALISMO CULTURAL	27
3.1 O JORNALISMO CULTURAL NO MUNDO	29
3.2 O JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL	32
3.3 TENDÊNCIAS DO JORNALISMO CULTURAL ATUAL	36
3.4 A CRISE DO JORNALISMO CULTURAL	38
3.4.1 Do jornalista	41
3.4.2 Visão restrita do que é arte e cultura	42
3.4.3 Marketing cultural	42
3.4.4 Excessivo atrelamento à agenda	43
3.4.5 Influência econômica e da publicidade	45
3.4.6 O papel bem sucedido das assessorias	46
3.4.7 Marginalização da crítica	47
3.4.8 O clichê e a homogeneidade	48
3.4.9 As celebridades e a espetacularização	50
3.5 SOB UMA PERSPECTIVA POSITIVA: O JORNALISMO CULTURAL AINDA PODE DAR CERTO	51
4 O PROJETO QUITANDA CULTURAL	54
4.1 A QUITANDA CULTURAL NA MÍDIA JUIZFORANA	59
4.2 NOS VEÍCULOS IMPRESSOS: JORNAIS TRIBUNA DE MINAS, JF HOJE E DIÁRIO REGIONAL	59
4.2.1 Análise quantitativa	60
4.2.2 Análise qualitativa	65

4.2.2.1 <i>Notas de coluna social</i>	66
4.2.2.2 <i>Notas tijolinho ou de programação</i>	67
4.2.2.3 <i>Notas amplas</i>	69
4.2.2.4 <i>Matérias médias ou grandes comuns</i>	71
4.2.2.5 <i>Matérias grandes com chamada no caderno de cultura</i>	75
4.2.2.6 <i>Matérias grandes com chamada no caderno de cultura e no jornal</i>	77
4.3 NOS VEÍCULOS DIGITAIS: BLOGS, PORTAIS, SITES DE RELACIONAMENTO ENTRE OUTROS	77
4.3.1 Análise quantitativa	78
4.3.2 Análise qualitativa	79
5 CONCLUSÃO	82
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
7 APÊNDICES	89
8 ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural é uma categoria jornalística que pauta a própria população, seus costumes, hábitos, posicionamentos, manifestações, vivências e, portanto, influencia na realidade. A memória de um povo é retratada pela sua cultura e, dessa forma, o jornalismo cultural é fundamental no registro, na divulgação e na promoção da expressão geral e local. Jornalismo e jornalista são pensados na condição de mediadores, portanto, agentes privilegiados no seio da esfera cultural que observam, mapeiam, denominam um assunto capaz de virar notícia. E, no seu trabalho cotidiano, podem e devem utilizar fatores sensitivos para produzir matérias com mais profundidade e qualidade, já que, quando se trata de jornalismo cultural, os padrões e critérios-notícia se modificam, pois os fatos não se prendem somente ao “acontecimento”, há o relato, a interpretação e o comentário enquanto parâmetros para a elaboração de textos. Aliás, a produção da cultura no jornalismo a partir de uma visão radicalmente objetiva foi superada, pois a total imparcialidade diante dos fatos, a isenção, não é totalmente alcançável. Assim, os critérios de noticiabilidade dependem de valores menos previsíveis e mais subjetivos, uma vez que o jornalismo cultural é também um espaço onde se “faz cultura”.

Na atualidade, põe-se em questão a profundidade com que é tratada a notícia de cultura. O elemento pautado pelos cadernos ou editorias culturais é habitualmente tratado como espetáculo, entretenimento, divertimento e evento, o que provoca a redução dos fatos, dos motivos e da importância das manifestações culturais. O objeto revelado pela mídia algumas vezes aparece como clichê e os motivos pelos quais isso ocorre podem se referir à pressa pelo consumo de informações, ao menor destaque e investimento reservado aos cadernos de cultura, ao maior destaque aos sujeitos (personalidades) que se sobressaem sobre o assunto, a um “modelo padrão” criado pelo jornalismo cultural que, na correria diária para a

produção de matérias, escreve textos cada vez mais genéricos e superficiais, entre outros fatores.

Além dos problemas já relacionados, o jornalismo cultural das cidades de médio porte, principalmente, enfrenta ausência de profissionais adequados ou indisponibilidade destes para apurar melhor (já que muitos atuam na produção de matérias de outras editorias), falta de críticos ou comentaristas de cultura na cidade etc. Dessa forma, testemunha-se notícias de fundamental importância para o cenário artístico da cidade serem tratadas como meros acontecimentos de agenda enquanto outras desprovidas de conteúdo mais relevante ganham amplo espaço e cobertura por estarem integradas à indústria cultural.

Dessa forma, tendo-se a visão radical de que o jornalismo cultural praticado hoje, especialmente em cidades de médio porte como Juiz de Fora, vem se deteriorando, o presente estudo busca pesquisar sobre essa categoria jornalística e tecer considerações com base em um projeto relevante no cenário cultural local, o Quitanda Cultural, que possui dois anos de existência e já é visto como um “evento” bastante impactante na cidade.

A ideia de estudar o Quitanda Cultural partiu do grande interesse da autora pelo tema do projeto e pelo envolvimento cultural que ele possui. No desdobramento dos quatro anos de graduação, a predileção pelo jornalismo cultural era um fato, sendo este tema o que mais despertava a atenção durante as aulas e estimulava a busca por novas informações constantemente. A participação em muitas edições do Quitanda, algumas vezes apenas para acompanhar apresentações e produtos e em outras para fazer matérias jornalísticas, foi o ensejo para a escolha deste estudo de caso. No contato com o projeto, a motivação era crescente, pois era evidente que ele tinha algo especial, capaz de fomentar a obtenção de informações complementares. Então, diante da oportunidade de fazer um estudo mais efetivo, a autora se ateu à cobertura deste “evento”, buscando questionar como o jornalista, na função de mediador, transmite para a população sua visão do projeto. Este estudo também é uma

forma de pesquisar e avaliar as contribuições do jornalismo cultural na cidade, já que ele não é comumente analisado. Além disso, as possíveis contribuições deste trabalho seriam não só a acadêmica, ao debater o jornalismo cultural, priorizando o município de Juiz de Fora, como também a realização de um trabalho que possa auxiliar outras pesquisas sobre valorização da cultura e de projetos culturais. Assim, busca-se deixar notar o campo cultural de cidades como Juiz de Fora e abrir o debate para possíveis limites e potenciais superações das barreiras que envolvem o projeto cultural discutido.

O Quitanda Cultural, idealizado pela produtora cultural Cibele Lopes em parceria inicialmente com a Casa de Cultura da UFJF, é um espaço aberto à divulgação dos trabalhos realizados no âmbito artístico da cidade e procura valorizar e maximizar qualquer tipo de manifestação humana. Propõe a abertura de um fórum para o contato direto em culturas diversas, onde é possível o encontro de expressões artístico-culturais oriundas de classes e ideologias diferentes. Assim, sendo um espaço onde todas as criações artísticas coexistem, o Quitanda desenvolve um importante trabalho cultural na cidade e, em um curto espaço de tempo, já se desenvolveu bastante e trouxe à tona novos questionamentos, apresentações e uma maneira inovadora de tratar a cultura: ser um “evento” onde o artista e o público interessado possam ter um contato mais próximo, com mais interatividade, o inverso do que comumente acontece.

De posse desse objeto, esta pesquisa pretende apontar e analisar como a mídia retrata o projeto Quitanda Cultural tendo um olhar crítico sobre as matérias que falam do projeto: se a cultura é mostrada de maneira mais aprofundada, subjetiva e crítica ou se o jornalismo local aborda a cultura como um evento, espetáculo ou entretenimento. Saber se o jornalismo cultural dos veículos impressos da cidade (jornais) e dos veículos digitais (blogs, portais diversos e sites de relacionamento) resguardam o devido espaço para a divulgação dos

produtos culturais que são produzidos no Quitanda e de que forma isso acontece é o principal objetivo deste estudo.

Esse caminho abre novos questionamentos relacionados ao jornalismo cultural, entre eles, a espetacularização da notícia, o agendamento do que é pautado semanalmente (agenda setting), a publicidade e o marketing que envolve as notícias de cultura como produtos “vendidos ao público”, a capacidade dos jornalistas locais em reorganizar as informações e ouvir fontes interessantes para a composição de cada notícia, entre outros fatores que estão incluídos nos textos.

Para tanto, será utilizada como metodologia a clipagem de textos diversos durante os dois anos de existência do projeto, ou seja, entre abril de 2008 e abril de 2010. Esse material será agrupado em categorias específicas e analisado conforme padrões e críticas jornalísticas. Também, será avaliado o ponto de vista da produtora do projeto, que o conhece a fundo.

Este trabalho não trata somente de desqualificar ou qualificar o jornalismo cultural local, mas compreender a produção cultural. Essa abordagem a partir do Quitanda Cultural serve como parâmetro para conhecer melhor o que é noticiado em termos de cultura no jornais locais e nos demais veículos disponíveis na internet e para entender o leitor não apenas como consumidor, mas também como alguém capaz de criar e se expressar culturalmente.

2 CULTURA

Cada sociedade possui uma cultura que configura o modo de vida e a identidade do grupo. A cultura pode ser considerada também informação na medida em que repassa conhecimentos e formas de expressão entre a comunidade atual e as próximas gerações, tudo isso proveniente dos hábitos, práticas, códigos, normas e comportamentos dos seus antepassados. A filósofa e historiadora Marilena Chauí, entende a "cultura como a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística". (2000, p. 376). Dessa forma, conceitua o termo a partir da junção da cultura em sentido restrito e amplo.

O verbete “cultura” apresenta alguns significados dicionarizados, entre os quais é explicado como:

3. O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. 4. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc, transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. (AURÉLIO, 2001, p. 212).

A cultura é, portanto, produção coletiva que se constrói pela interação, como também define Denys Cuche. Ele a entende como um conjunto de significações “comunicadas” pelos indivíduos de determinado grupo humano por meio dessas “interações”. E, ao falar do processo de construção cultural, afirma: “o que vem primeiro é a cultura do grupo, a cultura local, a cultura que liga os indivíduos em interação imediata uns com os outros, e não a cultura global da coletividade mais ampla”. (CUCHE, 1999, p. 107). Entende-se assim que o

que se forma primeiro é a cultura das pequenas relações ou instituições, por exemplo, a cultura da família, de um bairro e, posteriormente, a cultura de uma cidade, um país.

Segundo Marilena Chauí (2000), emprega-se a palavra cultura (os seus derivados, como cultos, incultos) em sentidos muito diferentes e, por vezes, equivocados. O referido termo é explorado indevidamente para especificar sujeitos alfabetizados que possuem prestígio na sociedade e vastos conhecimentos sobre arte, literatura, língua etc. Portanto, são vistos como pessoas que “têm cultura” ao contrário daqueles menos escolarizados, que indevidamente são classificados como pessoas que “não têm cultura”. Os termos "cultos" e "incultos" não são corretos, indicam preconceitos e não conceitos. Todos os humanos são cultos, pois são todos seres humanos que possuem uma origem e uma história próprias da cultura em que estão inseridos. Todo ser humano que vive em sociedade vive dentro de uma cultura.

É importante frisar que existem diferentes culturas e, em cada uma, vigoram normas distintas, que representam valores diversos, que podem ou não se confrontar, mas que precisam ser respeitados. O que em algumas sociedades é grotesco e inaceitável, em outras, é completamente normal e às vezes até mesmo protocolar. Dessa forma, este trabalho pretende estudar cultura não só analisando as contribuições da Antropologia, que entende tal conceito como toda e qualquer manifestação individual ou coletiva de uma sociedade, mas também levando em consideração que cada cultura é importante e possui imensurável valor, não podendo ser vista a partir da questão “evolucionista”¹. Portanto, será ignorada a visão estereotipada, etnocêntrica e eurocêntrica que classifica as mais diversas manifestações culturais como “primitivas” ou “avançadas”. Assim, leva-se em conta a relevância das diferenças e das contribuições particulares de cada cultura.

¹ O termo evolucionista não se aplica a cultura, pois esta não pode ser classificada como “primitiva” ou “avançada”, pois não evolui, mas sim se desenvolve.

A cultura, padrão de vida compartilhado por membros de determinados grupos ou tribos e acumulado ao longo de gerações, é mutável, ou seja, as culturas estão em constante processo de desenvolvimento, introduzindo novos códigos e atualizando valores. Assim, pode-se dizer que a cultura se refere a um complexo sistema de significações, que é dinâmico e permite ser modificado a partir da adesão de conceitos advindos da diversidade de modos de vida. Desta forma, este trabalho foca a concepção de cultura como algo que se edifica pela interação e, assim, influencia na realidade dos indivíduos como a mídia. Na cultura, os indivíduos se projetam e se reconhecem em uma construção contínua, marcada pelas mais variadas formas de expressão e materialidades. Através da disseminação de mensagens, de apresentações artísticas, do diálogo, o homem vai se afirmando, se modificando, se reafirmando e construindo com os outros indivíduos seu modo de pensar, viver, agir, e, portanto, moldando a sua história.

2.1 CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Na medida em que um indivíduo é influenciado por um grupo ou uma cultura, ele se reconhece e adquire o sentimento de pertencimento, responsável pela formação de sua identidade cultural. Dessa maneira, a discussão que envolve esse prisma acaba influenciada por questões várias que envolvem gênero, raça, história, nacionalidade, orientação sexual, crença religiosa, entre outras categorias que moldam a percepção individual ou coletiva do ser humano. A partir dela, o indivíduo vai formando sua personalidade, seus padrões de conduta e, ainda, as características próprias de seu grupo.

Uma pessoa absorve as características do lugar onde nasce, entretanto, se for submetida a uma cultura diferente por muito tempo, poderá aprender a viver de forma diferente e, portanto, adquirir características do novo local onde está inserida. No passado, as

identidades eram mais conservadas, pois o contato com outras culturas se fazia muito difícil. Hoje, com a globalização, isso mudou, pois as pessoas passaram a interagir mais e de maneira mais rápida entre si e com o mundo ao seu redor. O panorama atual da sociedade é repleto de inovações e características temporárias que influem na percepção e na apreensão de mundo do indivíduo. A influência do meio (apesar de não ser regra) pode modificar a percepção do ser humano e, por conseguinte, contribuir para a formação ou modificação de sua identidade. Da mesma forma, o jornalismo, especialmente o cultural, pode influenciar a identidade, pois também é capaz de colaborar com a formação da opinião do indivíduo, dirigindo seus interesses e se relacionando com o mundo em que o sujeito vive.

O geógrafo Milton Santos, em “Por uma outra globalização” (2000), discute a interferência da globalização na construção das identidades. Para Santos o choque de culturas é responsável pela produção de novos conhecimentos, técnicas e ciências. Mas esse fenômeno tenderia a uniformizar os grupos culturais e uma das consequências seria o fim da produção cultural, enquanto gerador de novos conceitos, de novas fórmulas. Isso contribuiria, ainda, para a perda de identidade cultural, primeiramente no plano das coletividades, podendo alcançar por fim o âmbito individual. Dessa forma, há uma tendência de homogeneização das identidades culturais.

Já Stuart Hall (1999) fala das identidades culturais tomando como referência as culturas nacionais e infere que a modernidade propicia a fragmentação da identidade. Para o estudioso, o conceito de nação vai além de uma entidade política – o Estado –, ele é um sistema de representação cultural em que a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam uma dada identidade nacional. O autor afirma que as culturas nacionais produzem sentidos (contidos em memórias, imagens e narrativas tidas como referência) com os quais é possível identificar-se e construir identidades. Entretanto, Hall argumenta que vivemos atualmente numa “crise de identidade” decorrente do amplo processo de mudanças

ocorridas nas sociedades modernas. Assim, as referências e estruturas fixas da sociedade se modificam (como as noções de classe, sexualidade, raça, nacionalidade etc), fazendo com que os indivíduos não mais tenham uma estabilidade no mundo social.

Canclini, em seu livro “Consumidores e Cidadãos”, também enxerga uma crise de identidade no mundo de hoje, global e integrado, em todos os níveis e esferas, mas acredita que isso se deve ao consumo. Para o autor, a desconexão social, a falta de referências transformou o consumo em um elo de ligação entre as pessoas.

A luta das gerações a respeito do necessário e do desejável mostra outro modo de estabelecer as identidades e construir a nossa diferença. Vamos afastando-nos da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. (CANCLINI, 1995, p. 30).

A partir desta perspectiva, as identidades culturais da população ficam abaladas e se tornam confusas. A cidadania passa a se dar através do consumo e, assim como o sociólogo Renato Ortiz descreve: "O dever primeiro de todo o cidadão é ser um bom consumidor. O universo do consumo surge assim, como lugar privilegiado da cidadania. Por isso os diversos símbolos de identidade têm origem na esfera do mercado". (1994, p. 122).

Dessa forma, pode-se dizer que a cultura, responsável por configurar aos povos a sua identidade cultural, garantindo sua integração ao grupo, vem sofrendo mudanças ao longo do tempo e os motivos pelos quais isso acontece passam pela questão da globalização, da perda de referências, do consumo, dentre outros fatores do século XXI. Mudanças que o jornalismo vem acompanhando diariamente.

2.2 BENS CULTURAIS

Paralelamente à definição de cultura, observam-se também os produtos culturais que foram passados por diversas gerações e que são o verdadeiro patrimônio cultural de um povo, pois são manifestações que permitem inovações e invenções da cultura, trazendo dinamismo social. Segundo Roque Laraia “o homem é o resultado de um meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. (2002, p. 55).

O homem recebe conhecimentos e experiências acumulados ao longo das gerações que o antecederam e, se estas informações forem relevantes para o momento presente, podem ser manipuladas e reorganizadas de forma criativa, permitindo inovações e invenções, trazendo qualidade de vida e avanços para uma coletividade. Assim, essas inovações e invenções não representam uma ação isolada de um indivíduo, mas o esforço de toda uma comunidade.

Acrescentam-se sempre novos comportamentos e pensamentos a uma determinada cultura pela interação social e isso confere o dinamismo que propicia às diferentes culturas o pleno desenvolvimento. A herança oriunda de outras gerações é a mais importante matéria-prima cultural que uma sociedade possui. Esses bens culturais podem ser imateriais (língua, relações afetivas, as brincadeiras, jogos, dança, religiosidade, representações artísticas) ou materiais (construções arquitetônicas, objetos artísticos, ferramentas manuais). Todos esses bens são significativos para a sociedade que os criou, possuindo uma função e um propósito prático. Recebidos e recuperados do passado, podem adquirir uma nova roupagem, uma continuidade, necessária e desejada para a fruição da cultura.

Na acepção do museólogo Mario Souza Chagas, bens culturais podem ser assinalados como suportes de informações, como centros de armazenamento de dados históricos e culturais:

Os bens culturais não são a expressão materializada dos fatos ou acontecimentos prontos para serem colhidos e apresentados como prova da “verdade positiva”. Não. Os bens culturais, enquanto signos sem significado em si, são suportes de informação, representação de memória. Vale dizer, no entanto, que a memória e a informação não existem por si mesmas, mas em relação. Tanto a memória quanto a informação são passíveis de utilização para a dominação e para a liberdade dos indivíduos e dos grupos sociais. (CHAGAS, 1994, p.56-57).

Dessa forma, a identidade cultural dos povos é obtida através dos bens e produtos culturais produzidos e presentes em dada comunidade. Esses bens são os maiores patrimônios culturais do povo e fatores relevantes que devem estar contidos nas matérias jornalísticas que buscam tratar com propriedade as manifestações culturais.

2.3 DIREITO À CULTURA E À CIDADANIA

A cultura, patrimônio que a humanidade acumula a cada geração, com seus códigos e valores, deve ser propagada. Defender o direito ao contato de todos com a cultura imaterial, obras fundamentais da cultura (cultura material) e produções do gênio humano é contribuir para o próprio convívio pleno em sociedade.

O artigo XXVII, parágrafo 1, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, afirma que “Toda pessoa tem direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”.

Isto significa que, além do descanso e do lazer, para recuperar a energia gasta com o trabalho, as pessoas também precisam de tempo para se dedicar a atividades culturais. Toda pessoa possui o direito de ter contato com a natureza e com as diferentes formas de expressão da cultura humana como a arte, a música, a literatura, os esportes etc. A participação nestas atividades contribui tanto para o desenvolvimento pessoal como para uma boa saúde física e mental.

Neste ponto há que se diferenciar lazer no sentido mais amplo de lazer cultural. Lazer nada mais é que “1. Tempo disponível; descanso, folga. 2. Atividade praticada nesse tempo; entretenimento, divertimento.” (AURÉLIO, 2001, p. 452). Já o lazer cultural é aquele fruto da cultura de um povo, que tem um propósito que ultrapassa o descanso. É uma atividade resultante do acúmulo do que aprendeu determinada sociedade desde o seu surgimento e que, ao ser transmitida de geração para geração, adquiriu um sentido, se tornando uma arte, um modo de ser fundamentado.

O lazer moderno muitas vezes se confunde com o consumo, que é diferente do lazer descanso e do lazer cultura. Sobre isso, Edgar Morin considera:

[...] o lazer não é mais apenas o vazio do repouso e da recuperação física e nervosa; não é mais a participação coletiva na festa, não é tanto a participação nas atividades familiares produtivas ou acumulativas, é também, progressivamente, a possibilidade de ter uma vida consumidora. (2005, p. 68-69).

A atualidade configura novas formas e relações sociais. Nesse sentido, não só o lazer, como o próprio direito à cidadania, também passa a ser exercido sob a lógica do consumo. Canclini afirma que as modificações ocorridas na maneira de consumir mudaram as possibilidades e as formas de exercício da cidadania. Isto ocorreu devido à degradação das instituições e da política, em que as formas de participação popular foram enfraquecidas, originando outras. Segundo o autor:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem suas respostas mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou da participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 1995, p. 37).

A produção cultural deve se tornar mais acessível, porém, é imprescindível o cuidado na divulgação e democratização do acesso às formas de cultura e de manifestações artísticas.

Estas não deveriam se configurar somente sob a lógica do consumo e da pressão social vinda de cima para baixo. É importante garantir o acesso à diversidade cultural da sociedade, que inclui não só as manifestações que se configuram pelo viés do consumo e da promoção social, mas também é preciso valorizar a cultura popular e periférica, aquela fora da formatação mercadológica e que geralmente é excluída e calada pelos grandes grupos de comunicação detentores do capital informativo. Assim, o jornalismo estará a serviço da igualdade e da constante luta pela cidadania.

Os produtos e manifestações culturais com apelo popular e que têm canais abertos nas redes de distribuição de informação já são há muito debatidos no plano teórico, gerando apocalípticos² e integrados³ sobre a cultura dirigida às massas pela indústria cultural. Para os filósofos da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer, a indústria cultural – o complexo de produções de entretenimento e lazer feitos para o consumo em larga escala – era fruto do sistema capitalista.

A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados a milênios, da arte superior e da arte inferior. Com o prejuízo de ambos. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade e especulação sobre o efeito; a inferior perde, através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude, que lhe era inerente enquanto o controle social não era total. Na medida em que nesse processo a indústria cultural inevitavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessória da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. (ADORNO, 1971, p.288).

Para esses teóricos, a dinâmica industrial reproduz na arte a serialização, a padronização e a divisão do trabalho que automatizam o proletário, originando, assim, um ato cultural pouco valoroso, sem atividade crítica, dissolvendo a experiência autêntica. Esse consumo feito em larga escala criado pela indústria cultural tira a essência da arte, seja ela de

² Termo empregado por Umberto Eco para se referir àqueles que acreditam na decadência da sociedade em função da indústria cultural e da cultura de massa.

qualquer cultura. Diante disso, é importante dar voz a formas de arte autênticas e mais condizentes com a pluralidade e com a riqueza de nossa cultura.

A reprodução da obra faz com que ela perca sua autenticidade, originalidade, subjetividade, natureza e história. Outro estudioso da Escola de Frankfurt, Walter Benjamim, citado pelo jornalista cultural Daniel Piza, sentencia que “a arte em tempos industriais perdeu a sua ‘aura’, tornando-se produto para consumo, para consolo instantâneo, não mais para reflexão ou perturbação”. (PIZA, 2003, p. 44).

Piza, entretanto, considera a questão por outro ângulo. Para ele, a indústria cultural não é tão monolítica assim, pois “há muitas obras de arte feitas para o grande público que têm qualidades sólidas, que são tão densas ou agudas quanto muitas de outras épocas da civilização”. (idem, *ibidem*, p.44).

Dessa forma, observa-se que a questão se torna traumática não por repercutir acerca dos produtos provenientes da indústria cultural. Torna essa situação profundamente controversa o monopólio das obras concebidas exclusivamente para o consumo, ofuscando o espaço que deveria ser destinado também à produção de manifestações culturais e artísticas mais autênticas, mais representativas da alma e das raízes das diversas matizes que constituem um povo.

Resguardar o direito à cultura (não só da cultura de massa criada pela indústria cultural) também é contribuir para o exercício da cidadania. A cultura e as manifestações artísticas não são apenas mecanismos de difusão de conhecimento e informação, são também ferramentas eficazes de transformação e inclusão social, capazes de proporcionar mudanças positivas, relevantes e duradouras.

Ao mesmo tempo, ter direito à cultura implica ter direito às informações sobre a cultura e é a isso que o jornalismo cultural se propõe, a ser um veículo que permita à

³ Termo empregado por Umberto Eco para se referir àqueles que veem a cultura de massa e a indústria cultural de forma positiva.

população o acesso a assuntos que envolvam cultura e arte. Para isso, o jornalismo que trata de cultura precisa ser claro e profundo. Pode-se, portanto, dizer que o fazer jornalístico também participa dessa instituição cotidiana do campo cultural. Garantir o direito à informação cultural é complementar o direito à cultura, é dar espaço para que a sociedade se conheça como criadora de arte, é ampliar a esfera pública e o acesso à cidadania.

2.4 O CAMPO CULTURAL E O PRODUTO CULTURAL

Daniel Piza acredita que o jornalismo cultural é muito amplo, pautando assuntos que vão além do campo puramente artístico.

O campo cultural, também nomeado como setor ou circuito, é vasto. Além das sete principais expressões e formatos de artes – literatura, teatro, pintura, cinema, escultura, música e arquitetura – outros assuntos que pertencem ao universo cultural, embora não sejam exatamente linguagens artísticas e intelectuais, ganharam mais espaço nos cadernos culturais, como a gastronomia, moda, consumo, hábitos e comportamentos. (PIZA, 2003, p. 57).

Além disso, internet, estratégias de marketing e de publicidade, bem como informações sobre formatos dos produtos de mídia, se incluem cada vez mais na parte dedicada à cultura.

Criações artísticas postas em circulação; crítica jornalística que gira em torno desses produtos; agências e assessorias comunicacionais voltadas à produção cultural; secretarias e departamentos públicos do setor; mercado de consumo, envolvendo os usuários desses mesmos serviços; espaços sociais como galerias, livrarias, lojas de CDs, feiras, entre outros; emissoras de rádio e televisão culturais/educativas ou privadas; instituições que desenvolvem ações na área de cultura; e fatos políticos, econômicos ou religiosos que envolvem cultura também fazem parte do campo cultural, como explicita Gadini (2009).

Muito material nem sempre “entra” nas páginas dos cadernos de cultura por ser mais relevantes em outras editorias dos jornais. No entanto, o jornalismo que fala de cultura pode pautar e fazer reportagens que não sejam especificamente centradas no “comportamento cultural”, ligadas ao entretenimento, à arte, ao lazer, mas situadas em um produto. Como a cultura não é algo acabado, formatado e está em constante processo de transformação, qualquer nova dinâmica social pode acarretar novas possibilidades de transformação do ver, do sentir e fará parte desse campo. Dessa maneira, os produtos culturais provenientes da indústria cultura também podem fazer parte desse eixo.

Teixeira Coelho ao falar sobre produto cultural sugere a seguinte definição:

Tratados regionais de integração econômica e cultural definem os produtos culturais como aqueles que expressam idéias, valores, atitudes e criatividade artística e que oferecem entretenimento, informação ou análise sobre o presente, o passado (historiografia) ou o futuro (prospectiva, cálculo de probabilidade, intuição), quer tenham origem popular (artesanato), quer se tratem de produtos massivos (discos de música popular, jornais, histórias em quadrinhos), quer circulem por público mais limitado (livros de poesia, discos e CDs de música erudita, pinturas). (1999, p.318).

A noção de “produto” mostra que a arte transformou-se em mercadoria. A cultura é uma mercadoria inserida no bojo de um negócio que se chama jornal, que é outra mercadoria. “No entanto, essa tendência exigida pelo sistema industrial se choca com uma exigência radicalmente contrária, nascida da natureza própria do consumo cultural, que sempre reclama um produto ‘individualizado’, e sempre ‘novo’”. (MORIN, 2005, p. 25).

2.5 CULTURA E REALIDADE

A noção de cultura está diretamente associada à ideia de realidade, pois, o ser humano (aqui entendido como uma pessoa ou um grupo de pessoas), ao construir sua realidade no presente utiliza conhecimentos e costumes apreendidos no passado, com sua família, com as

instituições que frequenta, com os amigos ou com quem conversa, com os hábitos de vida, etc, ou seja, com a cultura que já possui. E dessa forma, ao mesmo tempo em que vai constituindo sua história, vai interferindo na própria cultura, na cultura das pessoas ao seu redor (pois pode influenciar comportamentos e modos de vida como um líder de opinião) e, em maior proporção, influenciando na construção da cultura coletiva de um grupo, de uma cidade ou de um país, que pode apresentar ou não uma cultura semelhante. Denys Cuche, sobre esse assunto, pontua que:

A pluralidade dos contextos de interação explica o caráter plural e instável de todas as culturas e também os comportamentos aparentemente contraditórios de um mesmo indivíduo que não está necessariamente em contradição (psicológica) consigo mesmo. (1999, p.108).

Em outras palavras, não se pode pensar em uma cultura genuína, mas em várias, com suas diferenças e formas. Não existe uma cultura-modelo que rege as demais, mas variadas culturas com especificidades e modos de construção, desconstrução e reconstrução. As diferentes escolhas dos indivíduos conferem estilos de vida e expressões culturais em determinado espaço social e permitem a construção histórica, como afirma Agnes Heller: “A vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico”. (1992, p.20). Nesse sentido, as ações que se pautam no cotidiano estão intrinsecamente vinculadas ao fazer histórico. A realidade, reorganizada pela cultura, é uma ininterrupta construção social da qual derivam amplas formas de expressão (na qual também se incluem os jornais e demais mídias). Desse ponto, pode-se dizer que o jornalismo também interfere na realidade e na construção do campo cultural.

Na discussão sobre o jornalismo cultural, interessa estudar a cultura como expressão materializada em produtos, textos e manifestações. Estas podem ser pautadas (agendadas em alguns casos), divulgadas ou até mesmo silenciadas pelos próprios meios de produção e comunicação jornalística. E, especialmente em Juiz de Fora, essa monografia discute e analisa

a produção cultural que ocupa os principais espaços dos jornais impressos e dos meios eletrônicos como portais e blogs que falam de cultura na cidade.

3 O JORNALISMO CULTURAL

O jornalismo é algo que forma opinião e, portanto, contribui para a construção da cultura na divulgação dos fatos que uma sociedade acredita ou desaprova. Fazer jornalismo é fazer cultura a todo momento e influenciar a opinião pública.

O campo jornalístico, reforçando as tradições ou revelando novas perspectivas, amplia o horizonte da recepção e detém, conforme Berger, o “poder de incluir ou de excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar e tornar público”. (1996, p.190).

O jornalismo tradicional se fundamenta a partir de um acontecimento e de critérios para uma informação se tornar notícia (valores-notícia) que perpassam por ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo e empatia, tendo como base uma visão precisa e objetiva dos fatos. Usando esses critérios, o jornalista pode moldar a notícia de acordo com o público que quer atingir.

O jornalismo cultural, além disso, pode e deve usar uma visão mais subjetiva ao construir uma matéria. Em primeiro lugar, porque a visão totalmente objetiva de um fato é algo mítico e amplamente questionável. Por intermédio daquilo que o jornalista ou a editoria do jornal elege como pauta e do destaque que se dá a alguns fatos em detrimento dos outros, interfere-se no que o público vai consumir em termos de produto cultural. A imprensa reflete e, ao mesmo tempo, forma certa concepção social de cultura. Logo, a cobertura realizada pela imprensa age na formação de juízos de valor para a interpretação da cultura de um bairro, de uma cidade, de um país, de uma época.

Há, contudo, a máxima de que tudo que permeia o jornalismo é cultural. Mas se tudo é “cultural” não haveria necessidade de um espaço dedicado a tratar da cultura do povo. O que se tem é um adjetivo polissêmico quando se fala em cultura, que pode significar tudo ao

mesmo tempo. Mas, consideradas as definições de cultura citadas anteriormente neste trabalho, pode-se dizer que o jornalismo que se ocupa deste gênero busca analisar a cultura em sua relação com as atividades culturais, intelectuais e, por que não, de entretenimento.

Em termos teóricos, o jornalismo cultural, no entendimento dos estudiosos Segura, Golin e Alzamora, está:

[...] situado em uma zona heterogênea de meio, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos ou de mera divulgação o campo das artes, das letras, das ciências humanas e sociais, envolvendo a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos. O espectro de alcance desse segmento especializado é amplo sob o ponto de vista formal e de conteúdo. É possível considerar, nesse conjunto, desde uma revista literária de pequena circulação, o suplemento semanal de um jornal de grande tiragem, periódicos dedicados a temáticas específicas (artes, música, cinema), cadernos diários reservados a tempo livre e entretenimento, assim como revistas eletrônicas e formatos emergentes na internet. (2008, p. 71).

Para Gadini, o jornalismo cultural compreende:

[...] os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objetividade, clareza, dinâmica, singularidade etc) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem/projetam (outros) modos de pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é consumido. (GADINI, 2004, p.1)

O jornalismo cultural visa à elaboração e divulgação de notícias para diferentes mídias, cujo enfoque central são as notícias culturais, qualquer que seja a sua natureza. Isto é, o jornalismo cultural contempla culturas locais, regionais e nacionais. Inclui também tendências preservacionistas diante das tradições, das crenças e dos conhecimentos populares de um povo ou região, expressos em lendas, crenças, cantos e canções. Portanto, também inclui a folkcomunicação, expressa por Luiz Beltrão como “[...] processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. (2001, p.79). Isso faz parte da conservação

do patrimônio cultural do povo, manifesto pelos costumes típicos de uma determinada comunidade.

A produção de textos para o campo cultural inclui seleção, interpretação e crítica. Porém, mais do que divulgar ou produzir conteúdo noticioso, o jornalismo cultural deve levar o leitor a refletir e propor discussões sobre diferentes aspectos culturais. Além disso, é fundamental que o assunto da pauta seja atual e plural, promovendo a necessária fusão de olhares, interesses e valores que contribuem para a maior veracidade do fazer jornalístico. Ampliar o envolvimento dos leitores com o que se torna notícia deve ser a função do jornalismo, especialmente daquele que fala de cultura.

3.1 O JORNALISMO CULTURAL NO MUNDO

O jornalismo cultural, como uma especialidade dentro do jornalismo, emerge no fim do século XVII. Esse período é marcado por uma produção mais intensa na Europa, principalmente, com resumos de livros, bibliografias de escritores famosos, poemas, artigos sobre literatura, filosofia e ciências. A partir desse período, no entanto, o jornalismo adquire contornos mais definidos, ganhando mercado, periodicidade, maior difusão e se expandindo para outros continentes.

Embora houvesse publicações de poesias e resumos de livros em alguns cadernos datados de períodos anteriores ao século XVII, o marco do jornalismo cultural no mundo se dá em 1711, na Inglaterra, com a criação da revista *The Spectator* por Richard Steelem (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719). Conforme Piza, essa revista tinha a finalidade de “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casas de chá e cafés”. (2003, p. 11). Por trás de pseudônimos, os escritores se tornaram

famosos e se fizeram notar em fóruns públicos. Os temas abrangiam artigos sobre livros, ópera, música, costumes, teatro e política, escritos em tom acessível à população.

O jornalismo cultural nasce em meio à urbanidade, com a ideia de que o conhecimento era divertido e deveria ser compartilhado juntamente com a avaliação dos valores sociais e das artes. Dessa forma, vai se configurando um veículo capaz de traduzir a complexidade cultural de uma maneira mais simples e clara. Por exemplo, na Europa se escreviam resenhas dos salões de arte para a imprensa francesa, o que fez com que a população tivesse acesso ao que provinha dos setores mais elitizados. Essa relação foi determinante, pois, muitas vezes, a leitura era o único meio que um cidadão tinha para acessar uma determinada obra de arte ou certas experiências artísticas. Portanto, o jornalismo foi e é importante ao democratizar conteúdos culturais, permitindo que novos atores possam ingressar na dinâmica social.

Assim, observa-se que o jornalismo cultural se inicia e se concretiza depois do Renascimento, coincide com uma época em que a imprensa já havia sido inventada, as máquinas movimentavam a economia, o Humanismo se propagava e o movimento Iluminista começava a surgir. O jornalismo que se dedica à cultura ajudou a contar a história da Revolução Francesa e acompanhou a industrialização. Assim, foi bastante influente e, com o decorrer do tempo, adquiria novos contornos.

Graças ao poder de difusão da imprensa, uma era de ouro para o jornalismo europeu se consolidava. Por ali, além de Addison e Steele, Samuel Johnson (1709-1784) e John Ruskin (1819-1900) na Inglaterra, Denis Diderot (1713-1784) e Charles Baudelaire (1821-1867) na França, G. E. Lessing (1729-1781) na Alemanha, George Bernard Shaw (1856-1950) na Irlanda, entre outros, abriram caminho para a consolidação dos críticos, ensaístas e articulistas no jornalismo de cultura.

Piza (2003) revela que as opiniões dos críticos sobre livro, pintura, teatro ou qualquer outro tema eram esperadas ansiosamente. Muitas vezes se partia da apreciação de uma

determinada obra para a discussão da mesma ou de algum tema importante que estivesse vinculado a ela. Resenhas de prosa e poesia, ensaios e polêmicas sobre políticas marcavam os jornais. As colunas semanais de articulistas iam sendo moldadas e foram as precursoras dos rodapés literários. Os folhetins garantiam uma perspectiva mais popular de cultura que, ao ser disseminada na imprensa, acompanhava as transformações socioculturais da sociedade.

No século XIX o jornalismo cultural se tornou influente em outros continentes, chegando aos EUA, por exemplo, onde a crítica se expandia com o desenvolvimento industrial acelerado e a maior figura foi Edgar Allan Poe (1809-1849), que depois se tornou famoso por poemas, ensaios e contos misteriosos. A ele, seguiu o ensaísta e articulista Henry James (1843-1916) marcante por suas narrativas de viagens e resenhas literárias.

As críticas se comprometiam com as ideias e realidades das pessoas, não apenas com formas e fantasias, restritas ao “circuito de marfim”. E, dando continuidade à evolução histórica do jornalismo cultural, surgiram as revistas (abrangendo os tablóides semanais ou quinzenais), que em um período de efervescência cultural, incluíam ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, contos e poemas. Aí também o papel do crítico se modifica, pois ele se torna menos moralista e meditativo para ser mais incisivo e informativo, tudo isso, acompanhando a evolução das máquinas, telefones e cinemas, em um mundo pautado pela velocidade e internacionalização. Nesse momento revistas, como a *New Yorker*, criada em 1925, logo se tornaram referência de classe, eloquência e humor, revelando grandes críticos, escritores e cartunistas. Foi também responsável por impulsionar o que se chamou de “jornalismo literário” – que não é jornalismo sobre literatura, mas com recursos da literatura (descrições detalhadas e muitos diálogos). O emprego mais acentuado de ritmo ficcional ao texto de uma reportagem, chamado *new journalism*, foi uma marca da atuação de Norman Mailer e Gay Talese na revista *Esquire*, posterior à *New Yorker*. Além dessas, outras revistas

culturais específicas e com um público-alvo definido também surgem para direcionar os assuntos.

À expansão da imprensa, seguiram as novidades nos recursos gráficos. As revistas e jornais ganhavam cores, ilustrações e projetos gráficos diferenciados. Com o passar do tempo, sobretudo na segunda metade do século XX, a crítica ganha mais espaço na “grande imprensa” com os jornais diários (a exemplo do jornal americano *New York Times*), revistas de notícias semanais ou especializadas (como a revista francesa *Cahiers du Cinéma*, em 1951). São criados também as seções culturais e os suplementos.

Além disso, nos últimos anos o jornalismo cultural vem mais e mais se expandindo para os livros. Coletâneas de ensaios e críticas são mais corriqueiras, assim como projetos de reportagens e biografias feitas diretamente para livros.

Atualmente, com o advento da internet, o jornalismo cultural tem seguido um caminho alternativo. Numerosos endereços eletrônicos se debruçam sobre as mais diversas obras e criações artísticas, compondo painéis de discussão com alcance e interatividade em níveis impensáveis quando comparados aos veículos impressos.

3.2 O JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL

No Brasil, o desenvolvimento do jornalismo cultural está associado à influência francesa e ao advento do folhetim como fórmula atrativa para incrementar as vendas dos jornais, chamando atenção para uma literatura que tem continuação dia após dia e que desperta a curiosidade do leitor. A partir daí, vão se delineando novos contornos a esse tipo de jornalismo, com o reconhecimento do autor de folhetim, das crônicas, críticas, etc.

Mas somente no final do século XIX é que o jornalismo cultural de fato ganha força no Brasil e se destaca com nada menos que Machado de Assis (1839-1908), como crítico de

teatro e polemista literário. E, assim como ele, foi comum muitos outros escritores brasileiros passarem pelo jornalismo cultural, como José Veríssimo (1857-1916), Sílvio Romero (1851-1914) e Araripe Jr. (1848-1911).

No entanto, como Fábio Gomes afirma:

[...] ao longo do século XIX, os jornais brasileiros eram menos órgãos noticiosos que veículos políticos - a princípio, lutavam pela Independência; durante o Império, serviam para marcar o apoio a esta ou aquela facção; até culminar com a promoção das campanhas abolicionista e republicana. Isto não impediu, porém, que a cultura sempre se fizesse presente em suas páginas. (2009, p.9).

Basta que se veja os títulos completos dos primeiros jornais brasileiros, o “Correio Brasiliense” e “Armazém Literário”.

O folhetim, no entanto, seguia como o carro-chefe dos jornais que falavam de cultura. Só com a chegada das novelas de rádio, o folhetim perde um pouco o glamour, submergindo no espaço da imprensa. O cinema começa a ser tratado como expressão artística com a publicação de apreciações de filmes em que, muitas vezes, os comentários inseridos em crônicas relatavam sobre o que ocorria nas sessões, incluindo algum incidente e as reações dos espectadores.

O teatro, em seguida, passou a ser presença constante nas páginas dos periódicos. Também se tornaram frequentes as notas sobre artistas, contos, poemas, comentários e o que mais tarde passou a se chamar de coluna social. Seguindo, deu-se maior espaço ao crítico profissional e informativo, que não só analisava as obras importantes a cada lançamento, mas também refletia sobre a cena literária e cultural. E assim, muitos escritores passaram primeiro pelo jornalismo e pela crítica, recebendo grande destaque Lima Barreto, Mario de Andrade e outros. Como complementa Fábio Gomes:

Maior que a presença do teatro nas páginas culturais na época, só mesmo a da literatura. Havia poucas editoras no Brasil. Os escritores que não conseguiam publicar em Lisboa ou Paris buscavam na imprensa um veículo para sua produção ou mesmo fonte de renda - a remuneração a jornalistas era baixa, mas não se exigia exclusividade. (2009, p. 13).

Em 1928, surge a revista “O Cruzeiro”, que se tornou a revista mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de públicos. Como afirma Daniel Piza (2003), a publicação marcou época, lançou o conceito de reportagem investigativa e deu enormes contribuições à cultura brasileira ao publicar contos de José Lins do Rego e Marques Rebelo, artigos de Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira, ilustrações de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, colunas de José Cândido de Carvalho e Rachel de Queiroz, além do humor de Péricles e Vão Gogo (vulgo Millôr Fernandes).

O papel da crônica na história jornalismo cultural brasileiro também foi significativo, servindo como uma forma de atrair a literatura para o dia a dia e incluía uma combinação de fatores, dos mais realistas e objetivos, chegando até mesmo a assumir um tom de reflexão. De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, muitos escritores-jornalistas foram responsáveis por essa importante contribuição ao jornalismo de cultura do Brasil.

Os textos longos e interpretativos aos moldes do jornalismo literário são mais raros, mas aparecem, por exemplo, na revista “Diretrizes”, dos anos 40. A crítica em jornal se estenderia até o final dos anos 60 com nomes como Álvaro Lins (1912-1970) e Otto Maria Carpeaux (1900-1978) no “Correio da Manhã”, seguidos por Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Meyer, Brito Broca e Franklin de Oliveira. No final dos anos 50, publicações como o “Jornal do Brasil”, “Última Hora” e “Diário Carioca” já tinham estabelecido outro padrão gráfico e editorial, com o uso de cores e gravuras. Esse espaço também era aproveitado para considerar na análise estética aspectos sociais e políticos. Assim, os principais jornais brasileiros habituaram os leitores a suplementos coloridos no final de semana, nos quais fotos

e caricaturas complementavam textos leves. Cada jornal também conservava sua redação e sua captação de publicidade.

Os cadernos culturais, suplementos literários e revistas especializadas em cultura publicavam reportagens, rompendo os modelos de então, no qual o texto servia como base para charges e outros destaques. A grande inovação é que o jornalista saía da redação para buscar nas ruas o seu assunto, buscando entender e trazer ao leitor o dia a dia da capital. No final do século, os jornais começam a destacar também as novas espécies de diversões públicas.

Em 1956, outro marco histórico é criado com o Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo” se tornando modelo para outras publicações num período memorável para o jornalismo cultural brasileiro. Esse suplemento foi dirigido por Décio de Almeida Prado, que o resumiu da seguinte forma:

Não exigiremos que ninguém desça até se pôr à altura do chamado leitor comum, eufemismo que esconde geralmente a pessoa sem interesse real pela arte e pelo pensamento. [...]Uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina. (Piza, 2003, p.37).

Aliar as funções de crítico, repórter e entendido de artes passa a ser a função do jornalismo especializado em cultura. Porém, os anos 90 são marcados pela presença de assuntos no jornalismo cultural que ultrapassam as chamadas “sete artes”. Passam a entrar no rol dos assuntos culturais, moda, gastronomia, design e até mesmo saúde, comportamento, etc, assuntos dos quais os jornalistas e especialistas também precisam estar bem informados.

3.3 TENDÊNCIAS DO JORNALISMO CULTURAL ATUAL

No mundo globalizado, a internet, a TV a cabo, as livrarias, as lojas de discos, as bancas de revistas e o cinema abrem fronteiras o tempo todo. Diante disso, é impossível delimitar o terreno em que a cultura deve estar presente, mas pelo contrário, é possível apontar sua expansão e o que mantém o jornalismo cultural vivo e ativo em meio à enorme gama de assuntos culturais.

Atualmente, projetos, programas e iniciativas de caráter cultural de empresas, igrejas, indústrias e outras instituições ganham espaço nesses cadernos reais ou virtuais, assim como outros assuntos, entre os quais: antropologia, sociologia e história.

A revolução tecnológica que se intensificou a partir dos anos 90, com a consequente introdução de novas mídias ao leitor/espectador, modificou de forma radical a configuração e a veiculação da notícia, tendo forte impacto na maneira de se fazer e consumir jornalismo. Os textos dos veículos tradicionais como o jornal e a revista passaram a ser mais enxutos (quando comparados aos cadernos anteriores) para que abrissem espaço para a diversidade de opiniões. Os acadêmicos passaram então a dividir espaço com escritores, repórteres e críticos, tendo que adaptar seus textos a um novo padrão, bem menos denso e mais acessível do ponto de vista da linguagem.

E assim as editoras cada vez mais passaram a dar atenção à não ficção, a ensaios, perfis, reportagens, biografias e livros de história escritos por jornalistas ou com “pegada” jornalística. Coletâneas de ensaios e críticas são mais corriqueiras, assim como projetos de reportagem feitos diretamente para os livros. Os livros-reportagem, que unem literatura e jornalismo em uma narrativa detalhada e extensa, que não seria suportada pelas mídias convencionais do jornalismo, é uma tendência. São exemplos, “Estação Carandiru” de Drauzio Varella e “Rota 66 - A história da polícia que mata”, de Caco Barcellos.

Muitos jornalistas têm se dedicado também a escrever biografias, gênero que teve um *boom* editorial a partir da década de 1980. E a história cultural, nos mais variados formatos, desde biografias de cidades até relatos de personalidades, continua ganhando bastante espaço. Como exemplo, podem ser comentados “Vale Tudo – O som e a fúria de Tim Maia”, biografia do cantor morto em 1998, escrito pelo jornalista Nelson Mota e “Cazuza: só as mães são felizes”, de autoria compartilhada por Lucinha Araújo e Regina Echeverria.

Também a internet (principalmente) tem servido de caminho alternativo para o jornalismo cultural.

Embora as tentativas de revistas culturais com alguma inteligência e sofisticação tenham fracassado ou apenas “empatado”, esbarrando em questões de escala e financiamento, além de prescindirem do prazer tátil e prático que existe nas edições de papel, a demanda por esses assuntos é inequívoca. Incontáveis sites se dedicam a livros, artes e ideias, formando fóruns e prestando serviços de uma forma que a imprensa escrita não pode, por falta de interatividade e espaço. (PIZA, 2003, p.30-31).

A quantidade de endereços culturais surgidos na internet, inclusive no Brasil - sites como “Nominimo”, “Digestivo cultural”, “Agulha”, etc - e o fato de surgirem cada vez mais veículos de interação social - como *Flickr, Blog, Twitter, My Space, Orkut, Facebook* - que discutem entre outros assuntos, música, comportamento, viagens, livros, teatro e cinema, mostram como é possível falar sobre cultura e artes fora dos canais tradicionais.

A modernidade deu ao consumidor de jornalismo cultural (leitor/internauta) status de “colaborador”, ou seja, os jornalistas de certa forma perderam a exclusividade da notícia, já que hoje qualquer cidadão pode disseminar informações, sem que para isso tenha formação acadêmica ou esteja ligado a uma empresa de comunicação. Luiz Rebinki Junior, no artigo “O jornalismo cultural no Brasil”, elucida que:

O jornalismo cultural, por sua vez, além da adaptação ao novo contexto tecnológico, desde a metade dos anos 1980 vem se modificando ao migrar de um modelo pedagógico para um jornalismo utilitário, onde o que importa não é mais ensinar, mas suprir as necessidades de consumo e as preocupações de ordem individual de seus leitores. (REBINKI JUNIOR, 2008).

O jornalismo cultural tem, com a internet, uma oportunidade singular de se tornar tão relevante quanto às editorias de política, economia e esportes. Afinal, projetos colaborativos como sites de busca, redes sociais e enciclopédias virtuais estão muito mais próximos da editoria de cultura do que de qualquer outra esfera jornalística.

Os cadernos culturais, com suas exíguas páginas, não conseguem mais dar espaço à cobertura da cultura nacional e, muito menos, à internacional. A limitação física do papel reservou à internet grande impacto e ela desponta agora como uma mídia alternativa, capaz de se agregar aos jornais e às revistas. Na web, o espaço é imensurável, o que possibilita, pelo menos em teoria, maior aprofundamento dos temas. Apesar disso, o imediatismo faz com que se valorize mais a cobertura do que a análise; a interpretação ainda fica a cargo dos veículos tradicionais, na maioria dos casos. A múltipla rede de possibilidades da internet, no entanto, favorece o leitor por permitir a interação com outros formatos, obtendo-se informações a partir da interseção de diversos canais. Tudo isso vem modificando de forma radical a maneira como os leitores se relacionam com a informação e, conseqüentemente, dando nova dimensão à notícia.

3.4 A CRISE DO JORNALISMO CULTURAL

O jornalismo cultural é uma importante forma de mediação cultural, um processo no qual se faz necessário uma observação da realidade e da história para selecionar e reportar de forma crítica as informações de interesse público e, por que não, do público. Nesse processo, o jornalista se compromete com a produção de sentidos e a construção de identidades em

meio à realidade que o cerca. No entanto, esse jornalismo, na modernidade, vive crise de identidade, como corrobora Piza:

Em todos os países há uma noção de “crise” vigente. O jornalismo cultural, dizem os nostálgicos, já não é mais o mesmo. De fato, nomes como Robert Hughes hoje são mais escassos; revistas culturais ou intelectuais já não têm a mesma influência que tinham antes; críticos parecem definir cada vez menos o sucesso ou fracasso de uma obra ou evento; há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. O jornalista cultural anda se sentindo pequeno demais diante do gigantismo dos empreendimentos e dos “fenômenos” de audiência. As publicações se concentram mais e mais em repercutir o provável sucesso de massa de um lançamento e deixaram para o canto as tentativas de resistência – ou então as converteram também em “atrações” com ibope menor, mas seguro. (PIZA, 2003, p.31).

O jornalismo, portanto, vem sofrendo influências do mercado, dos editores do jornal, do próprio jornalista, entre outros fatores. O que, muitas vezes, leva ao empobrecimento da pautas, à abordagem superficial dos fatos, à homogeneização dos textos, ao agendamento das matérias que são preparadas como se fossem eventos, à perda da investigação das reportagens, ao assédio bem-sucedido das assessorias, etc. Além disso, a aceleração dos processos editoriais provocada pelo impacto das novas tecnologias da informação faz com que os produtos do jornalismo cultural tenham que ser processados e repassados ao leitor-consumidor em regime de urgência, o que motiva um forte desgaste no produto final que são as matérias e, por conseguinte, nas empresas de comunicação e nos próprios jornalistas.

Boa parte das grandes e pequenas publicações jornalísticas, há tempos, sofre com a ausência de críticos capacitados no que se refere à cobertura da seção cultural. Não desconsiderando o interesse e a formação dos estudantes de comunicação atraídos por esta área, é visível a falta de preparo não só dos jornalistas, bem como dos meios de comunicação quando precisam tratar de cultura em geral (artes plásticas, resenha de livros, discos, cinema, teatro, dança etc). Os profissionais da área de comunicação “especializados” em tratar de arte e cultura não convivem no ambiente onde há efervescência cultural. Quando muito, ouvem “boa” música, vão ao cinema e leem resenhas para escrever suas matérias jornalísticas. Dessa

forma, pode-se dizer que quem participa ativamente da produção cultural do país, da cidade (ou em qualquer outro âmbito), são os agentes, produtores culturais e artistas que buscam “a duras penas” trabalhar com a cultura de maneira pró-ativa. E, ressalvas feitas às exceções que comprovam a regra, os jornalistas culturais escrevem para si mesmos e, num exercício de puro narcisismo, abusam do texto com uma absoluta falta de assunto.

No país e nas metrópoles, como também nas cidades de médio porte como Juiz de Fora, observa-se que notícias dignas de nota se transformam em reportagens onde a falta de conteúdo é nítida. Notícias com valores distintos recebem o mesmo tratamento como, por exemplo, uma apresentação de teatro consagrado e uma apresentação de dança escolar de fim de ano. Grandes notícias locais perdem espaço para celebridades de fora que, mesmo sem muito conteúdo, se apresentam com grande apelo na cidade. Há maior valorização do que é externo, patrocinado pelo capital de ricas empresas, exibindo apresentações luxuosas, mas pobres de significado.

Os cadernos diários estão mais e mais superficiais. Tendem a sobrevalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal (“Como começou sua carreira?” etc.); a restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); a destacar o colonismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”, que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao *press release*). Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas de consumo cultural. (PIZA, 2003, p.53).

A grosso modo, constata-se, de forma melancólica, que com a falta de assuntos e conteúdos, os interesses mudam, as pautas se modificam, o aprofundamento cai na superficialidade. Dessa forma, alguns problemas e “perigos” do jornalismo cultural de hoje podem ser apontados. A seguir, com base na leitura de textos e livros diversos, será mostrado um apanhado sobre esses principais perigos que podem comprometer a cobertura cultural. As especificações de cada categoria são apontadas pela autora sem se basear em autores

específicos, mas a partir da leitura sobre o assunto, levando em conta os principais aspectos negativos ou problemas mais relevantes.

3.4.1 Do jornalista

Uma obra pode ser glorificada ou rejeitada de acordo com o humor e o conhecimento dos jornalistas que a escrevem e com a seleção ou direcionamento do editor. Os profissionais se colocam por vezes como adoradores de um assunto e, em outros casos, como críticos ferrenhos, baseando seu argumento em lembranças nostálgicas do que dizem ter vivido ou levando em conta o gosto pessoal reportado como um consenso entre a população. Eles devem usar da sua subjetividade para noticiar o envolvimento da arte e cultura em relação à população que consome esses produtos. No entanto, o critério pessoal, por vezes exacerbado, carregado de preconceito ou baseado no que se tem como senso comum, é tomado como um fio condutor no que se refere ao tratamento das matérias dos segundos cadernos.

Embora a questão pessoal influa no direcionamento das pautas, o que fica mais evidente é a falta de conhecimento ou preparo dos jornalistas em relação a questões que envolvem o campo cultural. Isso se deve às falhas de formação desses profissionais e ao pouco (ou nenhum) investimento dos veículos de comunicação em seus funcionários, os quais deveriam participar mais profundamente desse circuito cultural para conhecê-lo melhor e, dessa maneira, noticiar mais adequadamente.

O direcionamento das matérias pelo editor, geralmente sem se preocupar em ao menos parecer isento frente ao grande público, se baseando na visão política ou ideológica dos jornais, também é um fator que preocupa, pois nem toda a população sabe se proteger do poder da mídia ao influenciar na visão de mundo de cada indivíduo.

3.4.2 Visão restrita do que é arte e cultura

Os jornalistas dão maior atenção a circuitos mais restritos, deixando, com isso, de ampliar a visão do público em relação a outras formas de arte e cultura. Os jornalistas se prendem a formas artísticas comuns instauradas na sociedade e não se deixam tomar por formas “ousadas” de manifestações da cultura, disponíveis na contemporaneidade. Esses profissionais se prendem ao que se convencionou chamar de arte. Enquanto isso, há uma infinidade de concepções novas, modernas e desconhecidas que precisam ser exploradas. Por exemplo, o teatro de arena, o teatro invisível, são produções artísticas que raramente são tratados pelos veículos de comunicação. Da mesma forma, culturas muito diferentes da nossa são levadas aos jornais somente como casos de estranhamento, sendo pouco valorizadas enquanto cultura. Isso nos leva a crer que é preciso observar esse mercado sem preconceitos ideológicos e visões conservadoras que impedem o conhecimento de outras vertentes.

3.4.3 Marketing cultural

Os produtos culturais, na maioria das vezes, são encarados como mercadorias. Os jornais simplesmente divulgam a informação de uma arte que cada vez mais se torna consumo e pode ser regida pelo marketing da indústria cultural das grandes editoras, gravadoras e TVs. Criam-se “fórmulas de sucesso” que, carregadas de apelo consumista e adjetivos positivos meses antes de serem lançadas, fazem a cabeça do leitor-consumidor que, quando vai adquirir o produto cultural, se dá conta de que o produto em questão não traz tantos artifícios quanto o fez crer o marketing cultural que estava por trás dele. O otimismo e a exuberância de musicais da Broadway que desembarcam no Rio de Janeiro, como a “Noviça Rebelde”, “Moulin Rouge”, “O Fantasma da Ópera”, entre outros, muitas vezes estão somente no marketing e

não se configuram na realidade. Há um domínio muito grande dos nomes já consagrados, dos eventos de previsível grande bilheteria, das celebridades e das grifes.

Lemos muito sobre discos, filmes, livros e outros produtos no momento de sua chegada ao mercado – e, cada vez mais, antes de sua chegada ao mercado, havendo casos em que a obra é anunciada (e, pois, qualificada) com diversos meses de antecedência. No entanto, raramente lemos sobre esses produtos depois que eles tiveram uma “carreira”, pequena que seja, e assim deixamos de refletir sobre o que significaram para o público de fato. (Piza, 2003, p.51).

Por isso, o jornalista precisa ficar atento à pressão a que é submetido, que envolve um sem número de CDs, livros e releases. Não se deve confiar no marketing cultural que está por trás das produções, dos discursos de autoridades e pessoas influentes. É preciso avaliar os produtos para além da opinião de fontes oficiais (que podem estar submetidas ao mercado do marketing), das assessorias, etc. É necessária uma avaliação o mais isenta possível e, sobretudo, conhecida em profundidade e, de preferência, que passe também pela apreciação do cidadão comum que consome cultura e arte.

A publicidade, que coloca em circulação propagandas e anúncios a todo o momento, também qualifica os produtos culturais antes mesmo destes chegarem ao mercado. Dessa forma, incita o consumo a partir de critérios, especificidades e qualificações positivas tidas como verdades absolutas pela publicidade que os cria. O jornalista não pode se deixar levar por essas classificações criadas pela indústria cultural e que não possuem uma base concreta.

3.4.4 Excessivo atrelamento à agenda

Outra perda do jornalismo cultural em meio a essa confusão de valores é sua submissão ao cronograma dos eventos. Os assuntos são pautados e noticiados a partir de uma agenda que rotula o que será digno de divulgação em determinado período.

A temática do *agenda setting* confirma que a mídia tem a capacidade de influenciar na projeção dos acontecimentos dirigidos ao público pelos meios de comunicação. Dessa forma, um ambiente seria fabricado pela mídia, aquele em que os assuntos a serem discutidos e levados à tona seriam previamente estabelecidos e datados. Essa temática refere-se ao poder que o jornalismo exerce sobre a opinião pública e tem por definição “[...] um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”. (BARROS FILHO, 2001, p. 169).

Esse conceito, que faz parte da realidade dos veículos informativos, também é abordado por Sérgio Luiz Gadini (2009) ao afirmar que as insuficiências e lacunas a serem preenchidas pelo jornalismo cultural traz ao público uma predominância de determinados tipos de eventos presentes em todo e qualquer veículo de comunicação, simultaneamente. As editoriais fecham-se em eventos pontuais e imediatos, mesmo tendo uma variedade temática enorme.

Assim sendo, o jornalismo cultural deixa de ser praticado a partir de uma concepção espontânea, independente e factual. Nos moldes atuais, passa a ser realizado sob a lógica de lançamento de produtos e projetos por parte dos grandes estúdios e indústrias da cultura. Dessa forma, a visão de um jornalismo cultural cada vez mais comprometido com a agenda também encontra respaldo em outros autores.

Pautado pela dinâmica das indústrias culturais, pela sua estrutura de lançamentos e distribuição, as manifestações estéticas, no jornalismo cultural contemporâneo, são percebidas predominantemente a partir do espetáculo e do evento. A interpretação estética e a representação do sistema artístico-cultural organizam-se com base em uma linguagem de antecipação, configurando a expressão cultural como uma sequência linear de atividades: aberturas de exposições, estréia de espetáculos, lançamento de discos e livros, entre outras atrações. (PEREIRA, 2007).

O jornalismo cultural que se apoia em eventos planejados e pautados com base nos materiais das assessorias de comunicação apresenta redução da complexidade das suas reportagens e o que se vê comumente são textos simplórios e bastante superficiais. Esse panorama levou a definir-se como “especiais” as matérias bem organizadas e apuradas, em outras palavras, o que era regra se tornou uma exceção.

O conteúdo cultural proveniente destes assuntos frequentemente é reduzido a notinhas sobre o produto ou evento, quando poderia de fato ser digno de uma cobertura mais ampla, até mesmo para explicar a sua importância, o que ele representa para a arte e cultura, o processo criativo, quais seus principais nomes, etc.

3.4.5 Influência econômica e da publicidade

Devido à crise financeira pela qual passam os jornais e as editorias, uma saída é cortar os excessos. Infelizmente, o jornalismo cultural é sempre a vítima. Nada que impeça os grandes jornais de continuarem sua insaciável impressão de resenhas e críticas de artes, livros, discos e espetáculos, pois se observa que a cobertura cultural não para. Trata-se de uma alteração no que se refere à produção do material jornalístico, uma vez que este passou a ser realizado pelas pessoas mais ligadas a determinados grupos – e não por profissionais que se preparam para isso. Assim, também se vê comumente profissionais sem vastos conhecimentos sobre cultura atuarem nesta editoria, enquanto deveriam estar em outra. Da mesma forma, o pagamento de viagens ou jantares, entradas gratuitas em shows e demais eventos, os sem-número de CDs, DVDs, livros, que se traduzem no famoso “jabá”, são um enorme perigo pelo qual passam os jornalistas que, dessa forma, se sentem na obrigação de valorizar o produto cultural ou artístico em questão.

Se o filme de uma produtora qualquer será lançado, este recebe incontáveis resenhas favoráveis, raras críticas negativas, mas nada que desprestigie o elogio quase unânime da obra em questão. Nota-se, aliás, que a opinião dita por um “crítico” é repetida pelos demais jornais e revistas. Essa prática torna-se maléfica quando o produto em avaliação não é digno de méritos e seu conteúdo em nada contribui para a intelectualidade do leitor.

A infiltração econômica no jornalismo cultural o faz obedecer a uma lógica de mercado responsável pelo conteúdo final, que pode ser considerado fruto indireto da publicidade. O interesse de fortes empresas nos projetos editoriais também é outro fator que pesa nos “critérios de noticiabilidade” dos veículos. As páginas que deveriam ser ocupadas com fatos e dados do universo cultural ganham anúncios disfarçados de reportagem. A visão das corporações que patrocinam os jornais também influi na formatação das pautas de que o jornalismo irá tratar.

Nesse processo, o jornalista faz uma triagem dos produtos culturais, atua como um filtro, produzindo perspectivas parciais sobre a cultura de seu tempo. Essa parcialidade significa priorizar a divulgação dos produtos e relegar a um segundo plano ou praticamente ignorar certos processos culturais. Entende-se por processo cultural o próprio movimento do sistema artístico-cultural expresso nas políticas públicas de cultura, na economia do setor, no marketing cultural e em questões que antecedem ou estão além do evento, lançamento ou produto acabado. (CUNHA, FERREIRA e MAGALHÃES, 2002).

3.4.6 O papel bem sucedido das assessorias

O tamanho e a qualidade dos textos tem sido motivo de questionamentos. Os textos apresentam um conteúdo superficial, especialmente aqueles que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos *press releases*, salvo pelo acréscimo de uma declaração qualquer e de alguns adjetivos. Dessa forma, as assessorias têm êxito em seu trabalho, pois o seu produto acaba divulgado como informação moldada positivamente. Ao contrário, o leitor recebe um texto manipulado, o que não condiz com a prestação de serviços que o jornalismo

deve ter, de entregar ao seu público um material tratado jornalisticamente e não fruto de uma cópia forjada pelas assessorias de comunicação.

3.4.7 Marginalização da crítica

As críticas, com poucas linhas e pouco destaque visual, são cada vez mais baseadas em “achismos”, em adjetivações, no palpite, no comentário mal fundamentado, mesmo quando há espaço para embasá-lo. Há uma nostalgia, apoiada pelas reedições de coletâneas de grandes autores do passado, enquanto os novos projetos e nomes, que deveriam merecer uma posição favorável, não são valorizados.

Mesmo os leitores habituados a textos menos curtos e mais superficiais, a estilos pouco marcados pela inteligência crítica e com repertório cultural mais limitado (seja por escolha própria, seja por ignorância a respeito dos outros repertórios) percebem que o jornalismo cultural de hoje, na maioria das vezes, é pouco reflexivo e não explora a potencialidade das pautas formuladas.

O padrão das colunas também caiu porque em parte foram entregues a “personalidades” que se destacam mais por seu nome do que por seu texto ou porque o escritor profissional ignora a cultura propriamente dita para falar da impressão dos fatos corriqueiros ou assuntos da semana. O autor de uma matéria não tem familiaridade com o assunto ou então fala apenas a aqueles que possuem os mesmos códigos e jargões. Assim, os livros, filmes, discos, exposições e ideias a debater são lançados para um segundo plano. Perde-se com a previsibilidade do costuma ser encontrado nos textos considerados críticos.

Há excessos de entrevistas em que não se contesta o entrevistado, de resenhas que desperdiçam o pouco espaço com rara criticidade, de colunas que simplesmente narram o dia a dia do autor. Os perfis relacionam menos o artista com sua criação, os textos que deveriam

se deter a uma observação mais abrangente de uma obra se contentam em retratá-la superfluamente, há uma carência de articulistas perspicazes que valorizem conceitos e ideias para abordar melhor o cotidiano. Sobre os problemas da crítica, Daniel Pizza ressalta:

É uma luta inglória, quem sabe perdida, a de defender a crítica e, especialmente, os críticos. No Brasil, onde o medo de emitir opinião é tão arraigado que só deixa espaço para o silêncio ou o achismo, o posicionamento a esse respeito é ainda mais temerário. Mesmo porque os críticos, quase sempre, têm sido apenas sujeitos que confundem lanterna com farol, mas continuam perdidos. Não espanta que sejam tão pouco encorajados. No entanto, a crítica é muito importante, vital, para qualquer cultura, e há uma série de lugares-comuns sobre ela que precisam ser combatidos com urgência. (2000,332)

A crítica continua sendo a base do jornalismo cultural e por isso merece ser bem tratada. Ela não é responsável apenas por influir na produção cultural, desfavorecendo-a e encontrando falhas, mas incitando a inovação, a colocação de novos valores e conceitos nas produções culturais responsáveis pelo desenvolvimento criativo e social. Isso faz com que os produtos e manifestações culturais sejam mais dinâmicos, contestadores e contínuos. Dessa forma, a crítica contribui também para uma maior profissionalização dos agentes envolvidos com a cultura.

O jornalista deve estimular o leitor a ter opinião e a explorar mais adequadamente a experimentação do consumo cultural. Este é o único meio de vencer os preconceitos em relação à indústria cultural, seja aquele que supõe que ela esteja a serviço de uma ideologia opressora que produz apenas massificação e jamais a grande arte ou aquele que supõe ser cultura de massa a expressão direta da vontade da maioria.

3.4.8 O clichê e a homogeneidade

O jornalismo de cultura tem o perigo de reduzir suas matérias a conteúdos que não passam de reproduções pobres e reduzidas de lugares-comuns que não se configuram na

realidade. A valorização do que é da elite, do que possui “aura-artística”, dos salões e galerias de arte, dos museus e academias em oposição à cultura popular (que não é pobre, mas do povo, aquela que atinge uma maior gama de pessoas), é algo que se encontra em larga escala em textos e artigos.

A valorização do que vem de fora (internacional ou da capital) em detrimento do que é produzido internamente (nacional ou localmente) é outro lugar-comum que costuma aparecer nos jornais, sendo inclusive mote para a colocação de posicionamentos e destaques nos cadernos de cultura. Mas, na realidade, o importante é aquilo que a notícia representa para boa parte da população e não a posição que ocupa na dualidade entre “interior” e “capital”. Outro perigo que deve ser observado se refere à tentação de se reproduzir o discurso já desgastado que insiste em afirmar ser a produção cultural internacional superior à nacional.

Tem-se também uma tendência de aproximar a cobertura cultural daquela de outras editorias, como política e economia, por exemplo. O jornalismo cultural, entretanto, é outro, e precisa ser trabalhado criativamente e sem “modelos”. A homogeneidade do que aparece como notícia inibe a criatividade dos responsáveis pela matéria, e isso se dá, talvez, pelo intenso volume de informações a ser trabalhado e nos prazos estipulados pelo *dead line*. No entanto, essa desculpa não pode ser motivo para uma completa homogeneidade dos textos.

A criação artística posta em circulação tende a se tornar repetitiva, criando-se modos de pensar e hábitos nos consumidores que já estão habituados a receber aquele “mesmo” tipo de matéria do campo cultural. No entanto, o jornalismo cultural não pode nem deve se basear em esquemas da “pirâmide invertida”, das perguntas do *lead* ou de outros padrões que até funcionam para outras editorias, que não a cultural. O papel do jornalista de mediar um acontecimento ou assunto, trazendo um recorte não só do que vê, mas do tato, olfato, gestos de quem entrevista é o que configura ao gênero do jornalismo cultural a profundidade e o

destaque que ele possui. O espaço de cultura é também um dos modos de ser, agir, se informar, criar, fazer arte, pensar, viver e de se divertir.

3.4.9 As celebridades e a espetacularização

A noção do que é furo de reportagem no jornalismo cultural vem sofrendo distorções. Uma nova forma de arte, uma prática moderna de se fazer cultura perde espaço para o “furo” desfigurado, visto como o fútil envolvimento de uma celebridade com o acontecimento. Enxerga-se uma tendência ao menosprezo de outros assuntos culturais paralelos em favor do enfoque de pessoas famosas. Valorizam-se as celebridades e não o assunto ou o conteúdo como um todo. Isso é um grave erro, visto que o jornalismo de cultura não deve ser aquele que se destina a tratar unicamente de “fofocas” e *super stars*, mas sim um canal que contribuía para a formação e disseminação de manifestações genuínas.

Enquanto deveria-se lutar contra essa realidade, as celebridades ganham destaque a cada minuto, roubando a cena. Como declara Guy Debord, a sociedade lida com o espetáculo constantemente:

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD, 1997).

Não importa o quanto o jornalista se supõe importante ou o quanto o jornal quer vender. Ao jornalismo cultural, em tese, cabe a reportagem e a seleção de material que serve de apoio ao leitor que deseja aproveitar seu tempo livre, seja no teatro, no cinema, ou até mesmo na televisão. Para tanto, o jornalismo cultural deve ser pleno e pode até sofrer algumas mudanças, o que é natural em um processo evolutivo. No entanto, os critérios que garantem a sua plena atuação devem ser levados em conta.

O jornalismo cultural pode sofrer crises de identidade frequentes, e é bom que sofra – até porque, como na arte, a condição moderna é “crítica”, isto é, envolve sinais de crise, é instável, cíclica, plural –, mas as dicotomias fáceis só lhe têm feito mal. Recuperar um pouco ao menos de sua capacidade seletiva, de seu poder de influência, implica antes de mais nada escapar a oposições, todas estreitamente ligadas entre si. (Piza, 2003, p.45).

O “jornalista cultural” pode (e deve) ocupar uma posição de destaque. Ele tem uma audiência enorme que necessita de alguém para lhe dirigir a palavra. A cultura merece mais respeito do jornalismo em geral e uma observação mais atenta e interessada do leitor.

3.5 SOB UMA PERSPECTIVA POSITIVA: O JORNALISMO CULTURAL AINDA PODE DAR CERTO

Vê-se que as editorias culturais têm sofrido um brutal corte de verba, poucas vezes os segundos cadernos têm ganhado destaque na primeira página e, raramente, rádio e a TV apresentam segmentos para os assuntos culturais. Fala-se constantemente de um “mal-humor” no jornalismo cultural, as críticas são ferrenhas, mas é possível dizer que essa categoria ainda pode dar certo. É preciso preservar aquilo que funciona, atrai leitores e enriquece o universo artístico e, a um só tempo, a aperfeiçoar eventuais pontos fracos. Há muitos veículos e profissionais de qualidade na atualidade. Outros jornalistas ainda precisam de espaço e preparação para atuarem nessa arena, mas tudo é uma questão de seletividade e valorização. Muitos autores acreditam nisso, Piza é um deles:

Com o decorrer dos anos, a história do jornalismo cultural não parou de ser escrita, e os grandes nomes de hoje nada devem ao passado, embora proporcionalmente influam menos; há espaço para recuperar essa influência, pois o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementam argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas. (PIZA, 2003, p.31-32).

Investir nesse espaço não significa obrigatoriamente aumentar o número de páginas destinadas a ele, mas sim apreendê-lo de uma forma mais singular, permitindo-lhe desenvolver seu papel dentro do veículo. É contar com profissionais que disponham de sensibilidade literária, que saibam exprimir emoções e emitir pontos de vista diante das múltiplas possibilidades que a realidade traz; é contar com uma equipe que possua bagagem cultural, capaz de ser sutil e elegante nas críticas, entrevistas e reportagens, autorizando a pluralidade do texto e a ampla repercussão que ele possa ter entre os leitores.

A seção cultural sempre foi um poderoso vértice de identidade do leitor para com a publicação. Os jornalistas que são dotados de um olhar cultural sobre os fatos e que debatem o mundo como um todo ainda existem. Além disso, a natureza dos assuntos tratados por essa seção, do cinema à moda, da literatura à música, é obviamente convidativa.

Esses segundos cadernos são mais importantes para os jornais e revistas do que eles costumam imaginar. Como afirma Daniel Piza (2003) a seção é a primeira ou a segunda mais lida depois da primeira página (ajudada, como se sabe, por quadrinhos, coluna social, horóscopo etc). É também o local de onde o leitor muitas vezes extrai suas referências afetivas, seus laços afetivos com a publicação.

O jornalismo impresso hoje, que ainda tem suas qualidades, perdeu campo para o imediatismo de outros meios; no entanto, assumiu outro papel, mais interpretativo e profundo. Se jornal impresso não tem suportado o peso de uma carga de informações positivamente construídas, outros canais de comunicação são bem-vindos para se prestar ao papel de informar e buscar novas interpretações e leituras.

Os veículos onde o cidadão passa da condição de consumidor para produtor de informações como *My Space*, *Twitter*, *Blog* se ampliam. Estes são reprodutores de informações também na medida em que traduzem visões individuais ou coletivas dos anônimos, aproximando essa nova gama de críticos e comentaristas ainda mais do grupo a

que eles pertencem, tal fator beneficia decisivamente para a disseminação de informações conceituais sobre arte e cultura.

Pode-se dizer também, de certo modo, que com o surgimento de diversas tecnologias que recuperam o passado cultural (como CDs, DVDs e a própria web) a análise cultural ganhou força. Isso se vê também na onda de grandes documentários culturais. E, embora as boas publicações da área já não tenham a influência de antes, elas continuam a manter o padrão, como as revistas *New Yorker* e *Spectator*, os suplementos de grandes jornais europeus e americanos e os tabloides intelectuais.

No Brasil, a queda é mais acentuada, sobretudo por causa das dificuldades econômicas. Mas os obstáculos mentais precisam ser retirados. É preciso ter profissionais competentes e estimulá-los em seu trabalho, valorizando sua criatividade e rigor, estimulando-os a estudar, viajar e reorganizar ideias. O jornalismo deve saber e, ao mesmo tempo, convidar e provocar o leitor. Provocar através de uma opinião diferente e também convidá-lo a conhecer um repertório novo, com informações inéditas e reflexões diversas.

4 O PROJETO QUITANDA CULTURAL

O Quitanda Cultural surgiu em abril de 2008 a partir de uma parceria firmada entre a produtora cultural Cibele Lopes (a idealizadora do projeto) e a Casa de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora. A proposta era produzir quitandas (tardes culturais) sempre na segunda quinta-feira de cada mês e transformar o espaço da Casa em um local de multiplicidade e efervescência cultural.

A iniciativa partiu de uma demanda da cidade em relação a eventos culturais e do desejo da produtora de criar um evento que reunisse várias manifestações artísticas, atraísse as pessoas e encurtasse a distância entre arte/cultura e público. Quanto ao nome do projeto, Cibele Lopes destaca:

Fiquei pensando num nome que retratasse de forma conceitual e popular a proposta do projeto, ou seja, a mistura. Aí pensei numa Quitanda, onde tem muitas opções sempre. A diferença é que na minha Quitanda oferta-se cultura em suas mais variadas vertentes. Tem gente que brinca 'Me dá 2kg de música e 5kg de poesia'. (APÊNDICE A, p. 89).

O objetivo maior do projeto era divulgar os trabalhos realizados no âmbito cultural de Juiz de Fora, bem como valorizar e maximizar o trabalho realizado na Casa de Cultura. Esse espaço seria, portanto, um local onde as pessoas pudessem sentir, ver, ouvir e respirar cultura. Nesse ponto, a cultura abrangeria todo e qualquer tipo de arte, ou seja, artes plásticas, música, moda, quadrinhos, artesanato, grafite, hip hop, cinema, teatro, exercícios voltados para o bem estar do corpo e da alma entre outras manifestações artístico-culturais.

O Quitanda pretendia, assim, abraçar um público diferente, novo, abrindo horizontes para o verdadeiro processo criativo: o contato direto de quem cria e de quem “consome” cultura e arte. Dessa forma, seria construído um lugar onde os produtores de cultura da região, não só artistas, mas também professores, estudiosos e pensadores pudessem criar núcleos de

produção, debate, crítica e divulgação de suas experiências de formação e análises de informação.

Então, desde que essa parceria foi efetivada, o Quitanda Cultural passou a acontecer na Casa de Cultura da UFJF de forma regular e em crescente expansão, pois é um trabalho que valoriza o talento de vários artistas que, muitas das vezes, não tem como mostrar sua arte. A idealizadora do projeto, Cibele Lopes, define esse processo:

Eu acredito que o projeto é uma possibilidade de maximizar trabalhos e talentos artísticos na cidade. E, às vezes, percebo que muitos trabalhos bons são desconhecidos ou não têm lugar para serem expostos. Talvez o Quitanda se encaixe nesse aspecto, de ser um espaço para as pessoas mostrarem suas produções. Costumo dizer que toda manifestação artística para mim é importante e tem seu valor. (APÊNDICE A, p.89).

No período de abril de 2008 a dezembro de 2009 aconteceram aproximadamente 15 edições do Quitanda na Casa de Cultura, onde participaram importantes personalidades e profissionais, principalmente aqueles do cenário cultural local. Até abril de 2010, período abordado por este trabalho, ainda não aconteceram novas Quitandas nesse local, no entanto, a parceria continua existindo.

O Quitanda da Casa de Cultura formava um espaço onde várias produções artísticas aconteciam simultaneamente. Num mesmo espaço eram expostos, por exemplo, varais de poesias, com os próprios autores recitando seus textos; desfiles de moda eram apresentados pelos próprios criadores; cantores divulgavam seu trabalho num palco junto ao público; mostras de cinema davam margens a comentários e críticas entre os presentes; dançarinos e atores figuravam em ambientes comuns; os próprios artesãos vendiam seus produtos; pinturas, fotografias e esculturas estavam em toda a parte e muitas vezes os autores acompanhavam as exposições etc. Dessa forma, o artista tinha contato direto com o público, sem mediação e sem intervenção da mídia, como geralmente acontece. Nesse ambiente, ora se viam pessoas

discutindo sobre artes plásticas, ora sobre música, trabalhos manuais, fotografia, entre outros assuntos. Assim, o próprio evento era um espaço de troca, de enriquecimento.

O público, tomando conhecimento da receptividade que poderia ter através do Quitanda, muitas vezes também tomava a iniciativa de mostrar seu trabalho, aquele que muitas vezes ficava restrito apenas a amigos e familiares. No projeto, defende-se a ideia de que “toda e qualquer manifestação artística é bem-vinda”⁴ e isso se tornou uma forma de expandir as manifestações que não ocupam espaço na mídia, dando oportunidade às artes menos reconhecidas e aos artistas iniciantes. Nesse sentido, buscava oferecer um acesso democrático à produção artística, de modo que a utilização dos espaços assumisse um caráter social permanente. A proposta era também que os artistas tivessem essa função e que exercessem um amplo diálogo com o público consumidor de artigos culturais.

Com o tempo, em razão de muitas pessoas quererem participar de tudo o que acontecia no Quitanda, as atrações foram acontecendo seguidamente e, não ao mesmo tempo, como era a proposta inicial. Mas isso não fez com que o projeto se tornasse um espaço menos rico ou diversificado. A idealizadora e produtora do Quitanda Cultural reflete sobre a permanência do projeto no cenário cultural de Juiz de Fora nesses dois anos de existência:

Acho que como é um projeto amplo, que abriga várias manifestações diferentes, conseqüentemente, atrai muitas pessoas. Cada edição tem no mínimo cinco atrações, isso abrange um público sempre diferente, acho que isso soma muito ao projeto. O clima é gostoso, tem espaço para tudo e todos. Se está até hoje dando certo é porque teve aceitação. (APÊNDICE A, p.90).

Dessa maneira, durante a atuação do Quitanda, novas parcerias surgiram dando abertura para a expansão do projeto de forma a continuar a agregar e mostrar uma multiplicidade de estilos artístico-culturais. Com o apoio da FUNALFA, Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, o Quitanda participou do Corredor Cultural que marcou a

⁴ Mote do projeto Quitanda Cultural.

comemoração dos 159 anos da cidade de Juiz de Fora em 2009, evento que teve grande repercussão no cenário cultural local e da região. Para tanto, a Praça Antonio Carlos, localizada no centro da cidade, virou uma verdadeira feira cultural. Todos os fotógrafos, poetas e artesãos que já haviam passado pelo Quitanda foram convidados a participar da primeira edição especial do evento, que colaborou para as mais de 40 horas de arte e cultura ininterruptas do Corredor Cultural.

Outra parceria veio com a aprovação do Projeto “Educação e Comunicação Geracional”, da Casa de Cultura, pelo Ministério da Cultura. A partir dele, o Quitanda Cultural passou a ser realizado em 2009 também em dois bairros periféricos de Juiz de Fora – Dom Bosco e São Pedro. E, dessa forma, aconteceram seis edições, ocorrendo de formas alternadas entre os bairros (edições quinzenais) e sempre em lugares diferentes, de modo que o evento transitasse pelo bairro. O projeto de mistura cultural englobou uma série de atividades para os jovens, adultos, idosos e toda a família nessas duas comunidades. Dessa forma, o Quitanda, integrando mais este projeto parceiro, surgiu com uma nova versão: seu foco são os bairros; sua proposta é a descoberta e a valorização do talento local. E, como dizia a frase temática do projeto, “O Quitanda vai até seu bairro levar cultura para você! Trocar cultura com você!”, pretendia-se mapear talentos locais que perpassassem por todos os campos artísticos possíveis e assim fazer uma mobilização para que o sucesso do projeto se tornasse uma oportunidade para os participantes. Buscava também propor trocas entre as culturas dos bairros periféricos e de médio porte, ou seja, aquela considerada cultura popular e aquela definida como alta cultura, ou seja, “cult”.

A implementação do projeto Quitanda Cultural nos Bairros se fez através de parcerias com várias instituições e também através de escolas e associações de bairro com o objetivo de motivar e incentivar a comunidade a valorizar os talentos já existentes nos mais diversos campos da arte. A valorização das manifestações culturais e da capacidade criativa desses

dois bairros juntamente com artistas dos bairros de classe média deu voz à comunidade, propiciou de certa maneira a construção da identidade individual e do bairro, a valorização da subjetividade das pessoas envolvidas e se tornou um suporte para a construção da cidadania e da socialização da cultura.

Também o Cultural Bar, a partir de setembro de 2009, veio agregar novas experiências ao Quitanda, que teve quatro edições especiais (duas edições em 2009 e duas em 2010). O local, referência como o principal reduto de músicos alternativos, das mais diversas tendências, reunindo notívagos, boêmios, artistas, universitários e intelectuais, importou personalidades do teatro, circo, dança e tornou possível a realização de workshops, palestras e até exposições, reforçando o conceito de cultura com qualidade para receber o Quitanda Cultural. O local deu abertura para apresentação de atrações diversas, inclusive a nível nacional e internacional.

E os planos não param. Para os próximos anos, o Quitanda pretende abrir novos leques de possibilidades no âmbito cultural e agregar novas classes de pessoas. São projetos: o “Quitandinha”, um projeto de arte e cultura totalmente voltado para crianças com o foco na arte-educação infantil que visa incentivar o contato das crianças com arte e a cultura; o “Quitanda do Baú”, todo voltado para a terceira idade, valorizando tudo o que fez história no cenário artístico cultural local e nacional; o “Quitanda Itinerante”, em parceria com Secretarias de Culturas de cidades pequenas da região, que pretende dar um colorido todo especial às cidades e valorizar a produção artística desses lugares; e o “Quitanda Universitária”, para valorizar a produção dos estudantes e agregar valores à educação como uma ponte entre o aprendizado e a produção humana. Está sendo preparado também o site do Quitanda, disponível em www.quitandacultural.com.br.

Assim, diante de tantas edições e de novos olhares sobre o projeto, a produtora Cibele Lopes acredita que o Quitanda já se tornou um evento reconhecido no calendário da cidade.

“As pessoas são muito interessadas pelo evento, estão sempre perguntando quando é a próxima edição, pedindo para participar, querendo dar sugestões. Isso não tem preço. E o público é o termômetro de um evento, de um produto, de uma marca”. (APÊNDICE A, p. 90).

4.1 O QUITANDA CULTURAL NA MÍDIA JUIZFORANA

O Quitanda Cultural, como um assunto da pauta de cultura esteve presente nos veículos de comunicação de Juiz de Fora desde que foi lançado. Nos veículos impressos, serão analisados os jornais locais e, nos digitais, será observada a forma com que o projeto foi retratado na internet a partir de portais e blogs de comunicadores da cidade. Os reportes sob análise foram publicados entre abril de 2008 e abril de 2010.

4.2 NOS VEÍCULOS IMPRESSOS: JORNAIS TRIBUNA DE MINAS, JF HOJE E DIÁRIO REGIONAL

A seguir, está um apanhado sobre a cobertura do Quitanda Cultural nos principais jornais de Juiz de Fora. Mas antes, considera-se a opinião da produtora e idealizadora do projeto, Cibele Lopes. Ela fala sobre a visibilidade do Quitanda nos jornais impressos da cidade, nesses dois anos:

O impresso, em especial o Tribuna de Minas, sempre publicou as edições do Quitanda na Casa de Cultura e no Cultural Bar. Esquivou-se um pouco em noticiar as edições nos bairros, o que acredito que tenha sido ruim para o andamento do trabalho feito nos referidos bairros. Dos outros impressos locais, o Diário Regional publicou uma matéria no Caderno Três e o JF Hoje publicou umas duas matérias (sem grande destaque e com texto de release). Mas, de forma geral, a imprensa é a grande aliada da produção cultural como um todo aqui na cidade. (APÊNDICE A, p. 90).

Utilizando como suporte metodológico a análise quantitativa e qualitativa no que se refere ao conteúdo, procura-se observar como se estruturam as notícias que abordaram o Quitanda neste período de dois anos. O corpo do presente trabalho consiste em 65 textos de tamanhos variados provenientes da clipagem de três jornais da cidade e que pautam o Quitanda Cultural de maneira bastante diversa em suas páginas.

4.2.1 Análise quantitativa

Entre abril de 2008 e abril de 2010, o projeto Quitanda Cultural esteve presente nos principais jornais da cidade: Tribuna de Minas, JF Hoje e Diário Regional. O jornal Tribuna de Minas foi o que mais dedicou espaço para divulgar o Quitanda, onde apareceu em 62 textos, no JF Hoje teve duas inserções e no Diário Regional, uma.

Para facilitar o entendimento, as notícias sobre este projeto foram divididas em seis categorias de acordo com o tamanho e conteúdo. As especificações mais detalhadas se encontram nas tabelas disponíveis nos Apêndices B, C, D, E, F e G deste trabalho. Importante salientar que, nas tabelas, as classificações (feitas pela autora) para cada categoria são diferenciadas, isso se dá em função do conteúdo diverso em cada uma delas.

Nota de coluna social⁵, informativos de tamanho pequeno com no máximo 8 linhas, sem foto, localizado dentro do espaço reservado para o colunista do jornal, com conteúdo que foca na pessoa, ou seja, no sujeito (artista ou personalidade importante no cenário local ou regional) e que contém ou não título; **Nota tijolinho ou de programação**⁶, informativo pequeno com conteúdo referente à programação e às atrações artísticas (podendo ser todas ou algumas), sem foto, com padrão de redação pré-estabelecido, apresenta ou não título; **Nota**

⁵ Apêndice B, tabela 2.

⁶ Apêndice C, tabela 3.

ampla⁷, informativo de tamanho médio e com informações mais abrangentes em relação às classificações anteriores. Apresentam título, porém, não são notícias tão grandes que permitam a colocação de subtítulos, nem fotos; **Matérias médias e grandes comuns**⁸, notícias mais completas, geralmente com subtítulo e foto e que incluem em seu corpo informações diversas e mais elaboradas sobre o projeto; **Matérias grandes com chamada no caderno de cultura**⁹, contêm todos os componentes das matérias médias e/ou grandes comuns e incluem ainda um pequeno texto, geralmente com foto, na capa do caderno de cultura; **Matérias grandes com chamada no caderno de cultura e no jornal**¹⁰, incluem todos os componentes da categoria anterior acrescido de um texto de manchete na capa do jornal.

Separando, classificando e analisando todo esse material, nota-se que, no ano de 2008, o Quitanda foi pauta do jornal Tribuna de Minas em 17 dias e, em alguns casos, apareceu mais de uma vez no mesmo dia, como matéria média ou grande e como nota de coluna social, por exemplo. Dessa forma, entre notas e matérias, o Quitanda foi retratado 30 vezes. O projeto apareceu na coluna do César Romero 11 vezes, ora dentro das colunas “Vôo Livre” (quatro inserções), “Toque” (uma inserção), “Agenda Semanal” (duas inserções) e na forma de notas amplas dentro da página deste mesmo colunista (quatro inserções). Dentro do Caderno Dois, fora da seção do colunista, o projeto de cultura apareceu 19 vezes, como nota da seção “Dicas” (10 inserções), como matéria de tamanho médio ou grande (cinco inserções) e como matéria grande, incluindo chamada na capa do Caderno Dois (quatro inserções). Os demais jornais da cidade não retrataram o Quitanda Cultural neste ano.

Em 2009, o Tribuna de Minas falou do projeto Quitanda Cultural em 21 dias, em 27 inserções diferentes, sendo que em alguns dias o projeto apareceu no jornal mais de uma vez,

⁷ Apêndice D, tabela 4.

⁸ Apêndice E, tabela 5.

⁹ Apêndice F, tabela 6.

¹⁰ Apêndice G, tabela 7.

como explicado anteriormente. Na coluna do Zine Cultural o Quitanda teve três inserções, em forma de nota tijolinho ou de programação. O colunista César Romero retratou o projeto oito vezes, como nota dentro da coluna “Vôo Livre” (seis inserções), “Agenda Semanal” (uma inserção) e como nota ampla (uma inserção). No Caderno Dois, fora das colunas, o Quitanda apareceu 16 vezes: na seção “Eu Fui” que integra as notas amplas (uma inserção), como nota na seção “Dicas” (seis inserções), como matéria grande com chamada de capa no jornal Tribuna e capa do Caderno Dois (uma inserção), como matéria grande com chamada apenas na capa do Caderno Dois (duas inserções) e como matéria comum média ou grande (seis inserções). Além do jornal Tribuna, o Diário Regional também dedicou espaço ao Quitanda Cultural em uma matéria de tamanho médio no Caderno Três da editoria Moda e o JF Hoje mostrou o projeto em duas matérias de tamanho médio, na editoria cidade.

Até o mês de abril de 2010, o projeto Quitanda apareceu no Tribuna de Minas em cinco dias diferentes, em cinco inserções. Na coluna do César Romero, o projeto apareceu uma vez, em uma nota ampla. E, no Caderno Dois (quatro inserções), apareceu também como nota ampla na seção “Eu fui” (uma inserção), em matérias comuns de tamanho médio ou grande (uma inserção) e como matéria grande com chamada na capa do Caderno Dois (duas inserções). Até a data que esta monografia aborda (abril de 2010), o Quitanda Cultural não foi pautado por outros jornais da cidade fora o Tribuna de Minas.

Analisando quantitativamente o que foi noticiado nos jornais da cidade em relação ao ano, é notável que o Quitanda decresceu: em 2008 foi pautado 31 vezes (considerando que somente foi retratada pelo Tribuna de Minas), em 2009, 28 vezes (Tribuna de Minas, Diário Regional e JF Hoje) e, em 2010, cinco vezes (número referente a apenas quatro meses – de janeiro a abril, também noticiado apenas pelo Tribuna de Minas).

No que se refere ao tamanho das matérias, o Quitanda se manteve parcialmente constante, pois, na medida em que diminuiu o número de algumas notas, cresceu o número de matérias médias e grandes, como é mostrado no quadro abaixo:

Tabela 1 – Número de notícias por ano

Tipo de Matéria	Ano			
	2008	2009	2010	Total
Nota de coluna social	6	7	0	13
Nota tijolinho ou de programação	10	9	0	19
Nota ampla	5	2	2	9
Matéria média ou grande comum	5	9	1	15
Matéria grande com chamada no caderno de cultura	4	2	2	8
Matéria grande com chamada no caderno de cultura e na capa do jornal	0	1	0	1
Total	31	28	5	65

As notas de coluna social aumentaram, mas não consideravelmente (6, 7, 0 – considerando que em 2010 não houve nenhuma nota deste tipo nos jornais locais). O número de notas que mostrava apenas as principais atrações, o local do evento, preço e horário, as notas tijolinho ou de programação, caiu (10, 9 e 0), bem como o número de notas amplas (5, 2, 2) que incluíam além do básico que fala das atrações e local, informações sobre outras atividades que aconteceriam junto ao Quitanda, como a discussão do Conselho Municipal de Cultura (Concult) ou o lançamento do site da Casa de Cultura, por exemplo. No entanto, não

saíram notas falando sobre o Quitanda em todos os anos, até abril de 2010, por exemplo, não foram pautadas¹¹ notas de coluna social e notas tijolinho ou de programação.

O número de matérias médias e grandes comuns, que muitas vezes incluíam foto e relacionavam as atrações com os artistas que participariam do Quitanda, incluindo falas dos participantes ou organizadores e mostrando o local onde aconteceria o evento, cresceu (5, 9, 1 – e, em relação a 2010, não pode ser feita uma comparação precisa, já que a maioria dos eventos do projeto acontece a partir de março e, até abril, somente dois Quitandas foram realizados). No caso das matérias grandes com chamada na capa do caderno de cultura, houve redução no número (4, 2, 2). E, finalmente, testemunha-se que uma matéria que retratava o Quitanda saiu na capa de um dos jornais em 2009 e, apesar dessa inserção não ser verificada em 2008 e até abril de 2010 (0,1,0), fica clara a importância atribuída a esse “evento” que apareceu como manchete da editoria de cultura, no caso, o Caderno Dois, do jornal Tribuna de Minas.

O espaço físico destinado às matérias nos jornais estudados é diverso e, de maneira geral, vê-se uma gradativa melhora de exposição, de acordo com a relevância das matérias. Os textos são colocados em um local de menor evidência no caso de notas tijolinho ou de programação (geralmente na parte inferior direita ou esquerda do jornal), até pelo seu tamanho e conteúdo que traz basicamente as atrações e considera o Quitanda como um evento, tanto que o coloca muitas vezes na agenda semanal. Já no caso de notas de coluna social ou notas amplas, os textos com conteúdos não padronizados e mais livres, são colocados em melhor posição que a classificação anterior (geralmente na parte superior direita ou esquerda), respectivamente com o destaque do colunista social ou devido ao título diferenciado que coloca a nota em evidência. Nas matérias médias ou grandes, o espaço, normalmente com o tamanho de meia página e na maioria dos casos com colocação superior

¹¹ As questões sobre a editoria dos jornais que não dedicaram espaço em forma de notas para todos os Quitandas não é a pretensão deste trabalho, mas é importante que essa questão seja levada a questionamentos.

direita e esquerda, já confere a importância da matéria, que é mais rica do que as notas. E, no caso das matérias grandes com chamada no caderno de cultura e, neste local acrescido da chamada no jornal, como manchete, é ainda mais notório o espaço privilegiado que ocupam. Primeiramente, devido às chamadas na capa que incitam o leitor a conferir o conteúdo na página específica e, posteriormente, ao grande tamanho dos textos, que chegam a ocupar a página inteira.

Portanto, na comparação dessas relações fica evidente que o Quitanda Cultural possui o devido espaço nos jornais da cidade e, em relação ao espaço de distribuição dos textos nos veículos impressos, nota-se um crescente destaque que aumenta de acordo com a importância, tamanho e ênfase das matérias culturais. E, mesmo não chegando a ter uma análise tão profunda e completa como seria o ideal nas matérias culturais, esta verificação é de suma importância para a observação de que o jornalismo cultural local possui ganhos consideráveis.

4.2.2 Análise qualitativa

Em relação ao conteúdo das notas e matérias informativas provenientes dos veículos impressos, serão feitas as comparações e as considerações das informações analisando o material que segue em anexo. De maneira geral, vê-se que há um volume bastante intenso de textos que falam sobre o projeto Quitanda Cultural nos jornais da cidade. A análise a seguir relaciona esse material, dentre outros fatores, com “a crise do jornalismo cultural”¹² e, da mesma maneira, com as considerações que explicitam que “o jornalismo cultural ainda pode dar certo”¹³.

¹² Cap. 3 desta monografia.

¹³ Cap. 3 desta monografia.

4.2.2.1 *Notas de coluna social*

As notas provenientes de coluna social se baseiam especificamente em sujeitos, portanto, falam primeiramente de pessoas importantes no cenário social, agentes ou produtores culturais e artistas da cidade e região para gerar uma informação e, a partir deste motivo, o projeto recebe destaque no jornal. Esta certa publicização da vida privada é o que garante as notas que falam que determinadas pessoas estarão ou estiveram presentes no Quitanda, como a do dia 12/06/2008¹⁴. Assim, por vezes, o projeto é considerado um espetáculo ou entretenimento para divertimento público e do público.

Quando se trata de noticiar artistas, focam, em segundo plano, na obra, assunto ou arte apresentada e, em seguida, no local onde acontece ou aconteceu o projeto. Em alguns casos, uma ou algumas atrações (mas não todas) estão inclusas no texto. Em outros, falam da produtora e das novidades do projeto, como a edição em um bairro no dia 28/06/2009¹⁵, mas tudo a partir do enfoque do sujeito.

Algumas notas trazem uma breve informação de como foi a última edição do projeto. O comentário, disfarçado de crítica, aparece adjetivado e, assim, o classificam como ‘sucesso’ ou ‘lotou’, se referindo à grande adesão do público. E, quando muito, trazem a opinião da produtora sobre a edição do projeto ou o objetivo do mesmo, mas focam na pessoa (produtora Cibele Lopes, por exemplo) e não nas atrações ou no tema. Exemplos disso são as notas dos dias 19/09/2008¹⁶ e 16/04/2009¹⁷.

A nota do dia 13/12/2008¹⁸ é um exemplo especial, pois fala que a equipe do jornal participou do último Quitanda, o que mostra a proximidade do projeto para com os funcionários do jornal na forma de lazer ou descontração. E, mesmo a nota divulgando a

¹⁴ ANEXO A.

¹⁵ ANEXO A.

¹⁶ ANEXO A.

¹⁷ ANEXO A.

visita desses profissionais como um divertimento, distração e/ou entretenimento, abre a possibilidade de questionar o porquê da falta de cobertura jornalística do mesmo. Os critérios poderiam ser da falta de interesse da editoria, indisponibilidade do jornalista para apurar a matéria, pouca relevância do projeto, entre outros fatores que não são o objetivo deste estudo, mas que são de fundamental importância para a divulgação do projeto Quitanda Cultural. Nesses dois anos de Quitanda, não houve de fato nenhuma cobertura por parte dos jornalistas dos veículos impressos, a grande maioria dos textos retratados pelos jornais são de agenda, falam que o evento vai acontecer e trazem a programação. Há alguns textos que falam do projeto como um evento passado, que aconteceu, mas não como um “evento” digno de cobertura jornalística.

Outra forma presente nesta mesma categoria é a agenda semanal, como por exemplo, as notas dos dias 07/09/2008¹⁹, 09/11/2008²⁰ e 08/03/2009²¹. Incluída na coluna social, esses pequenos textos falam do dia, horário, local e das atrações. Geralmente essas notas seguem um modelo definido anteriormente pelo jornal e não apresentam nenhuma novidade em relação ao conteúdo. Trata o Quitanda Cultural como um “evento” para divertir e/ou entreter a população, tanto que o colocam na parte reservada à agenda.

4.2.2.2 *Notas tijolinho ou de programação*

As notas tipo tijolinho ou de programação trazem informações curtas sobre o Quitanda, sempre com as atrações. A intenção é informar ao leitor sobre o evento que vai acontecer, o que terá na programação e onde será realizado. Assim, ainda que não sejam abrangentes em relação ao conteúdo, convidam o leitor a participar. Quando recebem título,

¹⁸ ANEXO A.

¹⁹ ANEXO A.

²⁰ ANEXO A.

²¹ ANEXO A.

este é uma frase breve e nada criativa, geralmente descrito apenas como “Quitanda Cultural”. Essa categoria informa as atrações como se fosse um evento (show, feira, exposição etc), mas de maneira objetiva e geral. São exemplos as notas dos dias 15/05/2008²², 10/07/2008²³ e 11/09/2008²⁴.

Chamam-se tijolinho devido ao formato de diagramação, onde se assemelham a um bloco retangular. Seguem um modelo pré-estabelecido onde, a partir de comparações, três ordens foram encontradas e seguem: dia, horário, local com endereço e atrações com seus respectivos nomes, como a do dia 13/04/2008²⁵; ou atrações de maneira geral sem nomes específicos, dia, hora, local com endereço, telefone para contato e preço, como no dia 10/12/2008²⁶; ou atrações de maneira específica com nomes, dia, hora, local com endereço e telefone, como a nota do dia 28/08/2008²⁷. Assim, todas se relacionam com as perguntas básicas do *lead* desenvolvido nas redações: O quê?; Quem?; Quando?; Onde?; Como?; e Por quê?, embora não consigam responder à última pergunta. Por essas notas saírem sempre no dia ou na semana em que acontece o Quitanda, fica claro o profundo atrelamento à agenda, aos moldes da *agenda setting*.

Também se inclui nessa categoria as notas presentes na coluna do Zine Cultural que, apesar de não seguir um padrão específico, falam basicamente das atrações presentes no Quitanda: informam que a produtora será entrevistada no seu canal de tv, que o Quitanda participara do corredor cultural como uma das atrações etc. Os notas dos dias 25/04/2009²⁸, 09/05/2009²⁹ e 23/05/2009³⁰ são exemplos. Além disso, fica claro nessa coluna que um

²² ANEXO B.

²³ ANEXO B.

²⁴ ANEXO B.

²⁵ ANEXO B.

²⁶ ANEXO B.

²⁷ ANEXO B.

²⁸ ANEXO B.

²⁹ ANEXO B.

³⁰ ANEXO B.

mesmo veículo toma conta de vários meios, no caso do Zine, o jornal, portal da internet e tv se pautam de maneira semelhante.

Em todas essas notas pequenas é visível a falta do contato do jornalista com o projeto Quitanda, pois ele apenas tem o cuidado de copiar e colar as atrações do evento, geralmente enviados pela assessoria na forma de *press release* por e-mail aos veículos de comunicação. E, mesmo focando nas atrações, percebe-se que muitas notas do tipo saíram nos jornais, mas esse espaço não foi dedicado a todas as edições do Quitanda Cultural (em 2010, por exemplo, até abril não saiu nenhuma nota sobre o projeto).

4.2.2.3 *Notas amplas*

As notas amplas, nomeadas assim por serem bem maiores que as descritas anteriormente, possuem mais informações e conteúdo mais amplo do que as notas de coluna social e as notas tijolinho ou de programação. Geralmente falam das atrações do Quitanda de uma maneira muito menos genérica e mais pontual, com nome de cada obra ou apresentação e artista. Essas notas ainda levam em conta as “celebridades” da cidade ou de outros locais fora de Juiz de Fora que estiveram presentes no Quitanda e foram dignas de destaque. Em poucos casos, relacionam o artista com a obra, falando de seus interesses, trabalhos e apresentações, porém, não trazem informações que parecem dizer que essas fontes foram consultadas na apuração dos fatos, como as notas dos dias 12/09/2009³¹ e 10/12/2008³². As informações parecem se embasar em históricos do grupo e pequenas notícias disponíveis em *press releases*.

³¹ ANEXO C.

³² ANEXO C.

O juízo de valor e a descrição aparecem timidamente e se dão por intermédio do jornalista que escreve o texto. A nota do dia 24/04/2010³³, por exemplo, fala que “Natália Salazar (super sensual) e Rodrigo Gabriel deram um show de dança na apresentação do grupo argentino Violentango, no Cultural” e, a do dia 19/04/2008³⁴ revela que foi “Um sucesso a abertura do projeto Quitanda Cultural, agitado por Cibele Lopes, na Casa de Cultura da UFJF. Além da canja musical de Roger Resende e Dudu Costa, o evento reuniu um público diversificado e promete movimentar as quintas-feiras, quinzenalmente”. Fala-se ainda de outras informações e temas que complementaram o Quitanda, porém são apenas questões que pontuam as notas e não tem aprofundamento, como o debate do Conselho Municipal de Cultura, o Concult, noticiado no dia 13/04/2008³⁵, que marcou a estreia do projeto e é uma importante ferramenta para se trabalhar a cultura local com maior visibilidade e questionamentos no setor.

O maior destaque dessas notinhas fica por conta da coluna “Eu fui” do jornal Tribuna de Minas, que não é uma matéria jornalística, mas uma espécie de carta do leitor, onde há uma aproximação do projeto com o público, pois os leitores escrevem e colocam sua impressão sobre o que viram ou participaram. Dessa forma, os textos são bastante ricos, descritivos, críticos e analíticos, trazendo uma impressão de quem não apenas viu, mas testemunhou o evento com um olhar sensível. A notícia do dia 04/06/2009³⁶ traz a descrição de como foi a participação do Quitanda no Corredor Cultural, evento em comemoração aos 159 anos da cidade “O cenário foi composto por caixas de madeira. Panos floridos, junto às árvores e ao fundo do CCBM, deram um ar alegre ao evento, que fez com que o público tivesse contato com uma diversidade cultural e levasse em sua mente um pouco de tudo isso”.

³³ ANEXO C.

³⁴ ANEXO C.

³⁵ ANEXO C.

³⁶ ANEXO C.

Também a nota jornalística do dia 31/03/2010³⁷ é pontual e traz críticas e detalhes do show da banda Matilda que se apresentou em um dos Quitandas do Cultural Bar “É perceptível a doação de cada uma delas aos arranjos e letras ressaltando as especificidades de sua relação com a nossa terra, retificando em cada aparição sua competência, encantamento e deixando claro a que vieram”. E completa “Quem pensa que o Cultural estava vazio às 3h, quando Matilda entrou no palco, está mais que enganado”.

Dessa maneira, fica em questão uma contradição, pois ao publicar essa espécie de “carta do leitor” o jornalista delega sua função de apuração dos fatos a uma pessoa comum e delega a eles/elas a responsabilidade que deveria ser do jornal, de apurar, investigar, analisar e criticar as notícias de cultura da cidade e não apenas noticiá-la em forma de agenda, como acontece principalmente. Ao mesmo tempo, é muito importante que o jornal dê voz a essas pessoas comuns e as coloque também na função de líderes de opinião, de informantes e não só receptores, sendo, portanto contrários ao movimento da indústria cultural.

4.2.2.4 *Matérias médias ou grandes comuns*

As matérias médias ou grandes comuns possuem um conteúdo mais rico. Geralmente começam com algum tipo de “nariz de cera³⁸” para introduzir o assunto que pode ser até mesmo o último Quitanda, como na matéria do dia 15/05/2008³⁹. Começam o *lead* do texto falando, por exemplo, do ritmo brasileiro – como noticiado no dia 16/04/2009⁴⁰, da diversidade cultural - retratada na matéria do dia 11/09/2008⁴¹ ou da multiplicidade artística – na matéria do dia 25/03/2010, para depois falar do projeto como um todo. Trata-se, de

³⁷ ANEXO C.

³⁸ Expressão jornalística que identifica a abertura extensa e pouco objetiva de uma matéria. Forma mais ou menos romaneada de se começar uma notícia que introduz o leitor na notícia.

³⁹ ANEXO D.

⁴⁰ ANEXO D.

⁴¹ ANEXO D.

maneira quase unânime, de matérias que noticiam o evento que ainda irá acontecer e traz a programação com as atrações de maneira detalhada e completa, geralmente relacionando o artista com sua obra na medida em que inclui seus trabalhos anteriores, composição da obra, interesses, o que apresentou ou vai apresentar no Quitanda Cultural, entre outros fatores que contribuem para que a matéria se torne mais completa.

Esse tipo de texto costuma trazer ainda o horário, o preço e o local onde acontece o projeto cultural. Muitas vezes estão incluídas fotos, o que garante proximidade com o evento. No entanto, salvo algumas exceções, como na matéria dos dias 07 e 08/06/2009⁴², a maioria dessas fotos são aquelas cedidas para divulgação do evento e não são encontradas, por exemplo, imagens do dia do evento, o que fica evidente que não aconteceu nenhuma cobertura do mesmo. Essas matérias trazem também outros conteúdos, informações sobre atividades paralelas que esse evento inclui, revelando o panorama do momento que a população vivencia. Por exemplo, o fato de um dos Quitandas ter sido cancelado por causa do Comitê de Enfrentamento da Gripe A retrata a situação vivida pela população por volta do dia 10/09/2009⁴³, data em que foi noticiada a matéria.

As matérias grandes e médias comuns mesmo não possuindo chamadas na capa (apelo do marketing e da publicidade) são bastante amplas. A concepção dos trabalhos dos artistas e suas participações em outras apresentações/exposições, suas inspirações e outras considerações contribuem para a qualidade do que é noticiado. Incluem muitas vezes adjetivos (que não são críticas, mas opiniões) e impressões através de citações diretas e indiretas de artistas e produtores, o que leva o leitor, mesmo que de forma muito superficial, a reunir informações e interpretar o evento, julgando se ele merece sua atenção e participação. Assim, vemos que a crítica presente nessas matérias ainda é frívola e poderia ser melhor trabalhada. E, ao mesmo tempo em que há citações mais interessantes, que falam da

⁴² ANEXO D.

⁴³ ANEXO D.

concepção das obras, como a de uma das musicistas do Quinteto São do Mato, “Nós temos realizado apresentações explorando o sonoro em sua forma mais ampla, admirando e reproduzindo os sons dos pássaros e das matas , por meio de apitos e efeitos”⁴⁴, há outras que apenas servem para mostrar que o jornalista deu conta da cobertura do projeto de alguma forma, como a fala da produtora sobre a apresentação do grupo Matilda no projeto, “Começamos com eles em 2009 e tivemos um ano muito produtivo. Eles têm o pé quente”⁴⁵.

A participação do Quitanda em um projeto da Casa de Cultura e o fato dela se expandir para os bairros é também uma boa oportunidade para a população da cidade, o que pode propiciar a integração da “baixa e alta cultura” e isso é noticiado⁴⁶ como uma novidade que merece destaque. O ponto de vista colocado pelos jornais ao noticiar este fato mostra a evolução do projeto e o fato de outras pessoas, que muitas vezes não possuem acesso à maioria dos eventos de cultura da cidade pelo preço, falta de conhecimento ou outro motivo, poderem participar e principalmente contribuir para a manifestação de sua cultura pessoal, familiar e de bairro e, conseqüentemente, para cultura da cidade e de maneira mais integrada com as demais culturas. Essas colocações são expressas em algumas falas explicativas da produtora como no dia 09/07/2009⁴⁷, quando comenta que “A intenção é integrar a produção desses bairros com os trabalhos das áreas mais centrais da cidade” e no dia 10/09/2009⁴⁸, em que a produtora argumenta que “Nossa primeira experiência no bairro foi maravilhosa. Fomos muito bem recebidos pela comunidade. Eles têm muita coisa boa que precisa ser mostrada”. Um ponto a ser ressaltado se refere à matéria do dia 11/07/2009⁴⁹, em que o projeto “Comunicação, memória e ação cultural”, desenvolvido no bairro Dom Bosco, se integrou ao

⁴⁴ ANEXO D, 16/04/2009.

⁴⁵ ANEXO D, 25/03/2010.

⁴⁶ ANEXO D, 09/07/2010.

⁴⁷ ANEXO D.

⁴⁸ ANEXO D.

⁴⁹ ANEXO D.

Quitanda dos Bairros por este acontecer, coincidentemente, no mesmo lugar. Tal fato permitiu que ambos recebessem maiores espaço e visibilidade na matéria.

Apesar da cobertura ser mais extensa, abrangente e diversificada nesta categoria de matérias, algumas vezes fica nítido que a apuração se deu de maneira superficial e que foram “acrescentadas” falas e/ou comentários de artistas e produtores/organizadores do evento. Dessa forma, a matéria parece também ser formada a partir de um apanhado de lugares comuns e notícias da assessoria, o que pode ser obtido por internet ou telefone, sem um contato direto com quem participa ou organiza o Quitanda Cultural. A homogeneidade de alguns conteúdos repetidos em várias matérias, como os objetivos do projeto, por exemplo, faz com que em alguns momentos possam-se considerar tais trechos como verdadeiros clichês jornalísticos.

Uma curiosidade se refere a uma das matérias disponíveis, noticiada no dia 09/11/2008⁵⁰ e que integra essa categoria, relativa à idealizadora do Quitanda Cultural, a produtora Cibele Lopes. A matéria é um misto de seu perfil pessoal e de trabalho. Ao mesmo tempo em que valoriza a profissional, foca a questão pelo ângulo pessoal, mostrando a vida de uma pessoa que lida ativamente com o universo cultural. Este tipo de matéria só saiu uma vez nesses dois anos e, apesar do formato clichê que mais se assemelha aos moldes de uma revista, percebe-se a valorização do profissional e não só do “evento”, como geralmente acontece.

Duas matérias, as dos dias 31/05/2009⁵¹ e 02/06/2009⁵², não falam sobre o Quintada especificamente e se referem ao Corredor Cultural, evento de cultura em comemoração aos 159 anos de Juiz de Fora. Este evento contempla 40 horas ininterruptas de apresentações artístico-culturais na cidade, dentre as quais se inclui o Quitanda. Na primeira matéria, o Quitanda é citado como uma das atrações e que, em edição especial, encerra a maratona do

⁵⁰ ANEXO D.

⁵¹ ANEXO D.

Corredor Cultural, são citadas as atrações, horário e local. No segundo texto, é mostrada apenas uma foto com os preparativos do Quitanda Cultural. Nesses dois casos, porém, mesmo se tratando de um enfoque tímido e pequeno, é de grande relevância a aparição do Quitanda, pois o Corredor Cultural é um grande evento na cidade no qual estão inclusos dezenas de atrações e, se o projeto cultural estudado nesta monografia recebe destaque, é porque ele já se tornou bastante reconhecido na cidade, como pontuam na primeira matéria “evento mensal que costuma lotar a Casa de Cultura”.

4.2.2.5 *Matérias grandes com chamada no caderno de cultura*

As matérias com chamada no caderno de cultura normalmente trazem as mesmas informações das matérias médias e grandes comuns. Explicam o que é o projeto, quem organiza, as manifestações artístico-culturais e demais atrações presentes na programação e qual o diferencial da edição em questão, como por exemplo, a notícia do dia 13/11/2008⁵³ que valoriza a cultura estrangeira a partir de um recorte brasileiro. Incluem também citações de artistas, produtores e agentes culturais e, da mesma forma, isso nem sempre quer dizer que houve uma profunda apuração dos fatos, pois grande parte das informações se deve ao papel bem sucedido das assessorias de comunicação. O local onde acontece o projeto, o horário e o preço estão sempre presentes no conteúdo dos textos. Grande parte das matérias inclui ainda nariz de cera – como a matéria do dia 10/07/2008⁵⁴ que parte da temática da “mineirice” (cultura popular e regional), para atingir o projeto como um todo – jogo de palavras, fotos, diagramação diferenciada e formas mais livres e soltas de abordar o tema, já que se trata de informações culturais.

⁵² ANEXO D.

⁵³ ANEXO E.

⁵⁴ ANEXO E.

Essas matérias, assim como as da classificação anterior, relacionam o artista à obra – como a matéria do dia 12/06/2008⁵⁵. Esta matéria é organizada a partir de pequenos históricos com obras e/ou trabalhos dos artistas, onde incluem a participação deles no Quitanda, as expectativas para a próxima edição, entre outros fatores responsáveis por garantir um maior envolvimento do sujeito que produz e o que lê o conteúdo que se torna notícia.

As matérias estão carregadas de fotos que, no entanto, raramente se tratam da cobertura do evento, mas de imagens cedidas para divulgação. No decorrer das matérias, geralmente há subtítulos para discutir ou esclarecer sobre algum assunto específico abordado pelo Quitanda Cultural como, por exemplo, o Quitanda nos bairros, a feira musical disponível em uma das edições, o tango alternativo etc.

O grande destaque fica por conta das chamadas no caderno de cultura, que são uma forma de marketing que serve para atrair a atenção do leitor para a matéria completa inclusa dentro do caderno. O conteúdo das chamadas são normalmente as atrações de forma genérica ou pontual e na maioria aparecem fotos, o que atrai ainda mais os olhos de quem vê a notícia e busca conteúdos interessantes na capa para se aprofundar no tempo dedicado posteriormente à leitura da matéria. A colocação do Quitanda nessas chamadas mostra a grande importância que essa festa cultural da cidade teve em alguns dias do ano, ganhando destaque entre várias matérias culturais daquele dia em questão. Importante frisar que duas das sete matérias desta categoria, as dos dias 13/04/2010⁵⁶ e 20/04/2010⁵⁷, estavam em sua totalidade estampadas na capa do caderno de cultura e, portanto, mais do que chamadas, foram o destaque do dia do caderno de cultura. No entanto essas chamadas na capa refletem também a grande influência econômica, da publicidade e do marketing cultural que estão por traz dos conteúdos noticiosos. Os comentários dessas matérias, que expressam opiniões e não críticas, sem, contudo, avaliar se de fato a informação é coerente com a opinião do público é um fator que

⁵⁵ ANEXO E.

⁵⁶ ANEXO E.

prejudica as matérias culturais, pois a crítica deveria servir como base. A ausência de críticos culturais na cidade se relaciona com essa deficiência.

4.2.2.6 *Matérias grandes com chamada no caderno de cultura e no jornal*

As matérias grandes que possuem chamada também na capa do jornal (na forma de manchete), além da capa do caderno de cultura, não perdem em nada em relação ao conteúdo de matérias grandes com ou sem chamada no caderno de cultura. O conteúdo da capa do jornal é muito semelhante ao da capa do caderno de cultura, pois se trata de um texto curto que fala basicamente das atrações do Quitanda de forma atrativa que incite o leitor a buscar mais informações nas outras páginas do veículo. Embora esta categoria apresente ainda alguns problemas básicos do jornalismo cultural, principalmente relacionados ao agendamento e à ausência de cobertura e crítica do que é noticiado, como os da categoria anterior, o grande diferencial fica por conta da própria existência de uma matéria deste tipo, pois mesmo que tenha aparecido uma única vez, nota-se que o projeto Quitanda Cultural foi a pauta mais importante do dia em questão, tanto que apareceu como manchete. Esse tipo de matéria só apareceu uma vez nos jornais da cidade, durante os dois anos de existência do projeto e, se refere à notícia do dia 12/03/2009⁵⁸.

4.3 NOS VEÍCULOS DIGITAIS: BLOGS, PORTAIS, SITES DE RELACIONAMENTO ENTRE OUTROS

As informações provenientes de veículos digitais da cidade, como blogs, portais e sites de relacionamento retratam o Quitanda Cultural desde o seu surgimento. No entanto,

⁵⁷ ANEXO E.

⁵⁸ ANEXO F.

diferentemente dos veículos impressos, não obedecem a uma periodicidade e a normas e padrões estabelecidos previamente. A exceção fica para alguns portais e blogs de notícia, que, por critérios jornalísticos, mantêm uma organização definida. Mas a maioria dos veículos desta categoria usa linguagem informal para transmitir opiniões e divulgar o projeto à sua maneira.

Para Cibele Lopes, produtora e idealizadora do Quitanda Cultural, os veículos eletrônicos também contribuem para a divulgar o projeto e concedem o devido espaço. “Hoje em dia a internet é um importante aliado na divulgação de trabalhos. As redes sociais cumprem um forte papel na disseminação de eventos, promoções etc”. (APÊNDICE A, p.91).

4.3.1 Análise quantitativa

A análise quantitativa dos veículos digitais de comunicação da cidade é difícil de ser mensurada, pois há diversos meios e uma infinidade de pequenos textos que aparecem ou não com certa frequência. Geralmente, em alguns portais, o conteúdo se baseia em uma programação pré-estabelecida com as atrações do “evento”, disponíveis na agenda semanal, embora não noticiem todas as vezes em que um Quitanda estava para acontecer. Em outros, as informações são mais amplas e se tratam de uma cobertura meramente fotográfica, mas mesmo assim nem sempre há profissionais deslocados para mediar o evento na transmissão de informações para o leitor e, assim, a frequência do conteúdo noticioso no veículo também é incerta. Nos sites de relacionamento, as informações são informais e pessoais, o que não se pode quantificar de que forma e com qual intensidade acontece. No entanto, essas informações disponíveis na internet e que realizam um marketing viral, ao contaminar e transmitir informações a uma série de pessoas sem um controle que possa ser aferido, são de

grande importância para o projeto, pois contribuem para a promoção e a disseminação de novidades do mesmo.

4.3.2 Análise qualitativa

O conteúdo presente nos veículos digitais, principalmente nos portais que retratam o Quitanda Cultural, geralmente segue um excessivo atrelamento à agenda, aos moldes do *agenda setting*. Dessa forma, de maneira bem semelhante à grande maioria, se aproxima de um padrão, assim como as notas tijolinho ou de programação analisadas anteriormente. Os dados predominantes são as atrações, o horário, o local e o preço, o que varia pouco e, quando muito, as informações são complementadas pelos *press releases* ou históricos de grupos/artistas que se apresentam no Quitanda. Essas informações claras, objetivas, apesar de curtas, são importantes, pois incluem o projeto no calendário cultural da cidade. Os textos do Portal Zine Cultural, JFBuscaki e Emiolo.com dos dias 10/06/2008⁵⁹, 20/04/2010⁶⁰ e 22/04/2010⁶¹, respectivamente, são exemplos.

Alguns portais jornalísticos apresentam textos mais completos, são aqueles em que o conteúdo transmitido mais se aproxima dos jornais impressos. O portal Acessa.com, além de ter algumas matérias comuns, pratica o colunismo social através do profissional Jorge Júnior, que traz a programação do Quitanda e algumas curiosidade em poucas e pequenas frases. As fotos de cobertura geralmente retratam pessoas conhecidas no cenário local, celebridades ou artistas, músicos, atores entre outros. Apesar de terem o intuito de mostrar a vida dessas “personalidades”, há o envolvimento com o projeto, pois quem noticia participou e observou

⁵⁹ ANEXO F.

⁶⁰ ANEXO F.

⁶¹ ANEXO F.

o que acontecia no local onde o Quitanda foi realizado. Como exemplo, tem-se a notícia do dia 20/04/2009⁶².

O blog do radialista da cidade, Léo de Oliveira, também publica informações sobre a Quitanda. O conteúdo que ele disponibiliza para os leitores é mais extenso e não obedece a um modelo pré-estabelecido. No entanto, o material não é profundo e analítico, pois comumente as fontes não são consultadas e as informações se baseiam em conteúdos de *releases* enviados pela assessoria de imprensa. Como exemplo, a matéria do dia 05/06/2009⁶³.

Além desses, há ainda outros pequenos textos, de cunho bem pessoal, que como uma conversa digital, aparecem no *Flickr*, *Orkut*, *Twitter*, e que, por se referirem a informações particulares, não consta em exemplos no anexo. Há também o perfil do Quitanda Cultural no *Orkut* que tem o objetivo de divulgá-lo, atualizado com fotos e informações sobre os próximas edições.

Na internet vê-se uma cobertura diversificada. Em muitos casos, são postadas fotos do dia do acontecimento e de forma muito mais veloz do que o jornalismo tradicional e há, mesmo que na forma de textos menores, com informações tímidas e sem o apontamento de um profissional especializado, considerações relevantes sobre o Quitanda. Os portais geralmente utilizam um conteúdo que se aproxima da linguagem formal, praticando o agendamento, a exemplo do fazem as notas do jornalismo cultural dos jornais, no entanto, os meios eletrônicos são mais desenvolvidos em sua redação na comparação com as mídias tradicionais. Os blogs, geralmente de jornalistas ou de apaixonados por determinada área cultural, são normalmente mais amplos e falam do projeto com mais propriedade, no entanto, enfatizam um ponto de vista ou copiam notícias de *release*. Neste ponto, se destaca a especialização do público de cultura, aqueles que buscam informações sobre o que mais os interessam e se tornam conhecedores mais profundos sobre o assunto. E no caso de sites de

⁶² ANEXO F.

⁶³ ANEXO G.

relacionamento, o conteúdo é sempre mais informal e, mesmo com a propaganda do projeto em questão, esta só funciona se as pessoas de fato o aprovarem e divulgarem umas para as outras. Isso mostra um ponto relevante, o internauta que pode passar da condição de receptor para produtor, tendo voz ao noticiar os fatos. Nesse sentido a importância fica por conta dos veículos e das pessoas que noticiam através dele.

A internet coloca uma série de ferramentas, além do texto, à disposição de seus usuários, como fotos, vídeos, áudios e a própria interatividade. Isso permite ao internauta produtor de informações pensar em modos diferentes do usual para se comunicar com o leitor. A internet é um canal especialmente propício para o jornalismo cultural, que demanda ousadia, criatividade, e tem sempre espaço para divulgar o novo. É importante ressaltar que também há o perigo de informações falsas ou incompletas, devido aos ruídos de comunicação que a internet apresenta e por algumas vezes as informações se basearem em puros “boatos”.

A segmentação dos assuntos culturais parece ser outro destaque desta categoria, pois há cada vez mais conteúdo especializado disponível. O jornalismo que se segrega e consegue postar bons conteúdos na internet está em evidência e vem crescendo. Portanto, é importante frisar sua relevância no cenário cultural e a maior análise crítica por meio de trabalhos posteriores que venham a tratar do assunto.

5 CONCLUSÃO

O jornalismo cultural é fundamental na intervenção, divulgação, promoção e registro da cultura geral e local da população. Sendo responsável pela memória do povo e pela cultura que se modifica constantemente, é bastante dinâmico. Com o passar do tempo, se especializou e se transformou, passando pela crise econômica dos veículos impressos, com cortes de profissionais e investimentos, e também agora enfrenta a questão do rápido fluxo de informações. A velocidade frenética da renovação das informações estabelece coberturas cada vez mais superficiais e reportagens sem desdobramentos, o que leva a crer que matérias bem apuradas e escritas tenham a aura de “especiais”, em outras palavras, o que deveria ser regra, torna-se agora exceção.

O pressuposto inicial deste estudo era de que não haveria tantos textos jornalísticos sobre o Quitanda Cultural. No entanto, de posse de toda a clipagem dos jornais impressos locais da cidade nesses dois anos do projeto, verificou-se a existência de 65 textos, entre notas e matérias, o que mostra o relevante espaço concedido ao projeto cultural. E, apesar da maioria das notícias se referirem a notas (41 textos), enquanto a minoria (24 textos) faz menção a matérias, foi uma surpresa observar que oito matérias grandes possuíam chamada na capa do caderno de cultura e, mais ainda, notar que uma matéria sobre o Quitanda se tornou manchete de cultura de um dos principais jornais da cidade em um dos dias analisados. No entanto, o que se verificou foi a predominância de matérias jornalísticas provenientes do jornal Tribuna de Minas, pois quantidade de textos divulgada neste veículo foi muito maior (62 textos) que a os demais jornais impressos da cidade: JF Hoje divulgou, em dois anos do projeto, apenas dois textos e Diário Regional um texto. Ou seja, o jornalismo cultural local se concentra basicamente em apenas um jornal.

Antes da análise textual, tinha-se o prejulgamento de que o jornalismo cultural local era fraco, genérico e que o agendamento aparecia com grande frequência nas notícias da cidade. Da mesma forma, pensou-se que as pautas apresentadas aos jornalistas eram colocadas como situações previsíveis que refletiam e agendavam as programações culturais na forma de “eventos”, sinônimos de entretenimento, lazer e divertimento. Alguns fatores foram verificados, no entanto, as considerações não são apenas pessimistas.

Um fator relevante que trata o jornalismo local negativamente é a ausência de cobertura, pois na falta dela, o jornalista não pode testemunhar o acontecimento a partir de olhos sensíveis, usando a subjetividade que faz parte do jornalismo que trata de cultura. Acrescido a esse fator, está a ausência da crítica que é a base de qualquer jornalismo cultural. Há muitos artistas e pessoas que lidam com arte e cultura na cidade e que possuem o trabalho prejudicado pela falta da crítica que poderia ser o pontapé inicial para reconhecimento e divulgação. A observação ativa do cenário cultural também contribui para um maior profissionalismo, para o dinamismo do fazer artístico, o que permite à cultura se reinventar, desenvolvendo novas formas de manifestações e produzindo novos conteúdos questionadores.

Vê-se também que o número de matérias é bastante amplo e não parece haver falta de espaço nos jornais para reportar o Quitanda. As matérias até passam para o leitor o conceito do projeto, convidando-o a participar, principalmente por focar nas atrações. A rotatividade de assuntos complementares e “inovadores” provenientes do Quitanda, a atualidade do que é tratado e as apresentações inéditas e diversas são relevantes para o cenário cultural em que se vive na cidade e fator que desperta a atenção. A aplicabilidade do projeto em locais variados (Casa de Cultura, bairros São Pedro e Dom Bosco, Cultural Bar e Praça Antônio Carlos) agrega valor a ele e a sua própria divulgação nos jornais.

Paralelamente, vê-se a padronização das notas, o fortalecimento do agendamento, e um tímido avanço criativo nas matérias maiores, regidas pelo marketing que envolve os

produtos e eventos culturais. Na falta de cobertura, conteúdo, emoção e criatividade são prejudicados em muitas matérias jornalísticas. A escassez de envolvimento com o acontecimento não permite ao leitor se projetar e se identificar com o conteúdo de cultura que poderia absorver. Como não existem críticos atuando no jornalismo da cidade, a interpretação das manifestações artístico-culturais é prejudicada, bem como o desenvolvimento dos profissionais que atuam no campo cultural. Tudo isso é agravado por jornalistas pouco preparados culturalmente e presos ao *dead line* das redações. Falta tempo de digerir o que é cultura para a transmiti-la ao público leitor.

A partir do que se verificou com a análise das notícias, é notório que se faz necessário um melhor tratamento do texto, com mais conteúdo. É preciso que o jornalista se liberte dos padrões, dos modelos, do texto homogêneo, do formato clichê e busque o exercício pleno de um autêntico jornalismo cultural.

O produto cultural de hoje ainda é marcado por uma tendência de se explorar a cultura quase como um sinônimo de entretenimento, lazer e divertimento, ainda que ela represente muito mais. O fortalecimento do jornalismo cultural local, por meio do agendamento cotidiano das matérias e de uma cobertura mais sistemática nesse sentido, pode até ser considerado digno de aplausos, mas este não parece ser o único caminho para que o jornalismo que trata de cultura se desenvolva.

Quanto aos textos dos veículos digitais, como blogs, portais e sites de relacionamento, enxerga-se uma cobertura bastante diversificada. Alguns deles, em busca de um posicionamento mais sério e sóbrio, praticam uma linguagem bastante formal, influenciada diretamente pelas assessorias de comunicação e pela política de agendamento das informações. Apesar disso, essa abordagem rígida é importante porque garante a presença da Quitanda e de outros projetos no calendário cultural da cidade.

Foi perceptível, ainda, o restrito uso dos recursos disponíveis na internet ao tratar das matérias do Quitanda. Os veículos digitais praticamente não usaram hiperlinks de texto e vídeo, como também outros recursos que poderiam garantir uma interação ainda maior do leitor para com o texto.

No entanto, o fator principal, digno de destaque, fica por conta da cobertura informal do Quitanda Cultural, através de fotos, pequenos textos ou de uma visão pessoal sobre o projeto. O internauta que passa da condição de receptor de informações para produtor, tendo voz ao reportar os fatos, é elemento que se torna fundamental, pois representa a especialização do público de cultura, aquele que busca informações sobre o que mais lhe interessam, tornando-o profundo conhecedor do assunto. E, no caso de sites de relacionamento, esse conteúdo, sempre mais informal, funciona e se renova com a divulgação dinâmica das informações de uma pessoa para outra.

Neste ponto, não se pode cobrar um conteúdo tão bem trabalhado, já que os porta vozes da internet nem sempre são especializados. Mas esta forma de circulação de informações está em evidência e em crescimento, portanto, é importante frisar sua relevância no cenário cultural e uma maior análise crítica dos trabalhos posteriores que venham a tratar do assunto.

As notícias estudadas, apesar de não terem uma cobertura aprofundada, apresentam outros fatores que podem fazer crer que o jornalismo cultural de cidades de médio porte como Juiz de Fora pode dar certo. Observou-se que não falta espaço nos veículos formais e nos informais, o que falta é trabalhar melhor esse conteúdo. É notório, pelas próprias atrações do Quitanda Cultural, que há diversos artistas que merecem devida consideração e destaque. E há também bons profissionais na área de comunicação para noticiar os acontecimentos culturais, no entanto, é preciso valorizar o trabalho do jornalista cultural e fazer com que ele participe da vida cultural para noticiar com propriedade. Além disso, é preciso trabalhar a

subjetividade do jornalista, aquela que muitas vezes fica encoberta pela pressa ou pelos moldes da pirâmide invertida ou do *lead*. É necessário valorizar o sujeito, não na visão de celebridade, que toma a cena e a capa dos jornais, deixando o assunto para segundo plano, mas destacando a sua produção cultural enquanto criador e artista.

A confusão cada vez maior entre entretenimento e notícia pode causar sérias consequências à credibilidade dos veículos de comunicação. O problema não reside na lógica do entretenimento e da indústria cultural, mas na centralidade quase exclusiva destes, apagando as outras dimensões das manifestações culturais. É preciso que haja de fato uma cobertura não só do Quitanda, mas como também de outros projetos e manifestações artísticas. A valorização menos centralizada das culturas que se apoiam na diversidade de manifestações e produções do gênero, valorizando centro e periferia, contribui para cidadania cultural da população. Esse estudo, mais do que analisar, apontando falhas e avanços no jornalismo de cultura, serve para mostrar que a cultura pode ser mais valorizada e que Juiz de Fora tem instrumentos para isso.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, G. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Edusp, 1971.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação**: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2001.

BERGER, Christa. **Em torno do discurso jornalístico**. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). O indivíduo e as mídias. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CHAGAS, Mário Souza. **No museu com a Turma do Charlie Brown**. In: Caderno de Sócio Museologia n.º. 2; 1994, p. 55-72.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2ª ed. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 1999.

CUNHA, Leonardo; FERREIRA, Nísio e MAGALHÃES, Luiz. Dilemas do jornalismo cultural brasileiro. **Temas: Ensaios de Comunicação**. Centro Universitário de Belo Horizonte, n.1, v.1, agosto-dezembro 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI**: O dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GADINI, Sérgio Luiz. **Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais**: principais características do jornalismo cultural dos diários brasileiros. Trabalho apresentado no II Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Salvador, 2004.

_____. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

GOMES, Fábio. **Jornalismo cultural**. Brasileirinho Produções, 2009. Disponível em <<http://www.jornalismocultural.com.br/livroseletronicos.html>>. Acesso em: 26 maio 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

REBINKI JUNIOR, Luis. **O jornalismo cultural no Brasil**. 2008. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2439&titulo=O_jornalismo_cultural_no_Brasil>. Acesso em: 02 junho 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – neurose**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2005.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Wellington. **Jornalismo cultural: procedimentos pedagógicos**. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/rumos2007/pdf_jornalismo/Wellington%20Pereira.pdf>. Acesso em: 08 junho 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

_____. **Questão de gosto: ensaios e resenhas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2000.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. 2008. **O que é jornalismo cultural**. In: Mapeamento: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação. São Paulo: Itáu Cultural, 2008. p.71-80.

7 APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com Cibele Lopes, idealizadora e produtora do projeto Quitanda Cultural. Em 04 de junho de 2010, por e-mail.

Fernanda: Como nasceu o projeto Quitanda Cultural?

Cibele: O Quitanda nasceu no início de 2008 de um desejo meu em ver um evento que juntasse várias manifestações artísticas, agradasse as pessoas e encurtasse a distância entre arte/cultura e público.

Fernanda: Quais lacunas da vida cultural de Juiz de Fora o projeto preenche?

Cibele: Eu acredito que o projeto é uma possibilidade de maximizar trabalhos e talentos artísticos na cidade. E, às vezes, percebo que muitos trabalhos bons são desconhecidos ou não têm lugar para serem expostos. Talvez o Quitanda se encaixe nesse aspecto, de ser um espaço para as pessoas mostrarem suas produções. Costumo dizer que toda manifestação artística para mim é importante e tem seu valor.

Fernanda: Porque o nome “Quitanda Cultural”?

Cibele: Fiquei pensando num nome que retratasse de forma conceitual e popular a proposta do projeto, ou seja, a mistura. Aí pensei numa Quitanda, onde tem muitas opções sempre. A diferença é que na minha Quitanda oferta-se cultura em suas mais variadas vertentes. Tem gente que brinca "Me dá 2kg de música e 5kg de poesia" (risos). Eu adoro isso!

Fernanda: Quantas edições foram promovidas nos bairros? E quantas ocorreram na Casa de Cultura? No cultural Bar? E no Corredor Cultural?

Cibele: Na Casa de Cultura foram em torno de 15 edições e nos bairros Dom Bosco e São Pedro seis edições no total. Quatro edições no Cultural Bar e uma edição em comemoração ao aniversário da cidade em 2009.

Fernanda: Você acredita que o Quitanda já se tornou um evento cultural reconhecido no calendário da cidade?

Cibele: Sem falsa modéstia, acredito sim. As pessoas são muito interessadas pelo evento, estão sempre perguntando quando é a próxima edição, pedindo para participar, querendo dar sugestões. Isso não tem preço. E o público é o termômetro de um evento, de um produto, de uma marca.

Fernanda: Na sua opinião, quais fatores explicam a permanência do Quitanda no cenário cultural de Juiz de Fora nesses dois anos?

Cibele: Acho que como é um projeto amplo, que abriga várias manifestações diferentes, conseqüentemente, atrai muitas pessoas. Cada edição tem no mínimo cinco atrações, isso abrange um público sempre diferente, acho que isso soma muito ao projeto. O clima é gostoso, tem espaço para tudo e todos. Se está até hoje dando certo é porque teve aceitação.

Fernanda: Você acredita que o Quitanda possui a visibilidade que o evento merece por parte dos veículos formais de comunicação?

Cibele: A Televisão, por exemplo, nunca noticiou o Quitanda nem na agenda semanal (talvez pelo evento ser às quintas e a agenda televisa passar somente às sextas). Os impressos, em especial o Tribuna de Minas, sempre publicaram as edições do Quitanda na Casa de Cultura e no Cultural Bar. Esquivaram-se um pouco em noticiar as edições nos bairros, o que acredito que tenha sido ruim para o andamento do trabalho feito nos referidos bairros. Dos outros

impressos locais, o Diário Regional publicou uma matéria no Caderno Três e o JF Hoje publicou umas duas matérias (sem grande destaque e com texto de release). Mas, de forma geral, a imprensa é a grande aliada da produção cultural como um todo aqui na cidade.

Fernanda: Os veículos informais de comunicação (orkut, blogs, portais) também contribuem para a divulgar o Quitanda e concedem o devido espaço?

Cibele: Certamente. Hoje em dia a internet é um importante aliado na divulgação de trabalhos. As redes sociais cumprem um forte papel na disseminação de eventos, promoções e etc.

Fernanda: Você pensa que o Quitanda de alguma forma mudou o olhar da mídia de Juiz de Fora em relação ao fenômeno cultural?

Cibele: Acredito sim. Mas ainda há um longo caminho. Ao mesmo tempo em que a imprensa tem esse papel de divulgar eventos culturais, raramente podemos ver matérias ou coberturas sobre produtos culturais que são inerentes à indústria cultural. Aqui na cidade, especificamente, a produção cultural é retratada sempre de forma informativa, pouco analítica e sem crítica. Não possuímos críticos culturais na cidade e acredito que isso seja uma deficiência do mercado, pois há produção cultural a ser analisada.

Fernanda: Como você avalia a visibilidade do Quitanda nos jornais da cidade que o retrataram?

Cibele: O Quitanda sempre esteve na pauta do jornalismo impresso local, em especial no Caderno Dois do Tribuna de Minas. Os repórteres do Caderno Dois sempre entram em contato para saber sobre cada edição, buscam novidades e coisa e tal.

Fernanda: Você se lembra de algum momento em que o Quitanda perdeu espaço nos jornais por causa de algum artista de ‘maior’ importância que participou de algum evento concorrente?

Cibele: Não que o Quitanda tenha sido preterido com relação a outro evento ou show e por isso tenha ganhado menor visibilidade no jornal, mas por algumas vezes questionei-me sobre os espaços destinados a determinadas matérias. Essa questão sempre estará em pauta, mesmo porque a seleção das matérias passa pela subjetividade das editorias culturais. Sendo assim, você pode ter um bom material de divulgação do seu produto, releases, contatos, mas, no fim, quem vai delinear o espaço ocupado no jornal é o editor.

Fernanda: Qual a maior dificuldade em trabalhar com cultura na cidade?

Cibele: Sem parecer romântica mas correndo o risco de ser, acredito que está ficando mais fácil trabalhar com cultura em Juiz de Fora. Digo isso com relação ao trâmite da produção cultural (imprensa, suporte, bons trabalhos a serem expostos) e a atuação da FUNALFA que dá respaldo e apoio a muitos produtores. A dificuldade maior talvez seja ser reconhecido e conseguir manter um bom padrão de vida sem ter que recorrer a outra profissão ou atuar no campo cultural apenas nas horas vagas, como muitos fazem.

APÊNDICE B – Tabela 2: Nota de coluna social

Data	Tamanho	Página	Título	Localização no jornal	Fala das atrações	Local do evento	Endereço do local	Citação do produtor ou artista	Jornal	Editoria
12/06/2008	5 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Sim, uma apenas	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
07/09/2008	6 linhas / 1 coluna	4	Não	Inferior direita	Sim, uma apenas	Sim		Não	Tribuna de Minas	César Romero – Agenda Semanal
19/09/2008	8 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Sim, uma apenas	Sim	Não	Sim, opinião da produtora	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
09/11/2008	5 linhas / 1 coluna	4	Não	Inferior esquerda	Sim	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Agenda Semanal
13/11/2008	5 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Não, somente do tema	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo livre
13/12/2008	5 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Não	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
15/02/2009	7 linhas / 1 coluna	4	Não	Inferior direita	Não	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
08/03/2009	5 linhas / 1 coluna	8	Não	Inferior direita	Sim	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Agenda Semanal

12/03/2010	6 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Sim, uma apenas e o tema	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
16/04/2009	5 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Sim, uma apenas	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
17/06/2009	7 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior direita	Sim	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
28/06/2009	6 linhas / 1 coluna	3	Não	Superior esquerda	Não	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo Livre
10/09/2009	7 linhas / 1 coluna	5	Não	Inferior esquerda	Sim	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero – Vôo livre

APÊNDICE C – Tabela 3: Nota tijolinho ou de programação

Data	Tamanho	Página	Título	Localização no jornal	Fala das atrações	Local do evento	Endereço do local	Citação do produtor ou artista	Jornal	Editoria
13/04/2008	13 linhas / 1 coluna	3	Sim	Superior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
15/05/2008	6 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois - Confira - Dicas
12/06/2008	6 linhas / 1 coluna	3	Sim	Superior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
10/07/2008	6 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
28/08/2008	11 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
09/09/2008	8 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
11/09/2008	7 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
13/11/2008	6 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior esquerda	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
10/12/2008	5 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
11/12/2008	5 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas

12/03/2009	7 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior esquerda	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
16/04/2009	6 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
25/04/2009	6 linhas / 1 coluna	6	Sim	Superior esquerda	Não	Não	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Zine Cultural
09/05/2009	2 linhas / 1 coluna	6	Não	Inferior direito	Uma apenas	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Zine Cultural
23/05/2009	6 linhas / 2 colunas	6	Sim	Superior direita	Sim	Sim	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Zine Cultural
17/06/2009	5 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior esquerda	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
09/07/2009	7 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
06/10/2009	3 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior direita	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas
10/12/2009	5 linhas / 1 coluna	3	Sim	Inferior esquerda	Sim	Sim	Sim	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira - Dicas

APÊNDICE D – Tabela 4: Nota ampla

Data	Tamanho	Página	Localização no jornal	Fala da programação com detalhes	Local do evento	Citação do produtor ou artista	Opinião ou crítica	Relaciona o artista com a obra	Jornal	Editoria
13/04/2008	20 linhas / 1 coluna	3	Inferior esquerda	Sim	Sim, sem endereço	Não	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero
19/04/2008	15 linhas / 1 coluna	5	Superior direita	Sim, só duas e sem detalhes	Sim, sem endereço	Não	Sim	Não	Tribuna de Minas	César Romero
11/05/2008	13 linhas / 1 coluna	3	Superior direita	Sim	Sim	Não	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero
11/09/2008	10 linhas / 1 coluna	5	Inferior esquerda	Sim	Sim	Não	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero - Toque
10/12/2008	11 linhas – 1 coluna	5	Inferior direita	Sim, uma apenas	Sim	Não	Não	Não	Tribuna de Minas	César Romero
04/06/2009	29 linhas / 3 colunas	4	Superior esquerda	Sim	Sim	Não	Sim, opinião do leitor	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Eu Fui
12/09/2009	7 linhas / 1 coluna	5	Superior esquerda	Não	Sim	Não	Sim, parcial e indireta	Sim	Tribuna de Minas	César Romero
31/03/2010	45 linhas / 3 colunas	4	Superior	Sim, uma apenas	Sim	Não	Sim, opinião do leitor	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Eu Fui
24/04/2010	19 linhas / 1 coluna	5	Superior direita	Não	Sim	Não	Sim, opinião rasa do jornalista	Não	Tribuna de Minas	César Romero

APÊNDICE E – Tabela 5: Matéria média ou grande comum

Data	Tamanho	Página	Subtítulo	Foto	Localização no jornal	Programação detalhada e rica em conteúdo	Impressão ou fala do produtor ou artista	Opinião ou crítica	Relaciona o artista com a obra	Jornal	Editoria
17/04/2008	46 linhas / 2 colunas	3	Sim	Sim, uma	Superior (centralizada)	Sim	Sim, de um produtor sobre o Concult	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Confira
15/05/2008	90 linhas / 3 colunas	6	Sim	Sim, uma	Superior	Sim	Sim, da produtora, da poetisa, do bailarino	Sim, por parte de quem fez a matéria dizendo que a primeira edição foi um sucesso	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois
28/08/2008	43 linhas / 2 colunas	6	Sim	Não	Inferior direita	Sim, partindo-se de um grupo para chegar a todas as atrações	Sim, da produtora sobre da proposta do evento, moda e novos talentos	Não	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois
11/09/2008	89 linhas / 2 colunas	3	Sim	Sim, uma	Superior (centralizada)	Sim	Sim, indireta da produtora	Não	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois - Confira

09/11/2008	40 linhas / 1coluna	4	Não	Sim, uma	Superior esquerda	Não	Sim, opinião da produtora sobre o projeto e outros assuntos	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois – Vale a pena
16/04/2009	59 linhas / 3 colunas	3	Sim	Sim, uma	Superior (centralizada)	Sim, mas foca mais no grupo musical que serve de mote para a matéria	Sim, da produtora anunciando a Quitanda nos Bairros, da musicista sobre a sonoridade do seu trabalho	Não	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois - Confira
31/05/2009	71 linhas / 2 colunas	5	Sim	Sim, 4 e um quadrinho	Página inteira	Sim	Sim, dos artistas, mas não os do Quitanda	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois
02/06/2009	93 linhas / 4 colunas	6	Sim	Sim, 7	Página inteira	Sim, mas não da Quitanda, fala das atrações do evento como um todo	Sim, de um jornalista e um ator, mas não relacionados ao Quitanda	Não	Sim, mas não da Quitanda	Tribuna de Minas	Caderno Dois
07 e 08/06/2009	9 linhas / 1 coluna de página de inteira	16	Não	Sim, 5	Superior	Sim, mas não detalhadamente	Sim, de uma das organizadoras do desfile	Não	Não	Diário Regional	Moda
09/07/2009	56 linhas / 2 colunas	5	Não	Não	Inferior esquerda	Sim	Sim, da produtora sobre o Quitanda dos Bairros	Não	Não	JF Hoje	Cidade

11/07/2009	50 linhas / 1 coluna	4	Sim	Sim, uma	Superior esquerda	Sim, mas não detalhadamente	Sim, não sobre a Quitanda – do jornalista que participa de projeto paralelo também realizado no bairro	Não	Não	Tribuna de Minas	Caderno Dois
10/09/2009	79 linhas / 2 colunas	4	Sim	Não	Superior e inferior direita	Sim	Sim, da produtora sobre a ideia do evento nos bairros	Não	Não	JF Hoje	Cidade
07/10/2009	57 linhas / 1 coluna	4	Não	Não	Superior direita	Sim	Sim, de um vocalista e guitarrista; indireta de um ator	Não	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois
24/10/2009	49 linhas / 1 coluna	4	Sim	Sim, uma	Superior	Sim, bem detalhada	Sim, fala direta da produtora e indireta de participantes do bairro, uma menina cantora	Não	Sim, pouco	Tribuna de Minas	Caderno Dois - Confira
25/03/2010	76 linhas / 3 colunas	6	Sim	Sim, uma	Superior	Sim, inclui ainda comentários da produtora sobre as atrações	Sim, da produtora sobre edição de aniversário e sobre o tema; da cantora sobre seu trabalho; de um artista; de um músico e compositor	Não	Sim	Tribuna de Minas	Caderno Dois

APÊNDICE F – Tabela 6: Matéria grande com chamada no caderno de cultura

Data	Tamanho	Página	Subtítulo	Foto	Localização no jornal	Programação detalha e rica em conteúdo	Impressão ou fala do produtor ou artista	Opinião ou crítica	Relaciona o artista com a obra	Conteúdo da capa do caderno de cultura	Jornal	Editoria
12/06/2008	116 linhas / 4 colunas	6	Sim	Sim, duas	Superior	Sim	Sim, direta da produtora e indireta dos integrantes da banda	Sim, fala da crítica de um longa, mas uma crítica já formada	Sim, atrações contextualizadas com artistas e explicando a obra	Localização superior direita, com título, com foto, 6 linhas / 1 coluna, fala das atrações com nomes dos artistas	Tribuna de Minas	Caderno Dois
10/07/2008	99 linhas / 3 colunas	6	Sim	Sim, duas	Superior e inferior esquerda	Sim	Sim, da produtora sobre o evento, do artista sobre o espaço para receber a produção artística local; indireta de outro artista; de artesão	Não	Sim	Localização superior direita da capa, com título, com foto, 6 linhas / 1 coluna, com local e atrações	Tribuna de Minas	Caderno Dois

							sobre a sensação de produzir seu trabalho, da produtora					
13/11/2008	68 linhas / 2 colunas	3	Sim	Sim, uma	Superior	Sim	Sim, direta da produtora sobre atrações e comentários sobre novidades para o próximo ano com o Quinta nos Bairros	Não	Sim	Localização superior direita, 5 linhas / 1 coluna, com título, com foto, uma atração	Tribuna de Minas	Caderno - Dois - Confira
11/12/2008	79 linhas / 2 colunas	3	Sim	Sim, uma	Superior	Sim	Sim, da produtora sobre os objetivos para 2009, das artistas sobre o seu trabalho, do poeta, do responsável pelo coral	Não	Sim	Localização superior direita, 6 linhas / 1 coluna, com título, com foto, atrações gerais	Tribuna de Minas	Caderno - Dois - Confira
08/07/2009	58 linhas / 2 colunas	3	Sim	Sim, uma	Superior direita	Sim	Não	Não	Sim	Localização superior, 1 linha de	Tribuna de	Caderno Dois

										página inteira, 1 foto	Minas	
10/09/2009	53 linhas / 2 colunas	3	Sim,	Sim, uma	Superior	Sim	Sim, da produtora sobre Quitanda nos Bairros	Não	Sim	Localização na parte inferior (como rodapé), sem foto, sem título, 1 linha de página inteira, atrações gerais	Tribuna de Minas	Caderno Dois
13/04/2010	86 linhas / 2 colunas + box com a data da programação em 2 colunas	6	Sim	Sim, duas	Página inteira	Sim, não das atrações do Quitanda, mas as do festival de dança	Sim, de uma das idealizadoras do festival, mas não da Quitanda especificamente	Não	Sim, mas sobre o Quintada, mas sobre o festival	A matéria está localizada na capa	Tribuna de Minas	Caderno Dois
20/04/2010	113 linhas / 3 colunas	6	Sim	Sim, uma normal e 3 em montagem	Página inteira	Sim	Sim, dos músicos	Não	Sim, relaciona o estilo de musica, os lugares onde a banda passou	A matéria está localizada na capa	Tribuna de Minas	Caderno Dois

APÊNDICE G – Tabela 7: Matéria grande com chamada no caderno de cultura e no jornal

Data	Tamanho	Página	Subtítulo	Foto	Localização no jornal	Programação detalha e rica em conteúdo	Impressão ou fala do produtor ou artista	Opinião ou crítica	Relaciona o artista com a obra	Conteúdo da capa do jornal	Conteúdo da capa do caderno de cultura	Jornal	Editoria
12/03/2009	68 linhas / 3 colunas	6	Sim	Sim, 4	Página inteira com exceção de uma publicidade	Sim	Sim, expectativa da produtora da Quitanda; fala da coordenado da Casa da Menina Artesã	Não	Sim	Localização inferior direita, 9 linhas / 1 coluna, com atrações gerais do tema mulher	Localização superior direita, 6 linhas / 1 coluna, com atrações mais específicas	Tribuna de Minas	Caderno Dois

8 ANEXOS

ANEXO A - Nota de coluna social

12/06/2008 – Tribuna de Minas / César Romero / Vôo Livre

Felipe Grilo apresenta a exposição “Enorme tristeza”, de quadros e instalações, hoje, na Quitanda da Casa de Cultura da UFJF.

28/06/2009 – Tribuna de Minas / César Romero / Vôo Livre

Cibele Lopes tem recebido elogios pela produção da Quitanda Cultural, na Casa de Cultura da UFJF, que será levada aos bairros. Sábado que vem, a primeira edição será na Escola Estadual São Pedro.

19/09/2008 – Tribuna de Minas / César Romero / Vôo Livre

Lotou a última edição do Quitanda Cultural. Para a produtora Cibele Lopes “foi mais uma noite inesquecível! O clima delicioso de muita arte sendo exalada pelos jardins da Casa de Cultura”. Valéria Bortz emocionou em participação surpresa no show de Dudu Costa.

16/04/2009 – Tribuna de Minas / César Romero / Vôo Livre

*Cibele Lopes comemora hoje,
na Casa de Cultura da UFJF, o
primeiro ano do projeto Quitanda
Cultural, ao som do Quinteto São
do Mato.*

13/12/2008 – Tribuna de Minas / César Romero / Vôo Livre

A competente equipe do “Caderno Dois” da Tribuna aproveitou a Quitanda Cultural, na Casa de Cultura da UFJF para uma confraternização.

07/09/2008 – Tribuna de Minas / César Romero / Agenda Semanal

- 18h30 - Na Casa de Cultura da UFJF, o poeta e jornalista Álvaro Miranda lança o livro "A casa toda nave cega voa", na programação do projeto Quitanda Cultural

09/11/2008 – Tribuna de Minas / César Romero / Agenda Semanal

- 18h30 - Quitanda Cultural,
na Casa de Cultura da UFJF,
com o grupo Beraber e per-
formance poética de Patrícia
Almeida

08/03/2009 – Tribuna de Minas / César Romero / Agenda Semanal

- 18h30 - Quitanda Cultural,
na Casa de Cultura da UFJF,
com show do Lúdica Música!
e peças da Casa das Meninas
Artesãs

ANEXO B - Nota tijolinho ou de programação

15/05/2008 – Tribuna de Minas / Caderno Dois / Confira / Dicas

► **QUITANDA CULTURAL**

Exposição, exibições, performances e atrações musicais. A partir de 18h, na Casa de Cultura da UFJF (Av. Rio Branco 3.372 - Centro). 3215-4694. Entrada franca.

10/07/2008– Tribuna de Minas / Caderno Dois / Confira / Dicas

► **QUITANDA CULTURAL**

Performances artísticas, declamação de poemas e show com a banda 3, 2, Único. Hoje, às 18h30, na Casa de Cultura (Av. Rio Branco 3.372 - Centro). 3215-4694.

► **QUITANDA CULTURAL**

Performances artísticas, declamação de poemas. Com lançamento do livro "A casa toda nave cega voa", do poeta e jor-

nalista Álvaro Miranda. Quinta, às 18h30, na Casa de Cultura (Av. Rio Branco 3.372 - Centro). 3215-4694.

► **QUITANDA CULTURAL**

Quinta, das 18h às 22h, na Casa de Cultura (Avenida Rio Branco 3.372 - em frente à Santa Casa). Atrações: show de samba e MPB com Dudu Costa; debate sobre a criação do Concult; apresentação teatral da peça "Um dedo de prosa", com Marcus Amaral, Elenita de Paula e Carlos Carrera; e instalação de moda com peças da Oficina da Mantiqueira e da estilista Cristina Bastos.

10/12/2008 – Tribuna de Minas / Caderno Dois / Confira / Dicas

► **QUITANDA CULTURAL**

Teatro, música, exposição e
venda de peças artesanais.
Quinta, às 18h30, na Casa de
Cultura (Av. Rio Branco 3.372
- Centro). 3215-4694.

► **QUITANDA CULTURAL**

Show com Darandinos, apresentação teatral com o ator Marcus Amaral, instalação de moda, dança com a Cia. Inércia Zero e exibição de trechos do filme "Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo mas tinha medo de perguntar", de Woody Allen. Hoje, às 18h30, na Casa de Cultura (Av Rio Branco 3.372 - Centro) 3215-4694.

25/04/2009 – Tribuna de Minas / Caderno Dois / Zine Cultural

Zine Cultural @ TVE. Hoje, tem reprise do programa da temporada Zine Cultural na TVE, às 13h15 e às 19h15. Na pauta estão: Quitanda Cultural, lançamento do Anuário 2008 do Clube de Criação de JF e a musicalidade de Fernando Gaio.

09/05/2009 – Tribuna de Minas / Caderno Dois / Zine Cultural

⊕ Dia 31 de maio tem Quitanda Cultural, na Praça Antônio Carlos, fechando a 1ª virada cultural JF com show do Lúdica Música.

23/05/2009 – Tribuna de Minas / Caderno Dois / Zine Cultural

Corredor Cultural. Para comemorar os 159 anos de Juiz de Fora, a Funalfa prepara uma maratona de 40 horas de programação de arte e cultura, sem interrupção. O Corredor Cultural será realizado nos próximos dias 30 e 31 de maio, no CCBM, no Cinearte Palace, no Pró-Música e na Biblioteca Municipal. Entre os nomes confirmados estão Lúdica Música, Marcos Marinho, Dudu Lima, Sandra Portella, Fabrício Conde, Roger Resende e Adriana Paes. Em paralelo ao evento, a tradicional Quitanda Cultural vai transformar a Praça Antonio Carlos em um grande mercado de cultura, no dia 31.

ANEXO C - Nota ampla

12/09/2009 – Tribuna de Minas / César Romero

AGITO CULTURAL

Quem circulou pela Quitanda Cultural, na Casa de Cultura da UFJF, foi o ator Ricardo Martins, que integra o elenco do espetáculo "Inveja dos Anjos", do Grupo Armazém, considerado pela crítica Bárbara Heliodora um das melhores de 2008. Ele está na cidade para dirigir a nova peça de Marcos Marinho.

Cultural

As atrizes Caru Rezende e Raphaela Ramos farão a performance “Sobre sapos, sopas, estômagos e ouvidos”, amanhã, na Quitanda Cultural.

No ‘happy hour’, será lançado o site da Casa de Cultura da UFJF, além de apresentação do Coral de Surdos.

TANGO NA NOITE

Natália Salazar (super sensual) e Rodrigo Gabriel deram um show de dança na apresentação do grupo argentino Violetango, no Cultural.

Entre os presentes na festa de abertura do 2º Festival Nacional de Dança, o superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, Rogério Mascarenhas Aguiar, Bruno Calixto, Silvana Marques, Serjão Evangelista, Rafael Cestaro (comandando uma mesa), Rafaela Correa, Carú Rezende, Fred Machado, Simone Vasconcelos e Geraldo Magalhães.

'Happy hour' cultural

Um sucesso a abertura do projeto Quitanda Cultural, agitado por Cibele Lopes, na Casa de Cultura da UFJF. Além da canja musical de Roger Resende e Dudu Costa, o evento reuniu um público diversificado e promete movimentar as quintas-feiras, quinzenalmente.

Entre os muitos presentes, Gisele Tavares, Fernanda Fernandes, Daniela Toledo Miranda Chaves, Luciana Fins, Vinícius Cristóvão, Tarcísio Dalpra Jr., Angélica Joppert, Sandro Massafra, Thiago Andrade, Carú Rezende (com Jorge), Marcus Amaral, Sandra Emília, Thays Costa, Beto Campos, Jorge Sanglard e Erasto Gomes.

Quinta cultural

Um debate sobre a criação do Conselho Municipal de Cultura (com Sandra Emília, Jorge Sanglard, Gisele Quinet, Rose Probst e Vanderlei Tomaz) vai marcar a estréia do projeto “Quitanda cultural”, dia 17, na Casa de Cultura da UFJF.

Ainda na programação, show com Dudu Costa, apresentação do espetáculo “Um dedo de prosa” e instalação de moda com a Oficina da Mantiqueira e peças em tricô.

Quitanda diversificada

O Corredor Cultural, evento organizado no último final de semana pela Funalfa com 40 horas de programação cultural, teve de tudo um pouco. Ginástica, teatro, dança, música, cinema, literatura foram algumas das atrações oferecidas nos principais pontos históricos do Centro de Juiz de Fora.

A Quitanda, na Praça Antônio Carlos, não tinha como característica a venda de frutas, verduras e legumes, mas, sim, artesanato, caldos. E, ao mesmo tempo, doava muita

música boa, poesia e fotografia para ser apreciada.

O cenário foi composto por caixas de madeira. Panos floridos, junto às árvores e ao fundo do CCBM, deram um ar alegre ao evento, que fez com que o público tivesse contato com uma diversidade cultural e levasse em sua mente um pouco de tudo isso.

Marcou presença a música do Parangolé, que levou até crianças para dançar em cima do palco. O Quinteto São do Mato, com variados

instrumentos e repertório, teve como retorno a empolgação do público, que queria mais. Até desfile de moda com roupas recicláveis apareceu nessa diversificada quitanda. Dudu Lima Trio não podia faltar. Por fim, o Lúdica Música fechou a festa na Praça, deixando aquele aperto e uma vontade de quero mais.

FERNANDA ALONSO,
estudante

Ainda sentindo o perfume da Matilda

O quarteto formado por Amanda Martins, Bia Nascimento, Fabricia Valle e Juliana Stanzani deixou mais uma vez seus seguidores, curiosos e novos adeptos de poros abertos e alma agradecida na última quinta-feira no evento Quitanda Cultural, organizado e coordenado por Cibele Lopes no Cultural Bar. A somatória dessas quatro artistas juizforanas e de seus ideais musicais, percepções harmônicas e melódicas e o pensamento sobre a respeitada sonoridade mineira, deu início, em 2007, à Banda Matilda.

As quatro flores, alimentadas pelas águas da percussão, voz, violão, flauta e tantas outras possibilidades, não economizaram em pesquisa, estudo e musicalização das tradições da musicalidade mineira da Zona da Mata que as abriga, bem como de compositores também juizforanos, como Dudu Costa e Lucas Soares. Elas

seguem o nosso horizonte montanhoso, indo além para tantas outras influências, como Milton Nascimento e Cris Afalo, sem se esquecer das heranças do congado, do maracatu, do congo e por aí vai.

Nesse show, foi arrepiante ouvir novamente a canção "Antes do acaso", momento em que seus seguidores esperavam ansiosos depois de quase um ano sem ouvir a música pela qual foi apresentada à banda no Corredor Cultural em 2009. No palco do Cultural, pude mais uma vez apreciar o Relicário Matilda que se estrutura em uma criatividade quase asfixiante de suas componentes. E perceptível a doação de cada uma delas aos arranjos e letras ressaltando as especificidades de sua relação com a nossa terra, retificando em cada aparição sua competência, encantamento e deixando claro a que vieram.

No mais, está a dedicação a canções autorais, a meu ver, como forma de dizer a sua verdade musical enquanto grupo fazedor de MPB - Música Popular Boa. A banda Matilda foi responsável pelo encerramento da noite, que teve como ponto de partida a Banda Primata e a já conhecida Lúdicia Música completando com responsável maestria o mosaico sonoro da Quitanda para lá de cultural. Quem pensa que o Cultural estava vazio às 3h, quando Matilda entrou no palco, está mais que enganado. Quem conhece não iria perder e quem não conhecia ficou para entender a insistência dos amigos no convite para ouvir músicas como "Patua" (que dará nome ao CD da banda), "Dona Elzira", "Margarida" e outras.

Gabriele Generoso, bailarina

Quitanda Cultural 'Point' da diversidade artística

Música, cinema, poesia, fotografia e performance fazem parte da segunda edição do evento criado para ser um espaço de convergência cultural

MÁRCIA CARNEIRO
REPORTER

Sucesso de público na primeira edição, a Quitanda Cultural retorna à Casa de Cultura, nesta quinta, ainda mais diversificada. A iniciativa, cujo objetivo é ser um ponto de convergência da multiplicidade artística, desta vez abre espaço para os clássicos do cinema europeu, além de arregimentar fotografia e literatura. Isso sem deixar de lado música e moda, alguns dos carros-chefes da inauguração do evento, mês passado. Em clima de descontração proporcionado por um barzinho montado na área externa da Casa de Cultura, as atividades começam às 18h. A partir desse horário, as pessoas poderão conferir o "varal de poesias" denominado "Coisas da atriz", de Raphaela Ramos. "Vamos reproduzir um camarim para abrigar esse material", comenta a organizadora da Quitanda Cultural, Cibele Lopes.

A mostra reúne poesias de Raphaela apresentadas em peças. "Um casaco de pele, por exemplo, abrigará o poema 'Casaco de dúvidas', um tênis trará 'Calo' e 'Andorinhas' estará exposta numa blusa estampada com o desenho do pássaro", exemplifica a autora dos trabalhos. Se-

gundo Raphaela, as poesias foram produzidas a partir de 2005, quando foi para São Paulo estudar teatro. "Nessa época, muita coisa aconteceu e aí misturei tudo, coisas pessoais e experiências de atriz, num sentimento único", explica a moça, que aborda questões como dores e conquistas em seus poemas.

Também já na abertura do evento, o público vai conferir a exposição "Filhos de Artur", fotografias de Bruna Castanheira sobre as festas na Comunidade dos Arturos, em Contagem, que, só por hoje, deixa o The Loft, onde se encontra. A parte da moda estará a cargo do grupo liderado pelo músico, compositor e ator Gibran Lamha, que prepara o espetáculo "Casudo", baseado na cultura brasileira e previsto para estrear na próxima terça-feira, no Pró-Música. De acordo com a organizadora da Quitanda, as bolsas criadas para a divulgação deste trabalho trazem motivos brasileiros, como o boi-bumbá e o bondinho de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

Em meio à diversidade de atrações, haverá, ainda, a performance "Território travessado por um desvio de rumo" de Marcus Vinícius. Bailarino que atua nas áreas das danças contemporânea, clássica e popular, Vinícius ressalta que o diferencial de seu trabalho é a utilização de

ressonâncias filosóficas.

O destaque cinematográfico da vez será o filme "Histórias Extraordinárias" de Federico Fellini, Louis Malle e Roger Vadim, exibido no evento às 19h30. A obra é baseada em contos de Edgar Allan Poe (1809-1849), um dos grandes nomes da literatura norte-americana, autor de contos e poemas notórios por seu romantismo mórbido, de profundo alcance psicológico. Nos anos 60, os três cineastas aceitaram o desafio de adaptar contos de Poe para um filme em episódios. O longa traz a visão bem pessoal destes diretores, que contribuem com seu próprio estilo para a obra, considerada a mais autoral das adaptações do escritor.

Logo após a sessão de cinema, as garotas da Nação D'ellas entrarão em cena. Val Dornelas (voz e violão), Camile Cou-belle (sax) e Marcinha (bateria) assumem o palco, mostrando clássicos de pop/rock e MPB com arranjos próprios. Na estrada desde 2005, a banda já esteve em bares como Cenário, Mezcla, Café Acústico e People, além de eventos na região. Elas ainda participam com uma música própria da coletânea musical produzida pelo Cultural Bar.

□ Hoje, das 18h às 22h, na Casa de Cultura (Av. Rio Branco 3.372, em frente à Santa Casa).

DIAGO CARVALHO CASCUDO/Divulgação



PREVIA:
Gibran vai mostrar as bolsas feitas para a divulgação do espetáculo 'Casudo'

CONFEIRA

**JEITO
BRASILEIRO:**
influências do
cancioneiro
nacional
dão o tom
para a
turma do
Quinteto
São do
Mato



Quitanda Cultural

Arte para dar e vender

Mistura artística que reúne
exposição, música, literatura
e troca-troca está de volta

Do frevo ao maracatu. É preciso ter personalidade para excursionar por tantas vertentes musicais e chegar a uma só sonoridade: o ritmo brasileiro. Ponto para a turma do Quinteto São do Mato, responsável pela chamada musical do Quitanda Cultural de hoje, que traz ainda o lançamento da terceira edição do caderno literário "Encontrare", um mix de cômicas performances do Clube da Comédia, artesanato e exposição.

De olho nas novidades, a produtora da "feira", Cibele Lopes, anuncia: "A Quitanda nos bairros vai começar. O Ministério da Cultura já depositou a verba para o projeto. Em breve, teremos mais da verdadeira mistura cultural".

Chadas Ustuntas mostra seus dotes no violão de 11 cordas, na viola e na escaleta do Quinteto São do Mato, enquanto Nara Pinheiro (flauta transversal e escaleta),

Maíra Delgado (pandeiro, triângulo e xequerê), Márcio Guelber (pandeiro, caxixi e zabumba) e Henrique Novaes (caixa, bongô e djambê) completam a trupe que veste trajes típicos para interpretar canções ciganas em ritmos oriundos dos quatro cantos do país. "Nós temos realizado apresentações explorando o sonoro em sua forma mais ampla, admirando e reproduzindo os sons dos pássaros e das matas, por meio de apitos e efeitos", reforça Maíra Delgado.

Interpretando pérolas que vão de Baden Powell a temas de filmes de Chaplin, a banda segue com a busca de encurtar as distâncias e reduzir o tempo. Trechos da poética de Vinícius de Moraes, letras de Hermeto Pascoal, Paulo César Pinheiro, e autorais, como "O que fazer?" e "Gulçin", de Ustuntas, também estão escalados para a eclética apresentação.

Espaço para todos

Abrir a rede para novos escritores e artistas de variados gêneros é uma das premissas do caderno literário "Encontrare", que não se fecha para o regionalismo e expande sua atuação para capitais como São Paulo. Já os veteranos do riso, Teatro de Quintal (TQ) e Cia. Teatral Putz!, abrem o leque para receber novos humoristas interessados em se associar ao Clube da Comédia, que também dá uma canja nesta noite.

A Quitanda ainda aposta em ritmos como a black music, por meio de painéis que narram a arte do Baile do Silva, atração da próxima segunda do Cultural Bar. Durante o evento, inclusive, serão sorteados prêmios que vão de cortesias para assistir ao Clube da Comédia na sexta a blusas, DVDs e peças de artesanato.

□ Hoje, a partir das 18h30, na Casa de Cultura da UFJF (Av. Rio Branco 3.372 - Centro), 3215-4694.

Quitanda Cultural

A gente quer diversidade

Em sua sexta edição,
projeto reúne samba,
poesia, cinema,
dança e artes
plásticas

A palavra de ordem é diversidade. Assim como em uma típica quitanda é possível encontrar artigos dos mais variados, no projeto Quitanda Cultural a oferta passa pelas mais variadas formas de arte - música, dança, cinema, poesia, moda, exposições de fotografias e artes plásticas. O evento, que hoje terá sua sexta edição, acontece sempre na segunda quinta-feira de cada mês, na Casa de Cultura, aberto ao público a partir das 18h30.

Atendendo a pedidos dos frequentadores, a mais nova revelação do samba juizforano, Dudu Costa, volta a cantar no evento de hoje. Ele esteve na primeira edição do Quitanda, em abril,

e agora fará uma apresentação em formato voz e violão ao lado de Daniel Lovisi. Mas, não custa nada avisar que o show será a última atração da noite - marcado para acontecer entre 20h30 e 22h. De acordo com a produtora Cibele Lopes, a intenção inicial era promover acontecimentos simultâneos, mas, como o público gosta de assistir a tudo, tem sido feita uma programação seqüencial para cada edição.

Hoje, a noite começa com a exibição do curta "Homeostase", de Gabriel Lemes, que acaba de receber o Prêmio Mosca 2008, na Mostra Audiovisual de Cambuquira (MG) - cidade em que as cenas foram rodadas. O curta fala de vida e morte abordando as relações entre o jovem Pedro e um velho sábio. Depois da exibição, haverá um debate com os realizadores Alexandre Félix, que fez direção de fotografia, edição e atuou como ator, produtor e câmera, e Luís Antônio Maurício, que



DE TUDO UM POUCO: entre as atrações do evento hoje, estão as fotografias da estudante Mariana Quintão

trabalhou com produtor e figurante.

Na seqüência, o público será convidado para o lançamento do livro de poesias "A casa toda nave cega voa", escrito pelo jornalista Álvaro Miranda, paulistano radicado no Rio de Janeiro. A obra, editada pela 7Letras, reúne 47 sonetos que partem de uma postura poética contemporânea, passando por temas como infância, juventude, morte, tempo e fantasmas do inconsciente. O autor estará no local declamando poesias do livro.

Dança em cena

Antes da apresentação de Dudu Costa, quem se apresenta é o grupo EmCenaCEM, formado por bailarinos amadores do Centro de Educação

de Jovens e Adultos da Prefeitura. Ao todo, são 12 jovens entre 14 e 18 anos que apresentarão coreografias em uma linguagem atual, nascida de pesquisas sobre a arte dos movimentos para expressar idéias, sentimentos, conceitos e atitudes.

Paralelamente a estas atrações, o quintal da Casa de Cultura abrigará duas exposições: fotografias da estudante Mariana Quintão e telas da artista plástica Adriana Alhadas. Em suas fotos, Mariana aborda expressões faciais e corporais, demonstrando desespero, felicidade, tristeza, desejo, sensualidade, prazer e solidão. Já Adriana trabalha com arte abstrata, tendendo para o estilo naïf. Nas obras, ela utiliza acrílica sobre tela, mas também confecciona estampas para camisetas, que estarão à mostra no local.

□ Hoje, das 18h30 às 22h, na Casa de Cultura (Av. Rio Branco 3.372, em frente à Santa Casa). 3215-4694.

Moda nas comemorações do aniversário da cidade

Em comemoração aos 159 anos de Juiz de Fora, aconteceu o Corredor Cultural com 40 horas de programação de artistas da cidade que mostraram seus talentos, música, dança, teatro, cinema, moda e fizeram parte deste grande evento produzido pela FUNALEA.

No domingo, na praça Antônio Carlos, o público pode conferir uma linda feira de artesanato na Quitanda Cultural, com estilistas locais e de cidades como São João Neponuceno. Mas o ponto alto da noite aconteceu com a participação do curso Design de Moda da Faculdade Estácio de Sá, na ocasião, modelos da agência Click Model desfilaram produções confeccionadas pelos alunos do terceiro período do primeiro curso de moda de nível superior. Vestidos, bolsas, coletes e peças inusitadas confeccionadas, em sua maioria com materiais alternativos, despertaram um olhar diferente sobre a moda e suas possibilidades.

O público, que lotou a praça, se surpreendeu com peças conceituais e modelos em belas performances na passarela. Para uma das organizadoras do desfile, Anesley Pereira, "a oportunidade de mostrar nossos trabalhos e apresentar um conceito diferenciado de moda, fez-nos embarcar neste belo projeto que veio acrescentar e muito as comemorações do aniversário de Juiz de Fora". Confira as fotos.



Quitanda Cultural está de volta

**• Evento agita,
hoje, a Casa
de Cultura da
UFJF, a partir
das 19h**

A Quitanda Cultural volta hoje à Casa de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Após ter a edição de agosto cancelada devido às recomendações do Comitê Municipal de Enfrentamento à Influenza A (H1N1), o mês de setembro volta com várias atrações.

Entre elas haverá o lançamento oficial do site da instituição. A banda “Matilda” e o grupo de dança “Luz de Brada” estarão no evento. Na programação há também a instalação “Querido Diário (tópicos para uma semana utópica)” de Raissa Ralola e Felipe Mussel, lançamento do curta “Davi”, de Lívia Maia, exposição “Luz dos Olhos”, de Bruno Moraes e artesanato Maria Buzina.

A Quitanda Cultural acontece a partir das 19h, na Avenida Rio Branco, 3.372.. A entrada custa R\$ 5.

Além dos eventos na Casa de Cultura, há, ainda, a Quitanda nos Bairros, que, no sábado, volta ao Dom Bosco. A segunda edição na comunidade terá apre-

sentações de grupos como ReggaeBem, Sorriso Sensual, Erê e Dudu Costa. Os moradores organizarão barraquinhas de comida e artesanato. Haverá, ainda, exposição de fotos do Projeto Educação e Cultura Geracional e do Pólo de Envelhecimento da Casa e um varal de poesia com textos da aluna do projeto, Aline Alves Pereira.

PARA OS BAIRROS

A produtora Cibele Lopes conta que a idéia da Casa de Cultura é levar a Quitanda Cultural, realizada nos jardins da casa, até os bairros.

— Nossa primeira experiência no bairro foi maravilhosa. Fomos muito bem recebidos pela comunidade. Eles têm muita coisa boa que precisa ser mostrada — comentou.

A segunda edição da Quitanda será no Jardim Paraíso, conhecido como “Chapadão”, sábado, de 13h às 17h. O evento é gratuito.

Além dos eventos na Casa de Cultura e no bairro Dom Bosco, o mês de setembro traz uma edição especial da Quitanda Cultural no Cultural Bar. Entre as atrações estão Orquestra Voadora, Quinteto São do Mato e Vinil é Arte. Além disso, artesanato, dança, exposição de fotografias, poesias e arte estarão à disposição do público.

Quitanda Cultural

ARTE E CULTURA DE GRAÇA EM BAIROS

Hoje tem nova edição do projeto Quitanda Cultural na Casa de Cultura da UFJF. O evento, que reúne várias manifestações artísticas num só local, também visita dois bairros este mês. Os moradores do Dom Bosco e do São Pedro recebem a iniciativa, respectivamente, nos dias 11 e 24. Nessas comunidades, a entrada será gratuita.

Na edição de hoje, que vai das 18h30min às 22h30min, o valor da entrada é R\$ 5. Na programação estão exposições de fotografia de Débora Trindade e de artesanato do Instituto Cidade.

O documentário "Ibitipoca fé e cura", de Rita Viana e Victor Zaiden, será exibido na Quitanda de hoje. A parte musical ficará a cargo da banda 3, 2, Único. A Casa de Cultura fica na Avenida Rio Branco 3.372, Centro.

Nos dois bairros, o even-

to vai das 13h às 17h. No Dom Bosco, será na Rua Belo Vale. Para a ocasião, já foi confirmada a presença da banda Matilda, que vai promover uma ciranda com as crianças. Além disso, haverá a venda de artesanatos produzidos por integrantes da própria comunidade.

Na edição do Bairro São Pedro, a Quitanda será na Escola Estadual São Pedro, na Rua Sady Monteiro Boechat. A programação terá as tradicionais exposições e atividades de hip hop.

Os público do São Pedro vai poder assistir também à apresentação de um grupo de pagode da comunidade.

— A intenção é integrar a produção desses bairros com os trabalhos das áreas mais centrais da cidade — explica a organizadora do evento, Cibele Lopes.

Dom Bosco recebe projeto cultural

A primeira edição do Quitanda nos Bairros, projeto da Casa de Cultura da UFJF, acontece hoje, no Dom Bosco. O evento promoverá um intercâmbio entre produções e atividades culturais diversas, mas também será uma boa oportunidade de os moradores conhecerem o trabalho de resgate da memória local, que vem sendo realizado por professores e alunos da UFJF. Isso porque, durante a programação, serão exibidos três vídeos produzidos pelo projeto de pesquisa e extensão "Comunicação, memória e ação cultural".

Coordenado pelos professores Bruno Fuser, da faculdade de comunicação, e Josimara Delgado e Estela Saléh, do serviço social, o projeto pesquisa a história de vida dos moradores mais antigos do Dom Bosco, com objetivo de mapear a memória coletiva e refletir sobre as principais mudanças no cotidiano. Durante o primeiro semestre, foram feitas entrevistas com vários idosos e, paralelamente, realizadas oficinas de multimídia com jovens do bairro, para envolvê-los na coleta de informações.

O resultado parcial do trabalho se resume em três breves vídeos idealizados e produzidos pelos próprios moradores. De acordo com o jornalista Marcos Oliveira, que atua como técnico de comunicação, o primeiro vídeo é baseado no tema "Como é ser mãe no Dom Bosco" e reúne fotos e depoimentos de mulheres da comunidade. O segundo aborda a iniciativa de alguns jovens do projeto, que quiseram homenagear uma professora. E o terceiro, intitulado "Quem faz a moda no Dom Bosco", retrata comportamentos, gestos e modos de se vestir comuns aos moradores do bairro, como uma amostra da identidade contemporânea local.

O projeto Quitanda Cultural, coordenado pela produtora Cibele Lopes, também vai oferecer oficinas de percussão, artes, poesia, exposições de fotos e artesanato, apresentações musicais com artistas da comunidade e outras atividades. A próxima edição está marcada para o dia 24 de julho, no Bairro São Pedro.

UFJF promove intercâmbio de culturas no bairro, com atividades diversas na tarde de hoje



Integrantes do projeto "Comunicação, memória e ação cultural" entrevistam o aposentado Francisco da Silva, 69 anos

Arte para dar e vender

MARCELO RIBEIRO/07-11-08

Ela se formou em direito, mas nunca pensou em advogar. Atualmente cursa faculdade de jornalismo e faz especialização em arte, cultura e educação. Apesar deste currículo formal, Cibele Lopes é conhecida mesmo como atriz da Cia Putz! e, há alguns meses, vem se aventurando como curadora e organizadora da Quitanda Cultural, evento que acontece na segunda quinta-feira de cada mês, na Casa de Cultura da UFJF.

Para Cibele, a Quitanda é a realização do sonho de ter um espaço que abrigasse várias manifestações artísticas. Para a concretização deste projeto, ela tem contado com o apoio da professora Enilce Albergaria e com a ajuda da consultora de estilo Jussara Porto. A cada mês, o evento, que vai para a sétima edição, vem se aprimorando.

"Ouço tanta coisa bacana que se pudesse faria uma Quitanda por dia. Dar oportunidade a novos talentos e contar com artistas de peso da cidade e de fora é muito valioso. Tenho muitos trabalhos para agendar para as próximas edições", diz. Ela adianta que, para 2009, a novidade será o Quitanda nos Bairros, um projeto com apoio do Ministério da Cultura.

Nos horários de folga, Cibele gosta de ler e assistir filmes em casa, mas também não abre mão de frequentar exposições, museus, antiquários, peças teatrais e shows. "Adoro estar com meus amigos. Prefiro uma farra com eles a sair para a balada", afirma. Como hobby, ela conta que adora colecionar vacas (de pelúcia, acrílico, como bibelô, chaveiro, enfeite etc) e confessa que tem mania de ver valor em qualquer entulho, assumindo-se como uma "caçadora" de brechós. A propósito, a vaca é símbolo da comédia nonsense e também integra o desenho da logo da Cia Putz!.



Cibele Venâncio Lopes, 27 anos, atriz e produtora cultural

□ Filme

"Brilho eterno de uma mente sem lembrança", de Michel Gondry

"É um dos filmes mais interessantes e perturbadores que já assisti. Uma ficção que mostra como uma lembrança pode alegrar ou assombrar nossas vidas"



transmitiu suas mensagens e palavras de bondade"

□ CD

"Então eu canto... E nem me lembro pra onde as coisas vão", do Lúdica Música

"Ótimo para qualquer momento, em qualquer lugar, com qualquer companhia"



□ Teatro

"A ver estrelas", da Cia 3meia9

"Uma bela montagem que Luciana Fins fez do texto de João Falcão. Fanstástico em todos os aspectos"

□ Na quitanda tem...

"arte pra dar e vender!"

□ Artista

O grande profeta Gentileza

"Gosto dele pela simplicidade com que

□ Frase

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece, como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento", de Clarice Lispector

No segundo dia do Corredor Cultural, a multiplicidade de manifestações se destaca e promete convencer o público a não desistir pelo caminho



NINA MELLO

Curta "O móbile: admiração", de Lilian Werneck



FOTOS DIVULGAÇÃO

Banda Trupicada

Pare, beba água e vá até o fim

RAPHAELA RAMOS
Repórter

Ainda que, na primeira metade da maratona, tenham sido inevitáveis um cochilo no ombro do amigo, um sumiço estratégico para o lanche da madrugada ou algumas dezenas de calezinhos pela manhã, não vai ser difícil para o público se manter de pé durante as 20 horas restantes do Corredor Cultural, promovido pela Funalfa Afinal, a variedade da programação foi pensada para agir à prova de preguiça. Neste domingo, as opções do evento vão da recreação infantil à música clássica, passando por samba, hip hop, moda, teatro e cinema.

Para quem perdeu o fio da meada no sábado, ainda dá tempo de

CERTO DIA EM UMA ESCOLA DE SÃO PAULO



REDA

VÂNIA MARINHO



Caravana Mezcla de Palhaços

vestir o nariz e participar da Caravana Mezcla de Palhaços, às 10h, ou improvisar uma fantasia e desfilir no bloco Parangolé Valvulado, às 18h - os dois na Praça Antônio Carlos. O local será também palco de uma feira de artesanato, das 9h às 19h, da Manhã de Lazer, da Tarde Cultura Jovem e da Quitanda Cultural.

Briquetes como pula-pula e cama elástica estarão à disposição durante o espetáculo "Aprendiz de Feticheiro", da Cia. de Farsa, de Belo Horizonte, além do teatro de bonecos da Cia. Expresso. "Vamos mostrar o espetáculo 'Bom dia todas as cores', com texto de Ruth Rocha, bem simples e infantil", conta Rose Probst, diretora da trupe. A banda Trupicada e o Grupo de Dança Funafá também farão apresentações durante a manhã. Enquanto isso, na Praça da Estação, acontece a Gincana Solidária Camilo dos Santos, com atividades recreativas e culturais.

Reta final

Depois do meio-dia, será a vez de a cultura hip hop entrar em cena, com produção de gráfito ao vivo e exposição dos quadradinhos de Raphael Salimena. "Estou feliz por ter sido reconhecido pela cidade, até porque entrei nessa área há pouco tempo", comenta o quadrinista. Se depender da seleção musical da tarde, a plateia realmente vai dar adeus à inércia. DJs e MCs comandam a festa, com gosto de electro, house, break e street dance. Os grupos Arolata e Sons da Mata e a dançarina Soraya Ramos também têm seus momentos antes de o sol se pôr.

Se muitos adoram curtir o ar e a claridade da rua, há quem prefira o escurinho do cinema. Para esses, a melhor opção é a mostra Curtas da Cidade, na Videoteca do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM), às 11h e às 18h. Para encerrar a maratona, a Quitanda Cultural - evento mensal que costuma lotar a Casa de Cultura - ganha uma edição extra e mistura a boa música a um desfile de modas, promovido pelos alunos do Estúdio de Sd. A trilha traz Dudu Lima Trio, Quinteto São do Mato e, como cereja do bolo de aniversário da cidade, a animação do Lúdica Música!

No Pró-Música, a orquestra sinfônica e o coral da instituição se apresentam ao lado dos coros do Colégio de Aplicação João XXIII e Jesuítas, às 20h. Confira a programação.

SERVIÇO

BIBLIOTECA MUNICIPAL

MURILLO MENDES (BMMH)

Praça Antônio Carlos, 5h, 3690-7049

CENTRO CULTURAL BERNARDO

MASCARENHAS (CCBM)

Av. Getúlio Vargas, 200, Centro, 3690-1051

CENTRO CULTURAL PRÓ-MÚSICA

Av. Rio Branco, 2.329, Centro, 3215-5951 / 3215-8045

PROGRAMAÇÃO

- > 8h às 13h
Manhã de Lazer
(Praça Antônio Carlos)
- > 9h às 19h
Gincana Solidária Camilo dos Santos (Praça da Estação)
- > 10h às 19h
Feira de artesanato
(Praça Antônio Carlos)
- > 11h
Mostra Curtas da Cidade
(Videoteca CCBM)
- > 13h às 17h
Tarde Cultura Jovem
(Praça Antônio Carlos)
- > 17h
Bloco de carnaval
Parangolé Valvulado
(Praça Antônio Carlos)
- > 18h
Mostra Curtas da Cidade
(Videoteca CCBM)
- > 18h
Quitanda Cultural: arte pra
dar e vender / encerramento
com Lúdica Música
(Praça Antônio Carlos)
- > 20h
Orquestra Sinfônica
Pró-Música e Corais
Pró-Música, Colégio Jesuítas
e Colégio de Aplicação
João XXIII
(Centro Cultural Pró-Música)



"Aprendiz de Feticheiro",
da Cia. da Farsa, de BH

Juiz de Fora no encalço das metrópoles

Atentos às inovações brasileiras e mundiais, os artistas juizforanos se inspiraram em iniciativas que já são sucesso e entraram para o calendário de sua localidade. Há cinco anos, a prefeitura de São Paulo criou a Virada Cultural, festa influenciada pelas Noites Brancas, de Paris, na França. Do lado de lá do Atlântico, o evento acontece, desde 2002, no primeiro sábado de outubro para marcar o fim do verão. Por aqui, a proposta surgiu para unir os paulistanos em 24 horas ininterruptas de shows musicais dos mais variados estilos, mesclados a apresentações circenses, intervenções e encontros.

Em 2009, cerca de 330 mil pessoas assistiram a 800 atrações em 150 locais diferentes. O centro da capital, durante a maratona, passa a ser visto e tratado de outra forma, apesar da sujeira que, normalmente, pode ser observada ao final do evento. Um ponto negativo que não precisa ser copiado.

Seguindo as pegadas da cidade que não dorme, o Rio também resolveu criar seu Viradão Carioca, porém, com algumas modificações. Cerca de 300 atividades - que não incluem apenas música, mas teatro, artes plásticas e cinema - são realizadas durante 48 horas em toda a capital.



Soraya Ramos (Sons da Mata) prendendo instrumento nos pés



Organização arregeçou as marges para armar Quintância Cultural



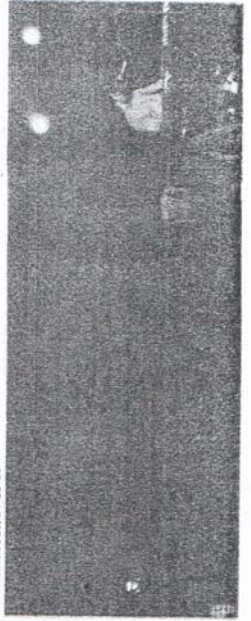
Parangolé Valvulado entoaou frevos-enredo

FOTOS MARCELLO RIBEIRO/31-05-09

Arte como cobertor

No primeiro dia do Corredor Cultural, nem o frio foi capaz de espantar os maratonistas da cidade

TOM RODRIGUES/31-05-09



ANTONIO OLAVO CEREZO/30-05-09



**BRUNO CALIXTO E
RAPHAELA RAMOS**
Repórteres

"Parece que o tempo não vai ajudar". Talvez essa frase tenha rondado a cabeça de quem acordou cedo no último sábado disposto a conferir todas as atrações do Corredor Cultural. Afinal, o céu branco e o frio resolveram visitar a cidade e dar às 40 horas de programação do evento promovido pela Funalfa um tom ainda mais desafiador.

Mesmo sem o prestígio do sol, no entanto, a iniciativa lotou o Parque Halfield, durante a manhã. À noite, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) também recebeu seus corretores com 700 pessoas, de todas as idades, interessadas em trocar mercadorias no Mercado das Pulgas e assistir a diversas apresentações. E por falar em escambo, vários produtos da Lei Murilo Mendes se esgotaram, tamanha procura dos participantes. Livros e gibis em bom estado, que serão doados a bibliotecas comunitárias, eram a "moeda" necessária.

Entre uma atividade e outra, a correria para chegar a tempo alimentava o programa. Até porque, enquanto o CCBM pulsava ao som das meninas da banda Matilde (um dos destaques da noite), a alguns quarteirões dali, o Cinearte Palace iniciava a madrugada com filmes e DJs nos intervalos. De lá para cá, o jornalista e ator Bruno Fonseca afirmou: "acho legal as coisas acontecerem em vários pontos. No ano que vem, gostaria de ver os bairros incluídos". O curta "O móbil: admiração", de Lilian Werneck, e a apresentação do Estúdio de Dança Silvana Marques surpreenderam a plateia, arrancando aplausos calorosos.

No final do tarde, o Chá com Poesia, também no CCBM, transformou o ar da cidade. "O clima estava ótimo. Todo mundo tomando chá, lendo as poesias sobre Juiz de Fora, batendo papo sobre cultura", definiu o superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, destacando ainda a boa vontade de todos os artistas e a energia do público. Pouco antes do chá, o reggae do grupo Flor do Pasto e a roda de capoeira já haviam trazido o calor que o dia reclamava.



Dudu Lima toca no meio do público



Meninas do Ingoma agitaram início da noite de sábado

Céu aberto para a chegada do tambor

Faltou um carro de som para a turma do pré-carnavalesco Paraungolé! Valvulado desfilou na Praça Antônio Carlos, mas sobrou animação quando os cerca de 20 artistas ocuparam o palco do segundo dia do Corredor Cultural. Afastando qualquer probabilidade de chuva, a trupe estava munida de instrumentos musicais, inclusive o tambor, que, aliás, foi uma das presenças mais marcantes da maratona artística.

Nas primeiras horas de sábado, os tambores da Banda Tropicada arrancavam aplausos no

Parque Halfield. Logo em seguida, o instrumento voltava a aparecer nos blocos de carnaval que desceram o Calçadão da Halfield rumo a Praça Antônio Carlos, onde o grupo de tambor Ingoma revelou ritmos brasileiros das mais diversas vertentes durante a tarde. Aproximadamente 24 horas depois, lá estava ele de volta, em diferentes formatos, nas mãos da trupe do Afroblata (Bairro São Benedito) e, posteriormente, do grupo Sons da Mata, de Leopoldina, que despediu-se do sol com canções afro-brasileiras.

Observando tudo atentamente, Heitor Machado, de 3 anos, também encontrou uma forma de batucar: na cabeça do pai, o servidor público, Júlio César Machado, 36. "Ontem, passamos por aqui (Praça Antônio Carlos), e ele não deu a menor confusão. Hoje, porém, pediu para vir, o que é ótimo, já que temos barracas, arte e música misturados em uma panela só", ressalta Júlio César, carregando Heitor nos ombros até o ecoar do último tambor da noite, encerrada às 23h pelo Lúdica Musical.

ANTONIO GLAUCO CEREZIO/30-05-09



Roda de capoeira com grupos do CDC



B-boys do Grupo Twister Style Crew

ANEXO E – Matéria grande com chamada no caderno de cultura

13/11/2008 – Tribuna de Minas / Caderno Dois / Confira

OLHAR SOBRE A TURQUIA

Mostra de fotos de Daniel Sotto Maior está entre as muitas atrações reservadas para a noite de hoje durante a sétima edição do projeto Quitanda Cultural.

DANIEL SOTTO MAIOR



Página 3

Olhos voltados para a Turquia

Dani Soto Mator



“OLHARES DESTROS”: fotos de Daniel Soto Mator, produzidas em suas incursões pelo território turco, mostram cultura e costumes do país

A edição de novembro do projeto Quitanda Cultural está com os olhos voltados para o Oriente, mais especificamente para um país que tem territórios na Europa e na Ásia e constitui uma das mais antigas e antigas culturas do mundo. Imagens, música e artesanato da Turquia mostram um pouco do fascínio e da criatividade árabe.

Essa viagem começa na série de fotografias de Daniel Soto Mator, intitulada “Olhares destros”, produzida durante suas incursões por cidades como Istambul e Ancara, e pela região da Capadócia, cenário de alguns dos acontecimentos citados na Bíblia. Nas 20 fotos escolhidas para o evento, estão registrados o exotismo da paisagem e o modo de viver do povo turco.

A ambientação musical do evento ficará por conta do grupo Beraber, que vai apresentar algumas músicas tradicionais da Turquia, executadas entre o repertório de sambas. A proposta de reunir elementos de diferentes raízes musicais consta do próprio nome da banda, que em turco significa “juntos”. Quem quiser levar um pedacinho da cultura árabe para casa, poderá adquirir peças trazidas da Turquia por Duru Ors, uma das integrantes do Beraber e natural da cidade de Samsu.

Edição de novembro do evento mostra imagens, música e artesanato do Oriente Médio

Teatro e poesia

A sétima edição da Quitanda Cultural terá, ainda, a apresentação da peça “Improviso do barulho”, com os integrantes do grupo Médicos do Barulho, formado pelos atores Rafaela Pereira, Fabrício Sereno, Marcos Bavuso e Amaury Mendes (o palhaço Fuzil). O espetáculo brinca com o improviso teatral, convidando o público a participar e se divertir. “Todo mundo conhece o trabalho desse grupo nos hospitais, mas essa é a chance de ver alguns improvisos desses atores”, comenta a organizadora do evento, Cibele Lopes.

Para completar o quadro diversificado do evento, a produtora e jornalista Patrícia Almeida apresenta sua performance poética. Inspirada em elementos do cotidiano, as poesias e os haicais da artista foram compilados no livro “Vendo pão e água”, que estará disponível no local. Realizando a penúltima edição da Quitanda no ano, Cibele antecipa que há novidades em estudo para 2009, como a ampliação do projeto para os bairros. “Será uma mistura cultural entre o que há na periferia da cidade e o que já acontece aqui no Centro”, conta.

Quitanda Cultural. Hoje, das 18h30 às 22h30, na Casa de Cultura (Av. Barão do Rio Branco 3372 - Centro).

QUINTA BEM MINEIRA

Quarta edição do projeto Quitanda Cultural, que acontece na Casa de Cultura, reúne exibição de filme de Mazzaroppi, apresentação do cordelista Compadre Lemos (foto) e da banda 3, 2, Único, além de causos mineiros.

Página 6



DIAPYLA LESTIZ/IMAGEM



3, 2, Único:
banda,
que estará
no evento
logo mais,
promete suas
tradicionais
releituras,
com a
pegada
regional

Mineirice

Licença, posso entrar?

Quarta edição do Quitanda Cultural reúne diferentes artistas para valorizar temas mineiros

RAPHAELA RAMOS
REPORTER

Uma convidada especial - e um tanto desconfiada - bate à porta da Casa de Cultura nesta quinta, em mais uma edição do Quitanda Cultural. É a mineirice, tão representada e comemorada em tempos de festas típicas. Para recebê-la, artistas de diversas áreas lançam mão de suas raízes, retalhos e chapéus de palha. "Não vamos fazer um arraial, embora o espaço esteja aberto para os que quiserem vestir trajes caipiras", afirma Cibele Lopes, produtora do evento. "Tematizamos o Quitanda para oferecer mais harmonia à multiplicidade cultural".

O som dos meninos do 3, 2, Único vai deixar ainda mais à vontade a convocada mineiridade, e as releituras, que vão de Villa-Lobos a Janes Joplin, revelam o tom regional da banda. Composições próprias, como a mesclada "Renascentista", também vão subir ao palco montado no quintal da casa. "Essa canção virou marca do grupo. Começa com um baião rasgado e passa para uma batida flamenco", conta o vocalista Bebeto de Castro, mais um que gosta de juntar tudo em uma coisa só, bem como o evento de hoje. Nesse balaio, entram três "causos" mineiros, dirigidos pela atriz Sandra Emília e vividos pelos atores Thiago Berzoini e Jackson Leocádio. Duas histórias foram selecionadas na internet e uma foi escrita pela diretora, a "Laranjal do Alcaide", uma brincadeira sobre os acontecimentos políticos recentes da cidade. "As pessoas vão se divertir com os esquetes", promete Sandra.

Além de levantar poeira, os artistas pretendem erguer reflexões. "Queremos gerar riso e pensamento", diz Thiago. Bebeto concorda e coloca na roda outro assunto, a falta de espaços aptos para receberem a



MAZZAROPPI:
filme
do mais
famoso
caipira do
país será
exibido

produção artística local: "que bom que a Casa de Cultura está levando adiante essa iniciativa".

Lugar, aliás, é o que não falta para um cordelista, acostumado a fazer da rua o seu palanque. Por isso, Compadre Lemos se sente feliz por poder passear entre os espectadores do Quitanda, contando seu cordel teatralizado "Minha mulé - depoimento de um marido apaixonado". Nele, o personagem Severino faz um desabafo a uma pessoa importante, um doutor, deixando claro que só tem olhos para a sua querida e muito "braba" Rosinha. Lemos ressalta que a narrativa é ficcional, embora acrescente: "o meu caso é semelhante, graças a Deus!". Autor de vários livros, o artista divulga seus cordéis também no site www.compadrelemons.com.

Efervescência

É o jeito "pão de queijo" de ser invade a festa também para falar de moda. Bolsas e cachecóis da Tiram Teclagem estarão expostos, revelando as inúmeras possibilidades da arte do tear. Uma das artistas, Miriam Marx, solta a criatividade quando produz suas peças: "eu sento ali e a coisa vai acontecendo". Outro estande, não tão mineiro, aumenta a diversidade do evento. Laila Luc apresenta álbuns e outros objetos

que passaram pela técnica do scrapbook para reproduzir, através de fotos e adereços pedaços de importantes histórias vividas por uma pessoa. Assim, surgem álbuns falados, que reúnem as principais informações e sentimentos de uma festa, de uma viagem, de uma comemoração. "Quero mostra que podemos fazer coisas diferentes, que existem muitos tipos de arte", afirma Laila. E essa efervescência cultural é, exatamente, a busca do Quitanda. "É tão bom junta tanta gente desigual em um lugar bacana", opina Cibele.

Como mineiro também tem fama de comilão, os "cumpades" poderão degustar delícias típicas, em um barzinho montado para o evento. Os mais animados terão chance de acompanhar, arrastando os pés as apresentações dos alunos do Estúdio de Danças Silvana Marques, sob a coordenação do professor Paulo Gabriel. E como não poderia deixar de ser, a sessão de cinema traz o mais conhecido e engraçado caipira da história, Mazzaroppi, com o filme "Tristeza do Jeca".

Para o público, fica o convite. Afinal, não é todo dia que a gente recebe uma visita como essa.

□ Nesta quinta, das 18h30 às 22h30, na Casa de Cultura (Av. Rio Branco 3.372).

QUITANDA CULTURAL

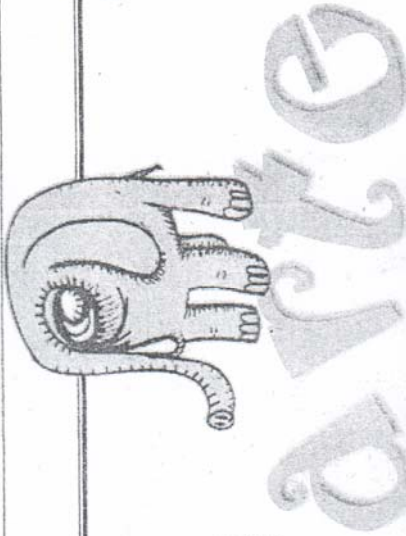
Edição de hoje de projeto na Casa de Cultura apresenta novidades, como as artes visuais de Felipe Grilo, prosa e poesia de Carolina Fellet, filme, números de dança com Inércia Zero (foto), além de sarau e o blues do Oscaravelho.

Página 6



Quitanda

Encontro com a



Hoje é dia de conferir uma 'miscelânea' artística da melhor qualidade na Casa de Cultura, com apresentação de shows, sarau, filmes e exposição

Carolina Fellet, que já ganhou várias premiações literárias em concursos nacionais. "Os textos que entrarão nesta edição da Quitanda serão agrupados conforme o tema comum, 'metabolismo', substantivo que dá nome ao varal," comenta Cibele.

As 19h, está prevista a exibição do filme "Sobre café e cigarros", do cineasta Jim Jarmusch, também diretor de obras-primas, como "Down by law" e "Estranhos no paraíso". A produção que será mostrada hoje aborda pequenas histórias independentes que se passam invariavelmente na mesa de bar. De acordo com Cibele, serão exibidas apenas algumas delas. Produzido em preto e branco, em 2003, o longa parece muito mais um passatempo do diretor. São histórias curtas que brincam com as personas de algumas celebridades, entre elas, Roberto Benigni, Iggy Pop, Tom Waits (amigo e constante parceiro) e Cate Blanchet. De acordo com a crítica, o ponto mais interessante da obra é sua correlação com o real, uma vez que Jarmusch filma alguns ícones do cinema e da música em um momento de pretensa realidade. A brincadeira acaba sendo a grande sacada, levando o espectador a se perguntar, por exemplo: será que Iggy Pop é realmente daquele jeito ou apenas está atuando como Iggy Pop? Para os especialistas, vale como diversão, embora já é costume se esperar um pouco mais que isso de diretores brilhantes como Jarmusch.

MARCIA CARNEIRO
REPORTER

Música, cinema, performance, poesia e artes visuais. Diversas manifestações artísticas serão apresentadas, hoje, na Casa de Cultura, durante a terceira edição do projeto Quitanda Cultural. O evento, desta vez, engloba maior número de atrações, como o sarau de poesia, que incluirá leitura de textos de Carlos Drummond de Andrade, duas apresentações-relâmpago de dança, além do pré-lançamento do primeiro DVD da Companhia Puzl! De acordo com a organizadora, Cibele Lopes, a realização de mais uma atividade do gênero representa a consolidação do projeto, o que insere a Quitanda na Casa de Cultura da UFJF no cenário cultural da cidade. "O objetivo é proporcionar a chance de coexistência de todas as artes", ressalta Cibele.

O evento começa às 18h30, com a mostra "Enorme tristeza", de Felipe Grilo, artista e design gráfico, que já expôs "Toscos desenhos" e "Ilustração com pasta" em outros espaços locais. O título da mais recente exposição de Grilo é justificado como uma maneira de elaborar um sentimento, que, segundo ele, "é tão comum quanto a alegria, dura pouco e não precisa de meditação". Paralelamente à exposição de Grilo, haverá o varal de prosa e poesia da estrutura de jornalismo da UFJF:



Foto: Duranço

INÉRCIA ZERO: companhia de dança (acima) apresenta dois números durante o evento, que contará também com grupo Oscaravelho (à direita)



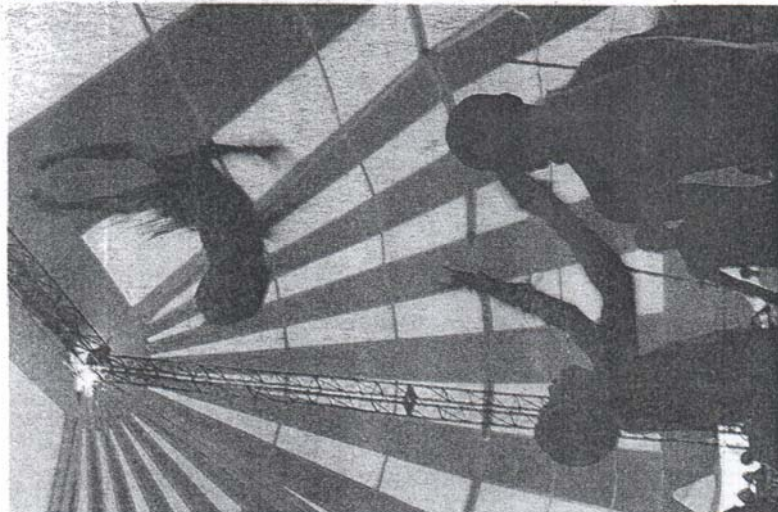
'Passageiro'

Após a sessão de cinema, o público verá a primeira performance com o grupo Inércia Zero, convidado da vez. A companhia mostrará "Passageiro...", que em um minuto oferece à platéia a sensação de um instante cotidiano. A peça compõe o processo de criação do espetáculo "Simetria", apresentado em 2007. Em seguida, haverá leitura de poemas de Drummond por integrantes do projeto de extensão universitária Oficina Literária e de Teatro Experimental, da Faculdade de Letras da UFJF. E não pára por aí. Logo a seguir, o Inércia Zero volta à cena com "Quem mordem a maçã?", performance que trata da relação entre homens e mulheres e seus papéis na sociedade contemporânea. A esquete integra o espetáculo "Inércia por inércia", deste ano.

Formado por Lique Gavio (piano e teclado), José Augusto (guitarra e harmônicas) e Ricardo (bateria e percussão), o grupo Oscaravelho sobe ao palco garantindo o show da

noite. Músicos que já integraram outras formações, o trio se propõe a apresentar clássicos do blues, como "Jailhouse blues", "Reverie blues", "Long gone blues", "Summer time", entre outros. Entre um e outro hit do gênero, eles apresentam composições próprias, que mostram influências de músicas erudita, popular brasileira e internacional. De acordo com seus integrantes, pelas trilhas remotas do blues, a banda evoluiu para o jazz e o rock progressivo em seus performances. O público poderá conferir, ainda, o pré-lançamento do DVD da Cia Puzl!, que terá divulgação oficial no dia 28, no Centro Cultural Pro-Música. Quem aparecer pela Casa de Cultura ainda irá concorrer a uma camiseta da marca residente "Chicores".

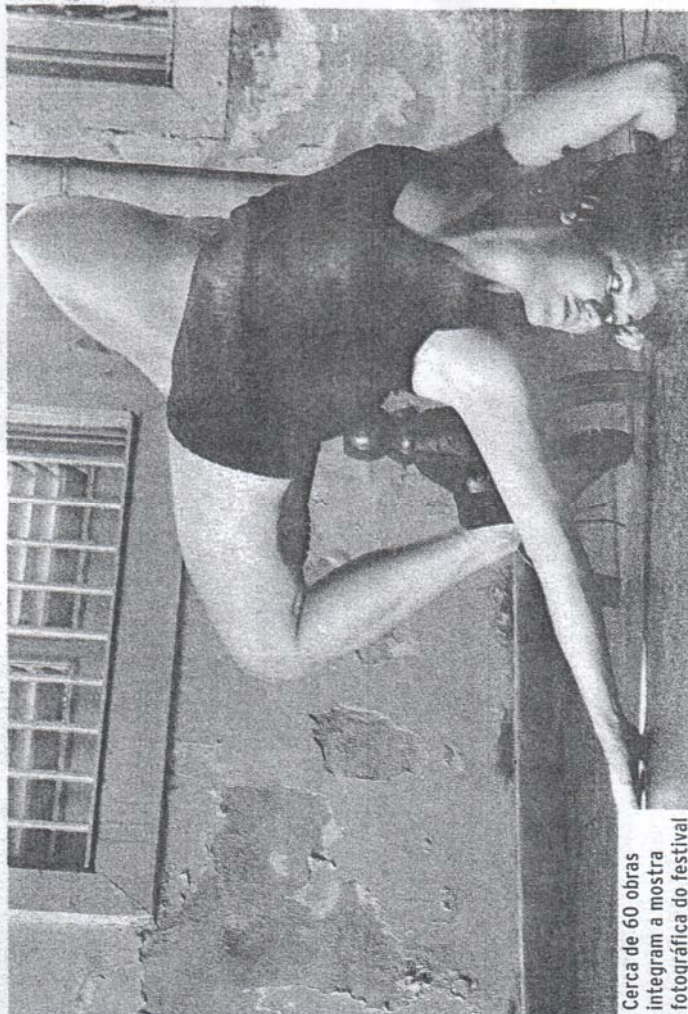
HUMBERTO NICOLINE



2º Festival Nacional da Dança começa no dia 22, com 46 atrações até 1º de maio

Atenção para o movimento

LIQUE GÁVIO



Cerca de 60 obras integram a mostra fotográfica do festival

BRUNO CALIXTO
Repórter

Parado na rua ou circulando pelos corredores do espaço urbano, você pode ser surpreendido pelo movimento. Dentro e fora, durante o dia ou à noite, o cenário é preparado para receber a arte que seduz o público com os pés. Isto é o que o 2º Festival Nacional da Dança promete para a cidade a partir da próxima semana, quando grupos locais voltam a dividir a cena com companhias de cidades como Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e Natal até 1º de maio (ver programação).

Com início marcado para o dia 22 de abril, o festival conta com 46 atrações, agrupadas em um roteiro que inclui mostra de espetáculos (longa duração), palco aberto (curtas performances na hora do almoço no Parque Halfeld), noite de coreografias (peças livres à noite em espaços abertos), intervenções artísticas (em pontos como em frente ao Cine-Theatro Central e na feira da Avenida Brasil) e espetáculos convidados.

"As intervenções repentinas são nossa proposta de interação da dança com espaços pré-existent, no meio da população, para despertar o interesse da população pelo movimento", ressalta uma das idealizadoras do festival, Carli Rezende, destacando ainda o cortejo que partirá do CCBM rumo ao Parque Halfeld com o grupo Mucambos de Raiz. Nagô de São Paulo no último dia de festival.

Ações paralelas

Entre os destaques, estão a edição especial da Quitanda Cultural e a exibição do musical "Nine", com Nicole Kidman e Penélope Cruz. Nos corredores do CCBM, cerca de 60 trabalhos assinados por aproximadamente 20 fotógrafos locais, apresentam um olhar singular sobre o que é a dança. O documentário "Arquitetura do corpo", dirigido pelo juiz torano Marcos Pimentel, também integra a programação de cinema. O curta está escalado para ser exibido antes da produção americana de Rob Marshall, no Cine-arte Palace.

A partir da próxima segunda, dia 19, a Funallá abre, gratuitamente, inscrições para as cinco oficinas que integram a mostra. Os interessados devem procurar a sede da fundação, no Parque Halfeld, até o dia 23 de abril (exceto no feriado, dia 21), das 9h às 17h, levando um livro de literatura em bom estado ou um quilo de alimento não perecível, exceto sal e fubá.

Ato-bailarino e coreógrafo com formação na Jennifer Muller & The Works Foundation, em Nova York, Gutó Macedo estará à frente da oficina de contato e improvisação. A professora do Corpo Escola de Dança, Regina Amaral, ministra o minicurso de história da dança, enquanto que os integrantes da Cia Fusion de Danças Urbanas, Leandro Belló, Gladstone Navarro e Victor Alves, assumem as aulas de house dance e hip hop dance. Já o bailarino, professor, coreógrafo, diretor e maître do Ballet Guafira, Jair Moraes, será responsável pelo balé clássico, e a atriz-bailarina graduada pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies, de Nova York, Adriana Bonfatti, assina a oficina de interpretação por meio do jogo dramático corporal.

Interessados em assistir às apresentações da mostra de espetáculos e espetáculo convidado podem retirar o convite na sede da Funallá, em troca de um livro de literatura em bom estado ou um quilo de alimento não perecível, exceto sal e fubá, a partir da quinta, dia 22, das 8h às 18h. Informações: 3690-7044

PROGRAMAÇÃO

Confira espetáculos gratuitos

- Dia 22**
> Abertura, às 22h, no Cultural Bar. Quitanda Cultural Especial.
- Dia 23**
> Abertura da exposição fotográfica coletiva "Movimentos", às 20h, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM)
- Dia 24**
> Intervenção artística: "Atitude", Zumbreak, às 10h, na Rodoviária
- > Sessão de cinema (Clube do Professor): exibição do curta "Arquitetura do corpo", de Marcos Pimentel, e do longa "Nine", ao meio-dia, no CineArte Palace
- > Noite de coreografias, às 19h, no Parque Halfeld
- Dia 25**
> Intervenção artística: "Vozes da rua", Grupo Emcena (Ponte Nova), às 10h, na feira da Avenida Brasil
- > Sessão de cinema: exibição do curta "Arquitetura do corpo" e do longa "Nine", às 19h, no CineArte Palace
- Dia 26**
> Mostra palco aberto, ao meio-dia, no Parque Halfeld
- Espectáculo convidado:**
> "A última noite de um bamba", Estúdio de Dança Silvana Marques, às 20h, na Estação Cultural
- Dia 27**
> Espectáculo convidado: "Som", Cia. Fusion (Belo Horizonte), às 19h, no Parque Halfeld
- > Intervenção artística: "Gruta lupa", Grupo de Dança da UFJF, das 19h às 21h, no CCBM

- Dia 27 (continuação)**
> Mostra de espetáculos: "Reconstrução", Grupo EmcenaCem, às 21h, no CCBM
- Dia 28**
> Intervenção artística: "Tribal fusion", Yalla, ao meio-dia, em frente ao Cine-Theatro Central
- > Mostra de espetáculos: "Advento do ser: metáforas da inquietude", Cia. Balé Bailão (Itapipoca/CE), às 19h, no CCBM
- > Mostra de espetáculos: "A lei de amor", Grupo Over Jazz, às 21h, no Pró-Música
- Dia 29**
> Intervenção artística: "Flash dance" e "Chica chica bum", Studio de Dança Vivian Mockdece, ao meio-dia, em frente ao Cine-Theatro Central
- > Mostra de espetáculos: "2 em 1 - solos da Intime", Intime Cia. de Dança (Rio de Janeiro), às 20h, no CCBM
- Dia 30**
> Intervenção artística: "Laboratório volátil", Lilian Gil e Raissa Raioia, a partir das 14h, em qualquer momento de chuva, na Praça da Estação
- > Mostra de espetáculos: "O Jardim das rosas amarelas", Companhia Gira Dança (Natal/RN), às 20h, no Teatro Academia
- Dia 1º**
> Intervenção artística: "Re-conhecendo a Raiz Nagô", Mucambos de Raiz Nagô (São Paulo), às 11h30, cortejo do CCBM até o Parque Halfeld
- > Espectáculo convidado: "Corpos, ação, movimento e só", Cia de Dança Masculina Jair Moraes (Curitiba/PR), às 20h, no Pró-Música

Mistura que não acaba em samba, mas em tango

Se, como caracteriza Santiago Córdoba, "o tango é uma música universal como qualquer outra música popular", fica realmente difícil definir o estilo do Violentango, devido à mistura que a banda executa em cena com diferentes levadas musicais, como rock, jazz e blues. A vontade de escapar à massificação fez com que, no final de 2004, os cinco músicos ocupassem as ruas de Buenos Aires com sua liberdade criativa, sem restrições de horários nem de gravadoras. Isto, sim, poderia soar como a melhor conceituação do espírito Violentango, embora eles - nenhum tem mais de 30 anos - ainda sejam bastante novos para a escola clássica do tango.

"A rua tem algo: se o povo gosta do que está ouvindo, fica. Se não, vai embora",

MAITÉN RINALDI



Tango

BRUNO CALIXTO
Reporter

Longo do requinte dos salões e da nobreza dos teatros, a banda argentina Violentango nasceu para ser marginal. No melhor sentido da palavra, é claro. "Não fazemos tango a partir da perspectiva intelectual", explica, por e-mail, Adrian Ruggiero, responsável por violão e bandleon do quarteto, que conta ainda com Andres Ortega (violão), Juan Manuel Lopez (violão) e Santiago Córdoba (percussão).

Fugido das partituras e a caminho do bom e velho tango popular, a banda, pela primeira vez, está em turnê pelo Brasil, onde os músicos encontraram um nicho preparado para acalentar sua sonoridade instrumental-alternativa, em que um clássico pode ser transformado em uma desconhecida e irreverente canção. Eles chegam à cidade nesta quinta para participar do Quilanda Cultural Especial, que abre, oficialmente, o 2º Festival de Dança de Juiz de Fora.

No palco da festa, armado no Cultural Bar, o Violentango prova sua ligação com o movimento, que, inclusive, será a palavra de ordem dos próximos dias por aqui, onde diferentes manifestações de ritmos e marcações tomarão ruas e espaços fechados até 1º de maio. "Somos levados pelo ritmo apaixonado do tango,

focados em milongas populares", ressaltava Ruggiero. "A ideia é mostrar o tango urbano tradicional, através de uma linguagem experimental e, muitas vezes, caótica, inspirada nas narrativas musicais de Astor Piazzolla", completa o músico, destacando que a turnê "Rock de Nylon 2010" já percorreu grande parte da Europa (cinco turnês) e da América Latina.

Composições como "Barceluna", "Intro" e "Memos sol", segundo o violonista, demonstram um metódico trabalho na busca por novos ritmos e sonoridades. Por outro lado, arranjos como "A fuego lento" ou "Libertango" deixam clara sua força, criatividade e virtuosismo. O quarteto já passou pelas capitais Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Com relação à língua, nenhum problema, mesmo porque não há letra na música instrumental da banda. "Há um desafio em tentar fazer alguém sentir algo sem a necessidade de usar palavras", pondera Ruggiero.

Para receber os hermanos, as bandas Silva Soul e 3, 2, Único fazem as honras da casa. Além da música, a noite, coordenada pela produtora Cibele Lopes, também terá a exibição de vídeos, performances de dança e exposições de artesanato e fotografia, com trabalhos do jovem Felipe Matias, que resolveu adotar o tema "ritmo, dança e movimento", adequando sua inclinação por artes plásticas ao repertório apurado do Violentango.

Em turnê pelo país, banda Violentango, de Buenos Aires, apresenta sua mistura alternativa em Juiz de Fora

responsável pela formação, que, a seu modo bem particular, vendeu mais de 40 mil cópias dos quatro álbuns lançados, sendo a maior parte na rua. De acordo com o percussionista, este é o motivo para tantas viagens em tão pouco tempo de estrada. Após deitar e rolar no cenário encoberto pelas belezas de Minas Gerais, o grupo segue para a Argentina, preparando-se para retornar ao Velho Continente em junho, quando inicia outra temporada na cidade de Madrid.

E o movimento continua

Na sexta, o festival de dança prossegue com a programação, que inclui a exposição fotográfica "Movimentos". Cerca de 70 obras de 19 fotógrafos locais retratam temas como dança e o olhar que a conceitua. Ao longo da semana, outras 52 atividades estão agendadas, entre oficinas, sessões de cinema e apresentações variadas de dança. Confira a programação completa do 2º Festival Nacional de Dança no site www.pf.mg.gov.br

VIOLENTANGO
Quinta, às 23h.
Cultural Bar
(Av. Deusdedit, São João)
3.955 - Salvadoria.
3233-3388



O grupo argentino se apresenta pela primeira vez no Brasil

ANEXO F – Matéria grande com chamada no caderno de cultura e no jornal

12/03/2009 – Tribuna de Minas / Caderno Dois

O PROJETO QUITANDA CULTURAL FAZ HOMENAGEM ÀS MULHERES NA CASA DE CULTURA, HOJE, COM MOSTRA FOTOGRÁFICA, MÚSICA, EXIBIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO E FEIRA DE ARTESANATO

Caderno Dois

QUITANDA CULTURAL

Projeto volta a ocupar as dependências da Casa de Cultura nesta noite, com show do Lúdica Música!, exibição do documentário “Mulheres em movimento 2.0” (foto), venda de produtos da Casa da Menina Artesã, entre outras atrações.

Página 6



Quitanda Cultural

FEIRA DE ARTE E ESCAMBO

De volta à programação da cidade, projeto leva música, bate-papo, exposição e entretenimento à Casa de Cultura



Maria Maria: integrantes do movimento feminista nos bastidores da gravação de "Mulheres em movimento 2.0"

Divulgação



Linha Musical: trio formado por Isabela Ladeira, Guiti Mendes e Rossano Brito está escalado para encerrar a feira de cultura

Com R\$ 1, você compra um pé de alface. Com R\$ 3, um quilo de tomate. E, com R\$ 5, você faz a festa na Quitanda Cultural. Aliás, festa é o que não vai faltar na primeira edição do ano do projeto que reúne, hoje, música, artes plásticas, bate-papo, teatro e muitos comes e bebes. "Estou muito feliz com o resultado de 2008 e com as novidades que pretendemos implantar em 2009, como mais mesas e cadeiras para receber quem gosta de uma boa feira livre de arte", ressalta a responsável pela mistura cultural, Cibele Lopes, adiantando que sorteará brindes para as mulheres presentes no encontro.

A Casa de Cultura tem sido o cenário adequado para Cibele dar voz ao projeto, que, no futuro, pretende alçar voos mais altos. "Não é novidade a intenção de desenvolver a Quitanda nos bairros, o que acontecerá em breve, já que a proposta foi aprovada pelo Ministério da Cultura", conta. Santa Cândida, São Pedro e Monte Castelo, segundo Cibele, são as comunidades que, a princípio, estão escaladas para participar do programa, que inclui ainda o acesso de jovens destas áreas a cursos na Casa de Cultura.



CASA DA MENINA ARTESÃ: uma das integrantes do projeto municipal finaliza a confecção de adereço de decoração, à venda, hoje, na Casa de Cultura



FOCO FEMININO: imagens de mulheres e seu cotidiano, clicadas por Aline Bastos e Mariana Quintão, podem ser conferidas durante o encontro

Mercadorias de primeira

Um dos destaques da festa ficará por conta das "di-versões" reunidas no repertório do Lúdica Musical. Em aproximadamente 90 minutos de show, Isabela Ladeira (voz e percussão), Rosana Brito (voz e violão) e Gutti Mendes (voz e guitarra) - trio fixo da banda - irão realizar sua viagem por clássicos da música popular de Minas e do restante do Brasil, interpretando nomes como Ivan Lins, Lô Borges, Milton Nascimento, Catirhos Veiguetto, Chico Buarque, André Abujamra, Zeca Baleiro e Tribalistas. Além das versões, a trupe - em turnê com o primeiro CD/DVD "Di-versões Lúdicas ao vivo... e a cores!" - lembra de autorais como "Fogaréu" e "Demorô".

Antes disso, será exibido o documentário "Mulheres em movimento 20", do grupo feminista Maria Maria. As autoras Marlina Lima e Bruna Provasi partiram do festival de cultura feminista Mulheres no Volante para discutir a real situação da mulher na música. "Que imagens as musicistas têm de si mesmas? De que forma elas enxergam o movimento feminista?", questionam. A resposta pode vir à tona no bate-papo liderado por Alessandra S. Muniz, jornalista responsável pelo jornal "Mulher", ou nas performances poéticas e artísticas que abordarão obras escritas por e/ou para mulheres. A atriz Lívia Gomes, por

exemplo, interpretará "Ruísis", de Hilda Hilst, enquanto o trio Vendo Pão & Água, com Patrícia Almeida, Sil de Andrade (violão) e Daniel Tibúrcio (guitarra), reunirá poesia e música em torrio de textos do cotidiano, que falam, sobretudo, de amor.

Entre um petisco e outro do bar armado no local, as fotógrafas Aline Bastos e Mariana Quintão expõem cerca de 30 obras que também retratam a mulher. Uma das novidades será o "troca-troca" que Cibele Lopes vai experimentar nesta edição. "A intenção é que cada um leve roupas para permutar entre si, sem gastar grana, como um escambo mesmo", explica.

Programa da Secretaria de Assistência Social (SAS), a Casa da Menina Artesã também marcará presença, comercializando bijuterias, broches, chaveiros, artigos de decoração, jogo americano, toalha para bandeja, a preços que variam entre R\$ 4 e R\$ 60. "Esperamos vender bastante, já que a verba arrecadada é uma geração de renda para as alunas", afirma a coordenadora do programa, Kénia Borges, uma das muitas representantes do sexo nada frágil que vai liderar a Quitanda Cultural de hoje.

ANEXO G – Portais

10/06/2008 - www.zinecultural.com - Notícias



CULTURA... A Quitanda Cultural de junho vai reunir música, exposição, dança, poesia, filme e pré-lançamento do primeiro DVD da Cia. Putz!, quinta-feira, dia 12, na Casa de Cultura da UFJF (*Avenida Rio Branco, 3.372*), de 18h30 às 22h30. Entrada R\$5. Infoline: (32) 3215-4694.



20/04/2010 – www.jfbuscaki.com.br – JF Informação



CURTINHA JFBUSCAKI/QUITANDA CULTURAL
(20/04/2010) Na quinta (22/04) rola mais uma edição da "Quitanda Cultural", no Cultural Bar. O evento traz como destaque o grupo argentino Violentango e conta ainda com as participações das bandas 3, 2, Único e Silva Soul.

22/04/2010 – www.emiolo.com - Agenda



Quitanda Cultural Especial - Violetango

Local : Cultural Bar

Data : 22-04-2010

Site/Blog: www.culturalbar.com.br

Informações: 3231 - 3388



Descrição

VIOLETANGO

“Melodiosa armonía tanguera desbocada. Violenta ternura que estremece y acaricia. Conciertos con luz propia para alumbrar y estremecer estadios, plazas y teatros. Actuaciones irrepitibles y discos cómplices tatuados en locales nocturnos y rincones de recogimiento hogareño. Prólogos de acogedor clasicismo con umbrales y ventanas ocultas en arquitecturas más reales cuanto más soñadas. Escaleras áureas hacia ritmos sorprendentes que el oleaje siempre devuelve a la matriz para arrastrarles juntos a la gran aventura de la convivencia. Alquimias tangueras amantes de los desenlaces napoleónicos o a fuego lento. Alquimias esenciales lánguidas y violentas, imprevisibles y liberadoras, introspectivas o apoteósicas, pero que siempre te llevan a buen puerto. Tango de I+D. Vanguardia con filias rockeras y fobias electrónicas, en pos de fusiones genuinas más orgánicas. Versátil gimnasia melódica. Galaxia tanguera estrenando órbitas para su nueva Era.”

Show de Abertura: 3, 2 único

Show de Fechamento: Silva Soul

20/04/2009 - www.acesa.com - Coluna social Jorge Júnior



Quitanda Cultural



Quinteto São do Mato. Foto: Thais Thomaz

Na última quinta-feira, dia 16 de Abril, a Casa de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora foi cenário para mais uma edição da Quitanda Cultural. A noite foi marcada pelo ritmo brasileiro do “Quinteto São do Mato”, o lançamento da terceira edição do caderno literário “Encontrare”, que abre espaço para novos escritores. Na feira também aconteceram performances do Clube da Comédia, artesanato e exposição.



Dudu Costa - Bruno Tuler. Foto: Thais Thomaz



A anfitriã Cibele Lopes. Foto: Thais Thomaz



Quinteto São do Mato. Foto: Thais Thomaz



007 - Luciana - Gilberto - Edson. Foto: Thais Thomaz



Quitanda Cultural. Foto: Thais Thomaz



Gueminho Bernades. Foto: Thais Thomaz



Quinteto São do Mato. Foto: Thais Thomaz

ANEXO 8 - Blog

05/06/2009- www.radialistaleodeoliveira.blogspot.com

Casa de Cultura lança site na Quitanda Cultural



Fotos das atrações e da edição passada.



Oficina de arte na Casa de Cultura



Uma das fotos da Exposição "LUZ DOS OLHOS" que aconteceu na Casa de Cultura



Matilda



Davi

Na próxima quinta-feira, dia 10, a Quitanda Cultural volta à Casa de Cultura. Depois do cancelamento da edição de agosto, devido às recomendações do Comitê Municipal de Enfrentamento à Influenza A H1N1, a Quitanda de setembro volta recheada de atrações. No evento será feito o lançamento oficial do site da Casa de Cultura. A música fica por conta da banda “Matilda” e o grupo de dança “Luz de Brada” estreará a performance “Mergulho em Nafs”. Quem for à Quitanda também poderá conferir a instalação “Querido Diário (tópicos para uma semana utópica)” de Raissa Ralola e Felipe Mussel, o lançamento do curta “Davi”, de Lívia Maia, exposição “ Luz dos Olhos”, de Bruno Moraes e o artesanato Maria Buzina.

A Quitanda Cultural acontece na Casa de Cultura, a partir das 19h e a entrada custa cinco reais.

Quitanda nos Bairros

No sábado, dia 12, o projeto Quitanda nos Bairros volta ao Dom Bosco. A idéia da Casa de Cultura é levar a Quitanda Cultural, realizada nos jardins da Casa, até os bairros. Depois do sucesso da primeira edição realizada no bairro, a segunda Quitanda no Dom Bosco contará com apresentações de grupos locais, como “ReggaeBem”, “Sorriso Sensual” e “Erê” e da banda Darandinos . Os moradores organizarão barraquinhas de comida e artesanato. Também haverá exposição de fotos do Projeto Educação e Cultura Geracional e do Pólo de Envelhecimento da Casa e um varal de poesia com textos de uma aluna do projeto, Aline Alves Pereira.

A Quitanda será realizada no Jardim Paraíso, lugar também conhecido pelos moradores como “Chapadão”, no sábado, dia 12, de 13 às 17h.